

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO (UEMA)
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS (CCSA)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CARTOGRAFIA SOCIAL E POLÍTICA
DA AMAZÔNIA (PPGCSPA)**

ANDERSON BOÁS VIANA

**EXPERIÊNCIA DA MORTE COMO EXPERIÊNCIA DE VIDA:
COVEIROS, “OBSERVADORES PRIVILEGIADOS DA DESPEDIDA”**

São Luís
2021

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO (UEMA)
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS (CCSA)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CARTOGRAFIA SOCIAL E POLÍTICA
DA AMAZÔNIA (PPGCSPA)**

ANDERSON BOÁS VIANA

**EXPERIÊNCIA DA MORTE COMO EXPERIÊNCIA DE VIDA:
COVEIROS, “OBSERVADORES PRIVILEGIADOS DA DESPEDIDA”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia – PPGCSPA/Centro de Ciências Sociais e Aplicadas da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, como requisito para obtenção do título de Mestre em Cartografia Social e Política da Amazônia.

Linha de Pesquisa do Programa: Narrativa, memória e identidades coletivas na Amazônia

Orientador: Dr. Greilson José de Lima

São Luís
2021

Viana, Anderson Boás.

Experiência da morte como experiência de vida: coveiros, “observadores privilegiados da despedida” / Anderson Boás Viana. – São Luís, 2021.

119f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia, Universidade Estadual do Maranhão, 2021.

Orientador: Prof. Dr. Greilson José de Lima

1.Cemitério do Gavião. 2.Coveiros. 3.Estigmas. 4.Lugar de memória. 5.Rituais.
I.Título

CDU: 393(812.1)

ANDERSON BOÁS VIANA

**EXPERIÊNCIA DA MORTE COMO EXPERIÊNCIA DE VIDA:
COVEIROS, “OBSERVADORES PRIVILEGIADOS DA DESPEDIDA”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia – PPGCSPA/Centro de Ciências Sociais e Aplicadas da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, como requisito para obtenção do título de Mestre em Cartografia Social e Política da Amazônia.

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Greilson José de Lima (Orientador)

Prof.^a Dr.^a Karina Biondi (Examinadora Interna)

Prof.^a Dr.^a Kláutenys Dellene Guedes Cutrim (Examinadora Externa)

Dedico esta Dissertação aos Coveiros do
Cemitério do Gavião.

AGRADECIMENTOS

Em especial, agradeço...

Primeiramente a Deus, Fonte de Vida, pelas bênçãos, amor e cuidado que sempre tem comigo.

A minha esposa Ariele Boás, pelo companheirismo, amor, carinho e compreensão.

Aos meus filhos Miguel e Gael, fontes de inspiração.

A minha mãe Maria Gorete Boás, pela paciência e incentivo

As minhas irmãs Lidiane Boás e Cristiane Boás, pela amizade, amor e companheirismo.

Ao meu orientador professor Greilson José de Lima, pela disponibilidade e pela valiosa orientação e direcionamento do percurso a ser seguido para o resultado desta dissertação.

Às professoras Kláutenys e Karina Biondi que fizeram parte da banca avaliadora desta dissertação e que muito contribuíram para a conclusão da mesma.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia da UEMA, pelo acolhimento e pelos ensinamentos para a construção e reconstrução do arcabouço teórico utilizado durante o curso e que servirão para a vida.

Aos colegas da pós-graduação com quem tanto aprendi nas ricas discussões em sala de aula.

À Diretoria do Cemitério do Gavião pela recepção para a pesquisa e pelas informações fornecidas ao longo da pesquisa.

Aos meus amigos que escutaram as várias versões desta pesquisa e ainda assim se dispunham a contribuir com outros pontos de vista.

Aos amigos Antonio Warley e Rodrigo Esdras pela companhia em visita ao Cemitério do gavião para uma tarde de registros fotográficos e conversas.

Ao amigo Ulisses Bianck pelos conselhos e pela ajuda nas traduções dos textos em língua estrangeira.

Aos sujeitos desta pesquisa “Antonio”, “Benedito” e “Carlos”, que se dispuseram a contribuir significativamente para construção deste estudo a partir de suas próprias narrativas.

Enfim, a todos que, direta ou indiretamente, colaboraram para que eu conseguisse chegar até aqui.

Uma tarde de abril suave e pura
Visitava eu somente ao derradeiro
Lar; tinha ido ver a sepultura
De um ente caro, amigo verdadeiro.

Lá encontrei um pálido coveiro
Com a cabeça para o chão pendida;
Eu senti a minh'alma entristecida
E interroguei-o: “Eterno companheiro

Da morte, quem matou-te o coração?”
Ele apontou para uma cruz no chão,
Ali jazia o seu amor primeiro!

Depois, tomando a enxada, gravemente,
Balbuciu, sorrindo tristemente:
- “Ai, foi por isso que me fiz coveiro!”

“O Coveiro”, de Augusto dos Anjos (1998).

RESUMO

A presente dissertação tem o objetivo de apresentar o universo do Cemitério do Gavião, a partir das narrativas dos profissionais que lá trabalham. Para tanto, escolhemos como sujeitos da pesquisa, os coveiros, também conhecidos como sepultadores - profissionais que carregam estigmas de profissão discriminada, rejeitada e invisível aos olhos da sociedade, embora paradoxalmente seja considerada uma profissão essencial para a mesma sociedade. Definido o objeto de estudo, esta pesquisa investiga a relação que a profissão do coveiro, carregada de estigmas no imaginário popular, está atrelada aos estigmas reificados na sociedade ocidental contemporânea sobre a morte, sobre o morrer e sobre o próprio cemitério. Neste estudo, portanto, apresentamos e analisamos as questões do dia a dia e os significados construídos pelos próprios coveiros que vivenciam aquele cotidiano (espaço/tempo). Ao longo dos capítulos, repletos de fotografias e, principalmente, narrativas, são observadas as práticas triviais, os gestos, as expressões faciais e a rotina operacional do trabalho, nos possibilitando conhecer histórias e estórias até então silenciadas. Para melhor compreensão da proposta desta dissertação, a sua construção se deu em cinco capítulos. Assim, após a introdução, são abordados, os desdobramentos do tema, percebendo nas narrativas, assuntos como percepção dos estigmas, o modo de trabalho e organização diária, os filmes e a literatura que ratificam a imagem estigmatizada do cemitério e dos profissionais que lá trabalham e as relações de afeto estabelecidas naquele ambiente. No capítulo três, discorre-se sobre as especificidades do Cemitério do Gavião, não a partir de descrição literária, mas a partir da percepção dos coveiros sobre o lugar, sobre as suas características, sobre a arte cemiterial e sobre as lendas. No quarto capítulo faz-se uma análise crítica acerca do Cemitério do Gavião como um lugar de memória e práticas de ritualização, para tanto relacionamos diferentes autores que tratam sobre a temática e apresentamos os rituais percebidos diariamente no cemitério, bem como foi possível refletir sobre os rituais em tempo de pandemia e como esse período tem afetado a rotina no/do cemitério. Para conclusão da pesquisa, apresentam-se as considerações finais de forma reflexiva sobre o percurso e sobre as observações do campo. Percebe-se que o Cemitério é um lugar de diferentes interpretações, um bem integrante da consciência de uma sociedade, portanto, paradoxalmente, um lugar de vida.

Palavras-chave: Cemitério do Gavião. Coveiros. Estigmas. Lugar de Memória. Rituais.

ABSTRACT

This dissertation aims to present the universe of Gavião Cemetery, based on the narratives of the professionals who work there. Therefore, we chose as research subjects the gravediggers, also known as buriers - professionals who carry the stigmas of a discriminated, rejected and invisible profession in the eyes of society, although paradoxically considered an essential profession by the same society. Having defined the object of study, this research investigates the relation between the gravedigger's profession, deeply stigmatized in the popular imagination, and the reified stigmas in contemporary western society about death, about dying and about the cemetery itself. In this study, therefore, we present and analyze the issues of everyday life and the meanings constructed by the gravediggers who experience that routine (space/time). Throughout the chapters, enriched with photographs and, specially, narratives, trivial practices, gestures, facial expressions and the operational routine of their work are observed, allowing us to know histories and stories so far unheard of. For a better understanding of the proposal of this dissertation, its construction took place in five chapters. Thus, after the introduction, the theme's unfolding is addressed, noticing in the narratives issues such as perception of stigmas, the way of working and daily organization, the films and literature that confirm the stigmatized image of the cemetery and the professionals who work there, and the affective relationships established in that environment. In chapter three, the specificities of the Gavião Cemetery are discussed, not based on a literary description, but based on the gravediggers' perception of the place, its characteristics, cemetery art and legends. The fourth chapter presents a critical analysis of this cemetery as a place of memory and ritualization practices. For this, we list different authors who deal with the theme and present the rituals perceived daily in the cemetery. Also, it was possible to reflect on the rituals during a pandemic and how this period has affected the routine in/of the cemetery. To conclude the research, the final considerations are presented in a reflective way about the avenues and observations in the field. It is noticed that the Cemetery is a place of different interpretations, an integral part of the conscience of a society, therefore, paradoxically, a place of life.

Keywords: Gavião Cemetery. Gravediggers. Stigmas. Place of Memory. Rituals.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1	Entrada do Cemitério de São Pantaleão em 11/01/2021 (Segunda-feira)	11
Imagem 2	Exposição Fotográfica <i>Uma Arte Além da Vida</i> , no Simpósio Internacional Interdisciplinar em Cultura e Sociedade, em 2019, na Universidade Federal do Maranhão	13
Imagem 3	Arte cemiterial e atividade laboral dos coveiros ao fundo	14
Imagem 4	Sepultamento no cemitério do Gavião em 12/02/2021 (sexta-feira)	24
Imagem 5	Coveiro do cemitério do Gavião se deslocando para atividades diárias	25
Imagem 6	Autor da pesquisa em conversa com o sujeito da pesquisa (história oral).	27
Imagem 7	Uma tarde de sábado no cemitério do Gavião (17/10/2020)	28
Imagem 8	Uma tarde de quarta-feira no cemitério do Gavião (23/12/2020)	29
Imagem 9	Sepultura em processo de restauro (17/12/2020)	30
Imagem 10	Sepultura em restauro	30
Imagem 11	Restaurador	40
Imagem 12	Final de expediente	41
Imagem 13	Rio Bacanga visto do Cemitério do Gavião	42
Imagem 14	Arte cemiterial que conota afeto	59
Imagem 15	Sepultura deteriorada	64
Imagem 16	Má conservação do Gavião	65
Imagem 17	O Gavião visto de cima	72
Imagem 18	Frase no muro de entrada do Cemitério do Gavião	73
Imagem 19	Capela do Cemitério do Gavião	74
Imagem 20	Túmulos arquitetonicamente desordenados	75
Imagem 21	Túmulo de Benedito Leite	76
Imagem 22	O herói caído, obra de Flory Gama	78
Imagem 23	Arte Cemiterial (Túmulo de Almir Parga Nina)	79
Imagem 24	Arte Cemiterial (Túmulo de Jorge Almir Feres)	80
Imagem 25	Caveira na entrada do Cemitério do Gavião	82

Imagem 26	Coluna Quebrada	83
Imagem 27	Pietá	84
Imagem 28	Epitáfios no Gavião	87
Imagem 29	Lenda (Túmulo de Antonina)	88
Imagem 30	Carpideira na entrada da Capela do Gavião	96
Imagem 31	Acendendo Velas	97
Imagem 32	Dia de Finados no Gavião	98
Imagem 33	Cochilo sobre a sepultura	99
Imagem 34	Vendedores ambulantes	100
Imagem 35	O dentro visto de for	107
Imagem 36	O fora visto de dentro	107
Imagem 37	Árvore defronte à capela	111

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	Considerações Iniciais	11
1.2	Construção do Objeto	13
1.3	Desdobramento do Objeto	16
1.4	Caminhos Metodológicos	21
2	PROBLEMATIZANDO O ESTIGMA	34
2.1	O Trabalho dos Coveiros	42
2.2	Filmes/literatura	52
2.3	Relações de Afeto	58
2.4	Meios para Ludibriar o Estigma	65
3	O CEMITÉRIO DO GAVIÃO E SUAS PECULIARIDADES	71
3.1	Arte Cemiterial	77
3.2	Lendas no Cemitério do Gavião	87
4	A PERCEPÇÃO DOS RITUAIS E A RELAÇÃO COM A MEMÓRIA NO CEMITÉRIO DO GAVIÃO	90
4.1	Lugar de memória: uma referência na história	101
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
	REFERÊNCIAS	113

1 INTRODUÇÃO

1.1 Considerações Iniciais

Compondo o mosaico histórico da cidade de São Luís, sendo um lugar de memória e contribuindo de forma relevante para o enriquecimento artístico e cultural da cidade, encontra-se o Cemitério de São Pantaleão, mais conhecido como Cemitério do Gavião, em homenagem ao bairro que está localizado: Quinta do Gavião, divisa dos bairros Madre Deus e Belira, no município São Luís, estado do Maranhão. O Cemitério situa-se no final da Rua Rodrigues Fernandes, mais conhecida como Rua do Passeio e defronte à Praça da Saudade no Largo do Gavião. Segundo Carlos de Lima (2007) no livro Caminhos de São Luís, o nome “Rua do Passeio se refere ao último passeio que cada um faz na caminhada para o campo santo”. Já o nome Praça da Saudade se refere ao “último adeus, ou o primeiro local a se sentir saudade após o enterro”.

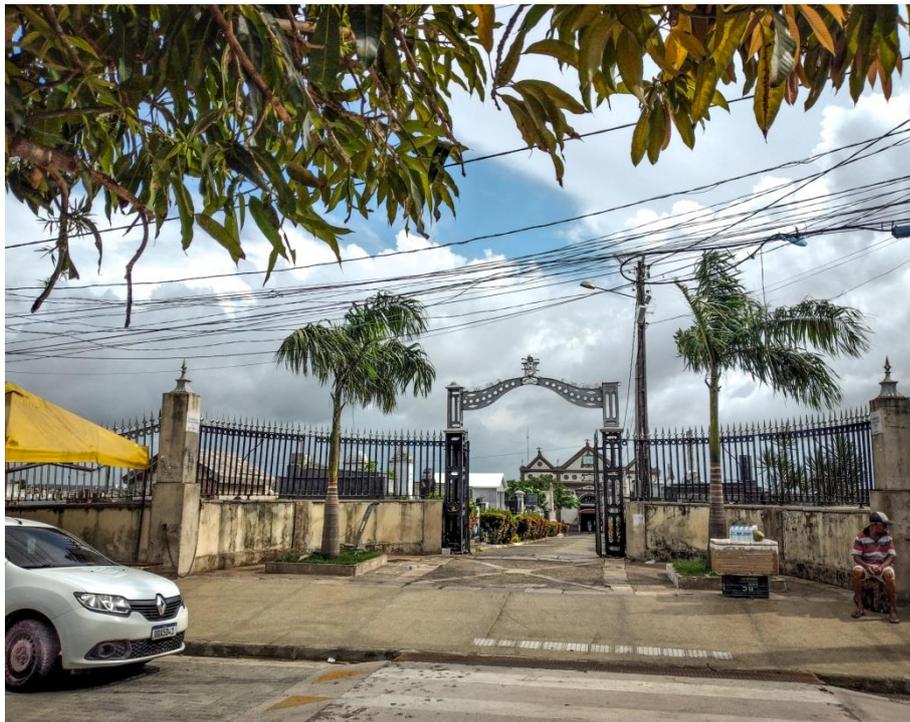


Imagem 1: Entrada do Cemitério de São Pantaleão em 11/01/2021 (Segunda-feira). **Fonte:** Acervo pessoal.

A temática relacionada a cemitério começou a fazer parte da minha trajetória acadêmica em 2006, quando ainda na graduação em Educação Artística, iniciei trabalhos de pesquisas na área da cultura e história da arte; logo no primeiro contato, conceitos e definições foram abalados, desconstruídos e recompostos. Digo isso em relação às pré-noções

que eu tinha acerca do cemitério como um lugar de enterro de pessoas mortas, um lugar misterioso e ao mesmo tempo deserto. Em seguida me apaixonei por esse lugar carregado de significados; [...] perscrutar sobre arte no cemitério é valorizá-lo enquanto um museu a céu aberto, destacando o seu potencial artístico e cultural.

Anos mais tarde, iniciei trabalhos fotográficos de observação e o cenário favorito sempre foi o Cemitério do Gavião, em cada fotografia um novo olhar... Cada fotografia cadenciava a análise sobre o lugar físico e ao mesmo tempo inspirava uma reflexão teórica sobre memória, sobre a morte e o morrer.

Um fator determinante para escolha do Cemitério como campo de estudo foi a afinidade com a arte e com a fotografia; a arte cemiterial relata histórias, desperta a fruição, a curiosidade e se torna, pelas suas peculiaridades, uma rica fonte de pesquisa. A pesquisa sobre esse tipo de arte busca instigar discussões e aguçar o senso crítico, proporcionando um novo olhar propício à fruição pautada em gostos estéticos e análise social.

Nesse período de quinze anos de pesquisas sazonais neste lugar, alguns textos pude escrever, podendo destacar o trabalho de conclusão da graduação em Educação Artística (*O CEMITÉRIO DO GAVIÃO: um museu a céu aberto*)¹; o trabalho de conclusão da graduação em Turismo (*Turismo em Cemitérios na Cidade de São Luis*)²; e a exposição fotográfica *Uma Arte Além da Vida* que foi exposta algumas vezes em São Luís e já percorreu os estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Norte, sendo exposta pela última vez no Simpósio Internacional Interdisciplinar em Cultura e Sociedade, em 2019, na Universidade Federal do Maranhão.

¹ TCC apresentado para conclusão da graduação em Licenciatura em Educação Artística na Universidade Federal do Maranhão.

² TCC apresentado para conclusão da graduação em Turismo Bacharelado na Faculdade Atenas Maranhense.



Imagem 2: Exposição Fotográfica *Uma Arte Além da Vida*, no Simpósio Internacional Interdisciplinar em Cultura e Sociedade, em 2019, na Universidade Federal do Maranhão. **Fonte:** Acervo pessoal.

A proposta dessas pesquisas iniciais acerca desta temática, partiu de uma inquietação pessoal enquanto pesquisador de cemitério com relação às várias funções desses espaços, pois se percebe que os cemitérios são muito discriminados; são rotulados por muitos como assustadores, macabros e até perniciosos. Porém, nesta dissertação houve uma mudança no enfoque da pesquisa, se dando no mesmo campo de estudo, porém deslocando o objeto de estudo para os coveiros, pois passei a investigar a relação que a profissão do coveiro, carregada de estigmas no imaginário popular, está atrelada aos estigmas reificados na sociedade ocidental contemporânea sobre a morte, sobre o morrer e sobre o próprio cemitério. Da mesma forma, a profissão do coveiro, também chamado de sepultador, carrega esse estigma de profissão discriminada, rejeitada e invisível aos olhos da sociedade, embora paradoxalmente seja considerada uma profissão essencial para a mesma sociedade.

1.2 Construção do Objeto

Para falar da construção e definição do objeto de estudo desta pesquisa, é importante dizer que desde a seleção para o programa de pós-graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia, sempre soube que queria fazer um estudo no Cemitério do Gavião, porém a princípio imaginei escrever sobre Lugar de Memória numa perspectiva antropológica; no entanto, com o decorrer das disciplinas e o contato com outras bibliografias,

a escolha do objeto de estudo perpassava por uma análise que envolvia arte, memória, cultura e história; não obstante, durante a disciplina de *seminário de pesquisa*, analisando as contribuições dos professores do programa, assim como os ensinamentos do orientador desta pesquisa, o rumo desta dissertação foi modificado, pois proporcionou reflexões teóricas e práticas das possíveis análises acerca do estigma da profissão do coveiro e das relações desse personagem com o lugar de memória.



Imagem 3: Arte cemiterial e atividade laboral dos coveiros ao fundo. **Fonte:** Acervo pessoal.

Digo que a disciplina seminário de pesquisa marcou o momento de inflexão deste estudo, pois houve um movimento de inversão de perspectiva do campo de estudo e deslocamento do objeto. Neste estudo, portanto, pretendo analisar as questões do dia a dia e os significados construídos pelos próprios coveiros que vivenciam aquele cotidiano (espaço/tempo). Pretendo observar as práticas triviais, os gestos, as expressões faciais, a rotina operacional do trabalho; e, perceber nas conversas e entrevistas as narrativas até então silenciadas, histórias ainda não contadas por aqueles sujeitos que, embora “invisíveis”, têm potencial de narradores.

As narrativas dos sujeitos desta pesquisa estruturam-se num tempo e espaço vivenciado por eles, não linear, inscritas em suas subjetividades a partir das experiências vividas, das representações e das interpretações que construíram e continuam a construir de si próprios e de todo seu cotidiano laboral. A narrativa é, por Benjamin, considerada um dos

meios de comunicação em que a experiência está presente. Através de histórias narradas, há troca de experiências entre o contador e o ouvinte. Portanto, a narrativa faz com que o acontecimento se integre na vida do contador de histórias para passá-lo aos ouvintes como experiência. Por isso, o contador de história deixa na experiência as suas marcas. A narrativa se constrói minuciosamente e não está interessada em transmitir o puro em si da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. (BENJAMIN, 1985, p. 205)

Essa construção do objeto de estudo é interessante na medida em que é elaborado e reelaborado durante a pesquisa, sempre tendo um foco de abordagem, estabelecendo as fontes de pesquisa, mas que se amplia a cada leitura, a partir de novas possibilidades interpretativas e de narrativas.

A construção do objeto – pelo menos na minha experiência de investigador – não é uma coisa que se produza de uma assentada, por uma espécie de ato teórico inaugural, e o programa de observações ou de análises por meio do qual a operação se efetua não é um plano que se desenhe antecipadamente, à maneira de um engenheiro: é um trabalho de grande fôlego, que se realiza pouco a pouco, por retoques sucessivos, por toda uma série de correções, de emendas, sugeridos por, o que se chama de ofício, quer dizer, esse conjunto de princípios práticos que orientam as opções ao mesmo tempo minúsculas e decisivas (BOURDIEU, 1989, p. 26-27).

Destaca-se que o campo de estudo desta dissertação é o local cemitério, porém o objeto de pesquisa é o cotidiano da atividade do coveiro no cemitério de São Pantaleão, analisando suas experiências vividas a partir de suas próprias narrativas e concebendo-o como um guardião da memória. O objetivo geral deste estudo foi analisar as relações no/do trabalho dos coveiros que atuam no Cemitério de São Pantaleão, de modo a problematizar o estigma dessa profissão, ao mesmo tempo refletir sobre a relação desses profissionais com a memória nesse “lugar de memória”. O objeto de estudo da pesquisa delineou-se na medida em que foi ficando cada vez mais evidente que para problematizar o estigma da profissão do coveiro era necessário refletir sobre a percepção ocidental da morte e do morrer, assim como para estudar o cemitério como lugar de memória era necessário apresentar o potencial desse espaço para resguardar a memória. Não se busca aqui fazer um estudo diacrônico, porém é necessário contextualizar algumas mudanças entorno do cemitério ao longo dos anos.

Sendo assim, a autora Natalia Scartezini diz que o objeto merece uma análise mais profunda e complexa que foge da autossuficiência e vai além da sua relação com os acontecimentos sociais. Entre o objeto e os acontecimentos sociais haveria um universo

intermediário, o campo, onde estariam inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem as artes e as ciências [...] são as relações construídas no espaço/tempo do campo que comandam a forma das relações visíveis de interação e o próprio conteúdo destas. (SCARTEZINI, 2011)

A maneira como esta dissertação ganhou forma, certamente diz muito sobre quem a escreve. As preocupações que ela contém e a relevância que determinados aspectos dessas preocupações assumiram correspondem a um longo caminho que perpassa pela descoberta de novas possibilidades dentro de uma perspectiva que envolve as diferentes áreas de formação deste autor. Porém, é importante esclarecer que embora haja esse contato com o campo há vários anos, identifico como dificuldade para a escrita esse novo olhar proposto nesta dissertação, um olhar a partir de uma perspectiva antropológica sobre o estigma da profissão do coveiro, destacando-o como um guardião da memória.

1.3 Desdobramentos do Objeto

A morte em si é um mistério, e o lidar com a morte é um tema ainda mais complexo. Ao longo da história da humanidade, considerando as diversas culturas e religiões, encontramos várias formas de lidar com a morte, assim como variadas formas de sepultamento. Não se pretende aqui fazer um estudo de tanatologia, nem mesmo sobre aspectos míticos ou religiosos sobre a morte. Desta forma, superando crenças religiosas sobre o que pensar sobre a vida após a morte, se existe ou não, superando ainda a dicotomia entre o sagrado e o profano, busco aqui apresentar a relação observada no Cemitério em suas diferentes formas, analisando a experiência dos coveiros em seu dia a dia laboral e a percepção deles sobre a profissão, sobre a morte, sobre a memória e sobre próprio cemitério.

O saber-se mortal é uma das marcas distintivas e características de humanidade. Os problemas que se desdobram a partir da evidência da transitoriedade da vida física abrem um horizonte amplo de questões e perguntas acerca do sentido não só da vida humana, mas de toda existência em geral. Respostas para essas perguntas postas e impostas pela facticidade da vida e da morte só podem ser dadas pela espécie humana, e muitas respostas têm sido dadas desde os primeiros registros antropológicos que marcam a presença humana no mundo. (RABELO, 2014, p. 19)

Numa análise histórica, o sepultamento dos mortos em cemitérios coletivos é muito antigo, os romanos e os judeus na antiguidade já faziam. Mas, até meados do século

XIX os cemitérios, em predominância, eram vinculados à igreja (RODRIGUES, 1997). Conhecida como Sepultamento eclesiástico, essa prática bastante disseminada pela igreja católica, até mesmo por gerar renda para a igreja, visto que quanto mais próximo do altar, indicava mais prestígio e o valor cobrado era bem mais caro. Essa reflexão histórica compreende outro objeto de estudo que servirá como base teórica para estudos posteriores; porém, aqui farei apenas um breve apanhado dessa contextualização.

A prática do sepultamento eclesiástico foi difundida por séculos, porém com o crescimento populacional, com a crescente urbanização das cidades, com os avanços sociopolíticos, com a questão da (in) salubridade e saúde pública em alta, ficou proibido o enterro em igrejas. Segundo Osman e Ribeiro (2007) as iniciativas para a criação de cemitérios secularizados a céu aberto foram decorrentes das práticas sanitárias vigentes à época, que condenavam a tradição medieval (transportada para cá no período colonial) de sepultamento dentro das Igrejas e a ligaram com a proliferação de diversos tipos de doenças. Esses discursos ganharam força no século XIX, culminando com a proibição dos enterros junto às igrejas.

Porém, Coe (2008) diz que essa proibição dos sepultamentos dentro da igreja não se deu somente pelo fator salutar:

A construção de cemitérios longe das igrejas não se fez apenas em favor de uma cidade mais salubre, também buscava livrar os cemitérios dos supostos vícios e misérias das cidades para devolver a esses recintos certa inocência e pureza, necessárias para o bom descanso dos mortos. (COE, 2008, p. 39)

Portanto, até o século XIX, as igrejas católicas é que detinham o poder sobre o enterrar e a localização diferenciava de acordo com posição social, econômica e/ou política, segundo Ariès (1977). O discurso era baseado na proximidade com a salvação, onde os mais abonados e católicos eram enterrados dentro da igreja e os menos abastados ou de outras religiões eram enterrados ao entorno dessa edificação. (ALGRAVE, 2008)

No entanto, trago para reflexão que aliado ao discurso de combate à insalubridade, a proibição de cemitérios dentro das igrejas foi uma questão de interesse político-econômico, pois a construção de novos espaços para o sepultamento desvinculados do espaço da igreja contribuiria com a iniciativa privada, a partir da contratação de empresas para o gerenciamento de sepultamentos, assim como a construção de cemitérios privados, embora alguns cemitérios fossem vinculados ao estado.

Alguns fatores foram decisivos para que os cemitérios fossem deslocados para fora da igreja e em espaços abertos. Um dos fatores é a preocupação sanitária, outro fator é a laicização do Estado, portanto todos, independente de religião, devem ser abrigados nos cemitérios de forma igualitária, antes os sepultamentos dentro da igreja eram feitos somente para católicos, os não católicos eram enterrados em seu entorno, princípio do estado laico todos independente de religião devem ser abrigados. (ALGRAVE, 2008)

Assim, surgem grandes cemitérios no mundo inteiro, alguns com características horizontais, outros em construções verticais. Inicialmente os cemitérios surgiram com características horizontais com construções de mausoléus e repletos de esculturas nas sepulturas, estes são chamados de cemitérios tradicionais/clássicos. Contudo, com a grande demanda da sociedade, (urbanização, o crescimento desordenado das cidades, e o crescimento populacional desenfreado) começaram a surgir muitos cemitérios jardins, que são aqueles cemitérios horizontais, sem tumbas e mausoléus. E, a tendência parece mesmo ser essa, o surgimento cada vez maior de cemitérios jardins e até mesmo de crematórios.

Cemitérios têm função de preservar a história do indivíduo, é um local para visitas e homenagens aos falecidos, os cemitérios são divididos em: horizontal que são cemitérios tradicionais com sepulcro e placas de homenagens, jardim ou parque que é recoberto de jardins e isento de túmulos, há apenas uma placa de identificação, vertical que é um edifício de um ou mais andares destinado a enterros humanos, e de animais: destinado somente a animais. (BRASIL, 2003)

Os cemitérios tradicionais são compostos por caminhos pavimentados ou não, com túmulos semienterrados, capelas, monumentos artísticos. Alguns corpos são depositados diretamente no solo, com a vantagem de facilitar a decomposição, outros são colocados em gavetas acima do solo (PACHECO, 2000). O cemitério chamado tradicional/clássico tem características museais, tendo ampla finalidade sociocultural, podendo servir de instrumento de educação e pesquisa, além de ser um local de defesa e preservação da memória. É um local onde se pode encontrar obras de arte, identidades regionais, além de ser um lugar de aprendizado cultural e um grande atrativo para quem deseja conhecer a história de um lugar. Percebo que os cemitérios tradicionais foram concebidos para além de sua função primordial, ou seja, estes foram feitos também para serem visitados, tendo relação com questões culturais e religiosas.

Sobre a função primordial do cemitério, os pesquisadores Antonio Noberto e Aline Vasconcelos (2010) ressaltam que “cemitério vem do grego *Koimetrérion*, que significa dormitório; do latim *coemeterium*, que significa lugar de repouso. E, ainda frisam a versão

católica do significado da palavra cemitério que vem de sementeira ou lugar onde se enterram sementes”. Já para Bayard (1996), o cemitério é o lugar da celebração dos mortos, com suas representações simbólicas que demonstram a relação com a morte e esta com seus rituais que foram se modificando ao longo do tempo, num processo de aceleração no qual tudo precisa ser rápido, inclusive não se perder tempo com o ritual de visitação ao cemitério. No entanto, recomenda que é preciso se convencer da fragilidade de todas as coisas humanas diante dos túmulos dos mortos: “os sepulcros são escolas de sabedoria”. (BAYARD, 1996, p. 523)

Portanto, o cemitério é um espaço de memória que serve de ponte entre o passado e o presente, o presente e o ausente, o esquecimento e lembranças; lugar de culto e rituais fúnebres; lugar que contém memória individual e coletiva que desperta e envolve sentimentos; ele tem o poder de nos fazer lembrar; um lugar onde se constroem memórias, estas que são/estão vivas.

Nesta pesquisa tem-se um carinho especial com os cemitérios ditos tradicionais, em especial com o cemitério de São Pantaleão, pois se percebe que os cemitérios jardins vêm ganhando espaço nas últimas décadas, assim como os crematórios, quase não surgem mais cemitérios nesse modelo tradicional com obras de arte e mausoléus, portanto atenta-se para a real valorização que eles merecem, pois são verdadeiros museus.

Alguns países já reconhecem esse valor dos cemitérios, estes passam a ser vistos como atrativos a serem preservados, alguns já vieram a ser tombados, sendo reconhecido o valor cultural que eles têm, passando a serem considerados bens patrimoniais, para que neles se garanta a continuidade da memória, ganhando destaque tanto quanto as bibliotecas e os museus. Algumas cidades já trabalham o turismo cultural colocando os cemitérios na rota turística.

Na Argentina, por exemplo, o cemitério da Recoleta, Buenos Aires, atrai milhares de pessoas devido ao seu acervo de obras de arte e aos túmulos de grandes nomes da história do país. Lá se pode conhecer uma grande parte da história do país e o que é mais interessante é que a própria população da cidade visita frequentemente e inclusive as escolas levam seus alunos para terem aulas lá. (VASCONCELOS, 2004. p. 32).

Sem falar no Péré Lachaise (criado por NAPOLEÃO BONAPARTE, 1803), que é o quarto lugar mais visitado de Paris (França), recebendo um público médio de 2 milhões de visitantes ao ano. Ficando atrás somente da Torre Eiffel, do Museu do Louvre e da Catedral de Notre Dame. O Péré Lachaise tem um riquíssimo acervo artístico, com obras de escultores renomados na história da arte ocidental como Brancusi e Rodin, além de inúmeras personalidades conhecidas no mundo inteiro estarem inumadas naquele lugar, como o cantor e

poeta Jim Morrison, o codificador do espiritismo Allan Kardec, o filósofo francês Auguste Comte, o sociólogo Pierre Bourdieu, o escritor francês Raymond Russel, o cientista físico e químico Louis Gay Lussac, os pintores consagrados Theodore Géricault, Eugène Delacroix, Dominique Ingres e Jacques-Louis David, o compositor e pianista romântico Frédéric Chopin, entre outros. O cemitério possui uma área de aproximadamente 44 hectares e um número estimado de 110 mil sepulturas. (OSMAN; RIBEIRO, 2007)

No Brasil, a partir do século XX vemos alguns movimentos de valorização do cemitério enquanto patrimônio, tanto por pesquisadores que vêm desenvolvendo estudos sobre o cemitério, como institucionalmente já se percebem atos administrativos oficializando o cemitério como patrimônio cultural. O próprio IPHAN já efetivou o tombamento de alguns cemitérios, seja pela importância histórica, arqueológica e paisagística, seja artística ou religiosa. Da mesma forma, é possível encontrar alguns municípios seguindo essa mesma linha de valorização do cemitério enquanto patrimônio cultural (NOGUEIRA, 2013). No Brasil, essa discussão do cemitério enquanto patrimônio envolve uma perspectiva polissêmica de temas: educação patrimonial, visitas guiadas, turismo cemiterial (inserção no mapa turístico), arte cemiterial, rituais fúnebres, memória e patrimônio ou mesmo atividades pedagógicas nesses espaços. Alguns cemitérios se destacam nacionalmente, nesse sentido: o cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro; o cemitério do Nosso Senhor do Bonfim, em Belo Horizonte; o cemitério da Consolação, em São Paulo; o cemitério do Alecrim, em Natal; o cemitério da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia, em Porto Alegre; o cemitério Santo Amaro, em Recife; e Campo Santo, em Salvador.

O cemitério é uma viagem no ponto de vista que as pessoas entram e, através dos túmulos, podem reconstruir toda uma época. Portanto, o cemitério tem um papel muito importante na sociedade, principalmente na contemporaneidade, em que a sociedade está muito voltada para o consumo e os valores vão sendo substituídos muito rapidamente sem que as gerações tenham a possibilidade, às vezes, de conhecê-los, de saber o que passou para que se chegasse até o momento de hoje. Então, os cemitérios permitem que as pessoas se situem no tempo e de terem uma referência do que foi o passado. O cemitério é o testemunho “vivo” da herança cultural de gerações passadas; esse testemunho pode ser fundamental para se analisar o momento presente e se pensar e projetar o futuro. (VALLADARES, 2004)

E segundo Noberto e Vasconcelos (2010), “a pessoa que busca visitar um cemitério, tem por objetivo inteirar-se da história, apreciar a arte tumular e as inscrições nas lápides”. Portanto, considero o cemitério como sendo um local de diferentes possibilidades de narrativas, históricas, lendárias, poéticas, literárias, políticas e religiosas.

Considero importante salientar que a pandemia do CoronaVírus gerou outro elemento dificultador para esta pesquisa, devido à dificuldade de idas ao campo e nas idas percebia um clima de tensão naquele espaço. Porém, ao mesmo tempo, encontrei nessa dificuldade um desdobramento do objeto, quando passei a observar e perceber que desde então intensificou a rotina de trabalho desses profissionais e que desafia ainda mais o lado físico e emocional desses sujeitos, assim como são perceptíveis mudanças nos rituais praticados, inclusive nos sepultamentos. Nesse período pandêmico, os sepultamentos foram marcados pela ausência do ritual do velório, dos cortejos e acontecem com uma presença mínima de familiares e amigos, em torno de 05 (cinco) a 10 (dez) pessoas e tempo mínimo de execução, conforme decretos sanitários. Interessante ainda destacar que embora estejam ainda mais sobrecarregados nesse período, esse profissionais continuam invisíveis na sociedade, não tendo oportunidade de fala em meio a um momento que tanto alterou a sua rotina. Rompendo com as narrativas silenciadas, esta pesquisa vem ouvir e compreender as experiências vivenciadas também nesse período.

Portanto, são diversas as possibilidades de desdobramento do objeto de estudo desta dissertação a serem desenvolvidas nos caminhos metodológicos. São possibilidades de desdobramentos: a imagem ocidental e os estigmas sobre morte e o morrer; a análise do espaço/lugar do cemitério, compreendendo suas características espaciais e simbólicas, em especial fazendo abordagem sobre a arte cemiterial; o lugar de memória e rituais, analisando as peculiaridades e o contexto atual de pandemia.

1.4 Caminhos Metodológicos

É importante deixar claro que a metodologia desta dissertação passou por diversos momentos de observação *in loco* e história oral. A observação não consistiu tão somente em ver ou ouvir, mas também em analisar de forma crítica e reflexiva. A partir dessa prática foi possível identificar objetivos de que até então não tinha dado conta, exercendo importante papel no aspecto da descoberta, ponto inicial para esta investigação. Outras práticas incluíram entrevistas, conversas, fotografias, notas de campo, gravações e transcrições. Após a definição do objeto de estudo, pude contabilizar 48 visitas de campo em turnos alternados; a duração de cada visita variava de acordo com o horário e inspiração, cada visita teve em média de duas a cinco horas, porém mesmo em visitas rápidas buscava fazer observações e descrever a

atividade realizada pelos coveiros e o registro da observação foi feito por meio de um diário de campo.

O Cemitério de São Pantaleão possui 03 (três) coveiros em atividade. Os mesmos tiveram participação efetiva na construção desta dissertação, pois como já evidenciado, o escopo desta pesquisa foi analisar as relações no/do cotidiano do trabalho dos coveiros que atuam no Cemitério de São Pantaleão de modo a problematizar o estigma dessa profissão, a partir das narrativas dos próprios profissionais.

Para cada coveiro que participou da pesquisa foi feita uma identificação como forma de resguardar sua identidade pessoal e manter o compromisso ético por parte do pesquisador. Porquanto, os sujeitos foram identificados como Antonio de Souza, Benedito Santos e Carlos José.

Como dito inicialmente neste estudo, é curioso que ao longo desses 15 anos de pesquisa no Cemitério do Gavião, em nenhum momento havia me inquietado um tipo de pesquisa como este, analisando o dia a dia do coveiro. Porém, depois de definido o objeto de estudo, passei a vivenciar o cotidiano do cemitério com um novo olhar, um olhar atento ao passo a passo dos coveiros em sua labuta diária. Importante, então, esclarecer como se deu o processo de inserção nesta pesquisa junto aos coveiros: inicialmente levei um ofício solicitando à administração do cemitério a realização de uma pesquisa de campo junto aos coveiros; após aceitação da direção, fiz uma visita inicial acompanhado do diretor administrativo do cemitério, o qual fez as apresentações formais e pude explicar os objetivos da pesquisa aos sujeitos da pesquisa, explicitando a metodologia, de forma que ficasse clara a seriedade e o comprometimento científico da própria pesquisa e do pesquisador.

Inicialmente, percebi que a minha inserção em campo, durante as primeiras conversas, os profissionais estavam um pouco tímidos com as perguntas. Assim, iniciei uma aproximação natural, comecei a fazer visitas diárias para observação em diferentes horários para acompanhamento, algumas vezes distante fisicamente, respeitando a privacidade de execução do trabalho de cada coveiro. Nos momentos de intervalo entre um sepultamento e outro, sentava com eles conversando informalmente e estabelecendo uma relação mais próxima, buscando entender as reflexões daquela atividade. Com o tempo, percebi uma relação de confiança com os trabalhadores. Não posso negar que embora eu tenha lutado para que não acontecesse de forma tão nítida, me encantei com o meu objeto de estudo, mas busquei analisar as narrativas de forma objetiva, evitando as adjetivações. A maioria das conversas era gravada com o prévio consentimento do entrevistado. Para a análise dos dados, as conversas e entrevistas foram transcritas na íntegra, as experiências narradas por cada

coveiro foram transpostas para o papel; uma relação de respeito fora estabelecida. Muitas das entrevistas e conversas informais perduraram por mais de duas horas.

Conversas sobre a concepção da morte, sobre a preservação da memória por aquele espaço, sobre a relação da sua vida fora e dentro do ambiente de trabalho, sobre o próprio cemitério, sobre a própria percepção do seu trabalho e da importância dessa atividade para sociedade eram temas comuns em nossas sentadas, muitas vezes iniciadas pelos próprios sujeitos. Não quero aqui denominar a metodologia desta pesquisa observação flutuante da Colette Pétonnet, pois seria ousadia, mas admito que após indicações durante o processo de qualificação desta dissertação, me fizeram buscar entender esse tipo de metodologia, ao mesmo tempo em que ela serviu como inspiração para as últimas visitas ao campo.

‘Observação flutuante’ (...) consiste em permanecer vago e disponível em toda a circunstância, em não mobilizar a atenção sobre um objeto preciso, mas em deixá-la “flutuar” de modo que as informações o penetrem sem filtro, sem a priori, até o momento em que pontos de referência, de convergências, apareçam e nós chegamos, então, a descobrir as regras subjacentes. (PETONNET, 2008, p. 102)

Sendo assim, percebi essa relação entre pesquisador e pesquisado estabelecida a partir de uma reflexão consciente e clara dos objetivos da pesquisa. Neste ponto me reporto a importância da comunicação no universo da pesquisa, pois as conversas se davam numa relação de proximidade, respeito mútuo, uma relação de troca, de familiaridade, de estratégias de escuta.

Estar naquele ambiente me fazia experimentar o silêncio, perceber os detalhes, analisar o cuidado e o descaso em algumas situações. Durante os sepultamentos, sempre observava distante, respeitando o momento dos familiares e dos amigos presentes.



Imagem 4: Sepultamento no cemitério do Gavião em 12/02/2021 (sexta-feira). **Fonte:** Acervo pessoal.

Desse modo, compartilho como metodologia a observação e análise do cotidiano. Em essência o cotidiano ocorre num espaço e envolve os acontecimentos diários, assim como as realizações, ações e omissões. Seguindo os ensinamentos de Certeau quando diz que o espaço é um lugar praticado, um lugar vivido (1995, p. 202). Estudar o cotidiano parte de uma análise espaço/tempo; não era algo entregue à observação simples, estudar o cotidiano me fez perceber pontos interessantes de reflexão, metodologia que me desafiou a observar as experiências dos coveiros, desde a sua chegada, seu intervalo de almoço, seu descanso, seu laboro, etc. Portanto, Se trata de uma metodologia que envolve o ordinário e o extraordinário; o complexo e o simplório das atividades comuns do dia a dia.

A opção por essa perspectiva metodológica justifica-se por configurar uma postura de abertura ao novo e ao inusitado, além de se valer de um conjunto de instrumentos que permitem “escavar o cotidiano”, numa espécie de arqueologia que tenta desencobrir o que está oculto. Dessa atitude decorrem tentativas de apreender e de compreender algo que está ali presente, em estado bruto, para ser talhado, detalhado, “escovado” (como os ossos que o arqueólogo descobre), mas que os condicionamentos arraigados às lentes interpretativas convencionais acabam por embaçar a visão e a percepção. (STECANELA, 2009, p. 66)

Analisar o cotidiano dos coveiros me fez perceber situações imprevisíveis de acontecimentos no/do cotidiano laboral e ao tempo fui me dando conta que o imprevisível era uma característica inerente ao cotidiano.



Imagem 5: Coveiro do cemitério do Gavião se deslocando para atividades diárias. **Fonte:** Acervo pessoal.

Sobre o imprevisível, trago a seguinte ponderação de Juremir Machado da Silva na sua obra *As Tecnologias do Imaginário*, quando diz:

Mais do que demonstrar isso ou aquilo, deve mostrar, dar a ver, fazer vir, desentranhar, fazer emergir, revelar, descobrir, desvendar, expor à luz. Não lhe basta conhecer o poder (institucional explícito), deve perceber o fluxo da potência (subterrânea). Se não pode provar o que aconteceu no passado nem prever o futuro, cabe-lhe narrar bem o presente. Mescla de antropólogo, de fotógrafo, de repórter, de cronista e de romancista, necessita captar e narrar a fluência, o extraordinário e a complexidade do vivido. (SILVA, 2003, p. 73)

Analisar o dia a dia desses profissionais relacionando-os como guardiões da memória, a partir de seus depoimentos (experiências vivenciadas) se apresentou para mim como um universo desconhecido, pois percebi que minhas pesquisas iniciais ainda eram

muito rasas, frente ao mundo de possibilidades que aquele campo santo poderia oferecer a um pesquisador.

[...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos. (THOMPSON, 1992, p. 17)

Logo, a história oral evoca a memória, revelada nas narrativas do vivido pelos Sujeitos enredados com tantas histórias nunca ou poucas vezes narradas, sujeitos que são narradores, porém poucas vezes ouvidos.

A riqueza inesgotável do depoimento oral em si mesmo, como fonte não apenas informativa, mas, sobretudo, como instrumento de compreensão mais ampla e globalizante do significado da ação humana; de suas relações com a sociedade organizada, com as redes de sociabilidade, com o poder e o contra poder existentes, e com os processos macroculturais que constituem o ambiente dentro do qual se movem os atores e os personagens deste grande drama ininterrupto – sempre mal decifrado – que é a História Humana. (ALBERTI, 1990, p. 8)

Nessa linha, a história oral, conforme a citação centra-se na memória humana e sua capacidade de rememorar o passado enquanto testemunha do vivido. Podemos entender a memória como a presença do passado, como uma construção de fragmentos representativos e simbólicos desse mesmo passado, nunca em sua totalidade, mas parciais em decorrência dos estímulos para a sua seleção.



Imagem 6: Autor da pesquisa em conversa com o sujeito da pesquisa (história oral). **Fonte:** Acervo pessoal.

Esse trabalho de observação possibilitou observar as singularidades desse trabalho tão específico e a história oral possibilitou conhecer várias narrativas e percepções daquele lugar que há tanto tempo eu pesquisava. Sendo assim, pretendo, ao longo dos capítulos, apresentar essas percepções, investigando como os coveiros lidam com a experiência de trabalhar com a morte nesse lugar repleto de simbologias e singularidades, quais os significados, quais os sentidos das vivências, sendo uma testemunha da última despedida e um guardião da memória, neste lugar considerado aqui como um lugar de memória, como veremos no capítulo quatro.

Nesse aspecto de análise do cotidiano e do espaço, a fotografia surge como um recurso metodológico interessante, pois além de ser produto de uma experiência humana deste autor, ao mesmo tempo serve como objeto de reflexão e interpretação.



Imagem 7: Uma tarde de sábado no cemitério do Gavião (17/10/2020). **Fonte:** Acervo pessoal.

A fotografia no universo do campo me permitiu ampliar o panorama de possibilidades das análises do campo de estudo.

A Antropologia não dispensa os recursos visuais – e não são recursos apenas como um suporte de pesquisa, mas imagens que agem como um meio de comunicação e expressão do comportamento cultural. A Antropologia Visual não almeja, dentro dos novos padrões de pesquisa, apenas esclarecer o saber científico, mas humanisticamente compreender melhor o que o outro tem a dizer para outros que querem ver, ouvir e sentir. (ANDRADE, 2002, p. 110-111)

Para Barthes, a fotografia é percebida como uma gravação tangível da realidade, a mensagem visual torna-se uma prova material de se “ter estado lá” (BARTHES, 1977, p. 44). Permito-me ampliar esta compreensão, pois a fotografia está para além da prova de autenticidade, mas como forma visual de apresentar imagens que permite múltiplas análises e reflexões; por possuir essa característica polissêmica permite ao pesquisador, no universo de pesquisa, diferentes percepções a partir das narrativas visuais.



Imagem 8: Uma tarde de quarta-feira no cemitério do Gavião (23/12/2020). **Fonte:** Acervo pessoal.

Fotografias [...] são restituídas a um contexto vivo; não ao contexto temporal original em que elas foram criadas, mas ao contexto da experiência. E, lá, suas ambiguidades enfim tomam-se verdadeiras, permitindo que elas sejam apropriadas pela reflexão. O mundo que elas revelam, congelado, se torna tratável. A informação que elas contêm se toma permeada por sentimentos. Aparências se tomam a linguagem de vidas vividas. (BERGER; MOHR 1982, p. 289)

Desta forma, as fotografias representam o cenário no qual as atividades diárias são vivenciadas e o local onde as relações nascem e são construídas, pois elas capturam momentos de vivências e momentos do lugar.

Fotografias retratam a história visual de uma sociedade, documentam situações importantes, estilos de vida, gestos, atores sociais e rituais, e aprofundam a compreensão de estilos artísticos. A interpretação de fotografias contribui para a compreensão da cultura material que foi transformada ou mantida com o passar do tempo. (BITTENCOURT, 1994, p. 232)

Devo ressaltar que não tomo a fotografia como um complemento do diário de campo, nem como mera ilustração, mas como recurso metodológico que permite a reflexão e análises da dinâmica sobre o objeto de estudo e sobre o campo em si, pois ao mesmo tempo em que são discursos visuais, também podem ser possibilidades de representação. Nas

fotografias busquei perceber aquilo que não foi possível recolher ou abstrair através de entrevistas e questionários.

A mensagem simbólica é impressa sobre a mensagem literal, onde ambas constroem um todo de sentidos que só pode ser desvendado com base em um conhecimento prévio. A mensagem simbólica depende de um conhecimento cultural e histórico que é fornecido pela mensagem linguística expressa pelo ensaio antropológico. Com a informação fornecida pelo texto escrito, outras dimensões de significação contidas na imagem são desvendadas. Quando o espectador percebe a imagem simbólica representada na imagem, ele é capaz de transcender o caráter informativo e perceber a imagem como um pronunciamento visual criado por um sujeito. E, através disto, o espectador se tom a capaz de acrescentar novos laços de significação à imagem. (BITTENCOURT, 1994, p. 234)

A fotografia apresentada neste estudo denota um percebido, porém pode despertar outras percepções, pois esse caráter polissêmico apresenta ou pode apresentar dimensões múltiplas de significados em que a interpretação da imagem que a fotografia permite.



Imagem 9: Sepultura em processo de restauro (17/12/2020). **Fonte:** Acervo pessoal.

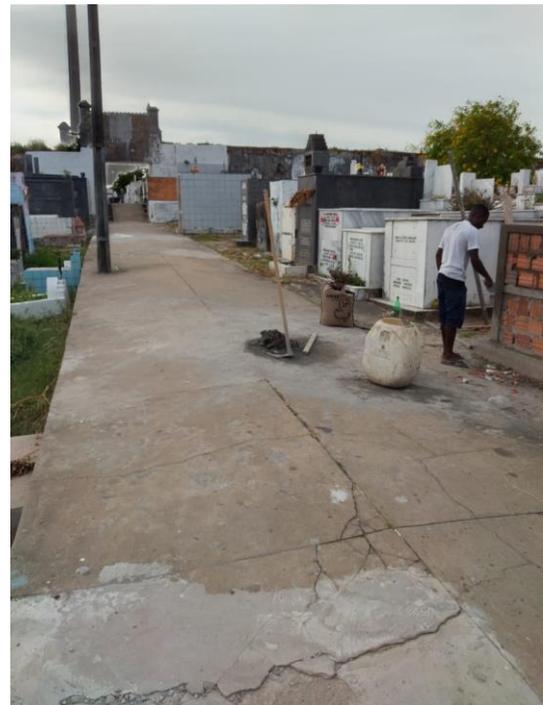


Imagem 10: Sepultura em restauro (17/12/2020). **Fonte:** Acervo pessoal.

Posso citar que embora haja uma vasta literatura histórica sobre a morte, considero que vem crescendo também as produções científicas sobre o luto e sobre o cemitério; no entanto, no que se refere ao coveiro como personagem singular nesse universo

de pesquisa ou mesmo sobre o cemitério como lugar de memória numa perspectiva antropológica, a literatura ainda é escassa; pouco se fala sobre a forma como a profissão do coveiro é encarada pela sociedade contemporânea.

Outro elemento dificultador para o desenvolvimento desta pesquisa foi a superação dos obstáculos epistemológicos elencados por Gaston Bachelard. O autor elenca alguns tipos de obstáculos epistemológicos: opinião, experiência primeira, obstáculo verbal, o conhecimento unitário e pragmático, obstáculo substancialista, psicanálise do realista, o obstáculo animista, o mito da digestão, libido e conhecimento objetivo e obstáculos do conhecimento quantitativo. A noção desses obstáculos é de fundamental importância para o desenvolvimento da pesquisa; para superá-los, não de maneira aleatória, mas consciente de todo o processo de produção do conhecimento; é interessante ainda destacar que a definição consciente do problema também é fundamental para esse sucesso da pesquisa. Para o autor essa superação é necessária, pois para ele é impossível a formação de um novo conhecimento quando se tem concepções primordiais enraizadas, portanto é necessária uma “limpeza intelectual e afetiva”, substituir o saber fechado por um aberto e dinâmico (BACHELARD, 1996).

Resumindo, optei por escolher um mosaico metodológico, mas que fosse possível o seu percurso, possibilitando a escrita desta dissertação e o alcance dos objetivos propostos. Para tanto, a pesquisa bibliográfica se deu em diversas leituras para delimitação da temática, visto que foi possível abstrair muitas discussões a partir deste objeto de estudo; alguns autores foram fundamentais para esse arcabouço teórico: Goffman, Hughes, Pierre Nora, Thompson, Mary Douglas, Luckmann, Ariès, Pollack, Pesavento, Osman, Ribeiro, Clarissa Grassi, Ecléa Bosi, Maria Elizia Borges, Noberto, Bayard, Bachelard, entre outros. Além das bibliografias, a pesquisa documental foi de grande importância para o desenrolar da pesquisa, com buscas em legislação específica e em documentos do próprio Cemitério do Gavião. A pesquisa de campo consistiu em observação do cotidiano, enquanto metodologia, fazendo uso do recurso da fotografia e do diário de campo. Interessante, no entanto, refletir que ao mesmo tempo em que este estudo partiu por esse caminho metodológico de análise do cotidiano, entende-se que é um estudo do tempo presente; ao mesmo que constitui esse mosaico metodológico desta pesquisa a história oral, a partir das narrativas dos próprios sujeitos da pesquisa, assim como a memória.

Durante a pesquisa além do Cemitério do Gavião, pude visitar e observar outros cemitérios na região da grande São Luís, como o Cemitério Jardim da Paz e o Cemitério do Tibiri; além, deste pude visitar o Cemitério do Alecrim, no Rio Grande do Norte e o

Cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro. Durante essas visitas busquei observar as características de cada um e fazer reflexões sobre as diversas possibilidades teóricas que essa temática proporciona, inclusive destaco que o Cemitério do Alecrim foi tombado em 2011 e faz parte do conjunto de bens patrimoniais oficializados do município de Natal.

Resta claro, assim, destacar a relevância acadêmica e social do tema em estudo, pois é um assunto com poucas pesquisas publicadas, sendo escasso em discussões, tanto no Maranhão quanto em nível nacional. Nesse sentido, acredito que o estudo vem contribuir com a diversificação das pesquisas acadêmicas do programa de Pós Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia da Universidade Estadual do Maranhão, concatenado com a linha de pesquisa do Mestrado “**Narrativa, memória e identidades coletivas na Amazônia**”, assim como será um instrumento de pesquisa e resguardo da memória da história de São Luís.

Para melhor compreensão da proposta desta dissertação, a sua construção se deu em cinco capítulos, tomando como base os objetivos específicos do projeto inicial. Assim, nesta introdução pude apresentar a construção do objeto de estudo, os objetivos da pesquisa, assim como pude justificar a escolha do tema, apresentando as noções e pré-noções sobre cemitério no imaginário popular, iniciando a problematização dos estigmas e dos estereótipos da profissão do coveiro, rompendo as barreiras dos conceitos limitantes e refletindo sobre a relevância do tema abordado. Também nesta introdução me esforcei em direcionar o olhar sobre a metodologia da pesquisa, buscando relacionar o caminho metodológico de forma embasada e construída ao longo do processo.

No segundo capítulo desta dissertação, *PROBLEMATIZANDO O ESTIGMA*, apresento a profissão do coveiro e os estigmas reforçados pela literatura e pelas obras cinematográficas, assim como apresento diversas definições teóricas sobre estigma, aproximando o tema com a teoria do trabalho sujo. Nesse mesmo capítulo, apresento as narrativas dos sujeitos desta pesquisa (três coveiros) que trabalham diariamente no Cemitério do Gavião. Apresento reflexões sobre o dia a dia dos coveiros em seu ambiente de trabalho, assim como as relações com os colegas de trabalho e com o fazer diário. Neste capítulo muitas experiências foram compartilhadas, passíveis de serem observadas pelos depoimentos e pelas imagens fotográficas. Foi possível ainda, analisar o impacto da pandemia do CoronaVírus para o cotidiano do Cemitério do Gavião e conseqüentemente para a atividade dos coveiros.

No terceiro capítulo, *O CEMITÉRIO DO GAVIÃO E SUAS PECULIARIDADES*, apresento as especificidades do Cemitério do Gavião, desde a sua história até suas

características físicas e simbólicas; capítulo que mescla uma análise sob diferentes perspectivas e pluralidade temática, pois as narrativas envolveram temas como sepultamentos no Gavião, arte cemiterial, símbolos e significado cultural.

Já no quarto capítulo, *A PERCEPÇÃO DOS RITUAIS E A RELAÇÃO COM A MEMÓRIA NO CEMITÉRIO DO GAVIÃO*, apresento o cemitério como um lugar de memória histórica, destacando-o como um bem patrimonial e fazendo reflexões sobre os rituais praticados nesse espaço, a partir das narrativas e percepções dos coveiros. Neste capítulo retomamos a análise do período de pandemia, analisando a percepção dos coveiros sobre as práticas de rituais nesse período. Sobre esse aspecto destaco o furto aos rituais ocorridos nesse período.

Por fim, apresento as considerações finais de forma reflexiva sobre o percurso e sobre as observações do campo, assim como faço referência a estudos futuros sobre a temática, dando destaque à sua relevância social e acadêmica. Na oportunidade faço uma homenagem aos sujeitos da pesquisa que tanto contribuíram para a construção desta dissertação.

2 PROBLEMATIZANDO O ESTIGMA

O Cemitério de São Pantaleão é administrado pela Empresa Empreendimentos São Marcos Ltda (CNPJ: 03.965.757/0001-08), pessoa jurídica de direito privado; e, atualmente, o Cemitério possui em seu quadro funcional 03 coveiros, 04 funcionários dos serviços gerais, 04 vigias que atuam no período noturno, 03 funcionários no administrativo/atendimento, 01 diretor administrativo e 01 diretor geral. Além desses servidores com vínculo empregatício com a empresa administradora, no Cemitério do Gavião é bem comum encontrar profissionais autônomos que vivenciam aquele lugar diariamente: são os restauradores - profissionais autônomos que vivenciam o cotidiano do Cemitério do Gavião e que ali oferecem os serviços de restauração de sepulturas, construção de gavetas, revestimento em azulejo ou pedra de mármore, pintura, limpeza, troca de flores, colocação das fotos ou letras em bronze. Mas, neste estudo elegemos como sujeitos da pesquisa os coveiros, pois consideramos o potencial de narradores contido nesses profissionais que vivenciam o cemitério diariamente, acompanhando e percebendo os diferentes acontecimentos naquele lugar.

Sobre o potencial narrativo desses profissionais, lembro Clementino de Souza (2011), quando diz:

Vida e profissão estão imbricadas e marcadas por diferentes narrativas biográficas e autobiográficas, as quais demarcam um espaço onde o sujeito, ao selecionar lembranças de sua existência e ao tratá-las na perspectiva oral e/ou escrita, organiza suas ideias, potencializa a reconstrução de sua vivência pessoal e profissional de forma autorreflexiva e gera suporte para compreensão de suas experiências formativas. (CLEMENTINO DE SOUZA, 2011, p. 213)

Para melhor compreensão e visualização das narrativas aqui apresentadas, considero importante iniciar este capítulo apresentando um perfil resumido de cada sujeito desta pesquisa.

Antonio de Souza – 50 anos de idade, o mais experiente entre os sujeitos da pesquisa. Possui 13 anos de profissão e começou a trabalhar no cemitério aos 37 anos de idade, após ter trabalhado a vida inteira como pedreiro autônomo e/ou ajudante de pedreiro. Chegou ao Cemitério do Gavião por indicação de um conhecido. Aprendeu o trabalho apenas na prática, com os coveiros mais experientes que já estavam por lá, pois não houve treinamento. Casado e com 02 filhos, possui moradia própria e é, declaradamente, “católico

praticante”. Sua família é conhecedora de sua atividade e seus filhos o visitam em seu local de trabalho.

Entendo a morte como algo natural e que faz parte do destino de todos, tanto das pessoas, quanto dos animais. Se não morrêssemos como seria? Tive medo nos primeiros meses de trabalho no cemitério e cheguei a ter insônia, mas hoje sou muito satisfeito com o meu emprego. (ANTONIO, 50 anos)

Benedito Santos – 42 anos de idade, o menos experiente entre os sujeitos da pesquisa: 3 anos trabalhando no Cemitério do Gavião. Possui 2 anos exercendo a atividade de coveiro, tendo trabalhado 1 ano como serviços gerais, antes de ser convidado pela diretoria do Cemitério para compor o quadro dos coveiros. Casado e com 03 filhos, considera-se “religioso, mas sem religião definida”. Somente sua esposa e seus filhos têm conhecimento da sua real profissão. Para evitar “falatório”, decidiram externar para amigos e conhecidos que ele trabalha numa “firma”, sem entrar em detalhes.

A princípio, aceitei a proposta de virar coveiro porque achei que a escala do trabalho era mais tranquila, 2 dias trabalhados seguidos e 1 dia de folga. [...] frequentemente me emociono nos enterros devido à incerteza e ao mistério do que vem depois. Não sei para onde vamos após a morte. [...] esta é uma profissão que ninguém deseja realizar. (BENEDITO, 42 anos)

Carlos José – Declaradamente católico, 43 anos de idade, trabalha no Cemitério do Gavião há 10 anos. Casado pela segunda vez, pois se divorciou da primeira esposa; Com 2 filhos, sendo 1 do primeiro casamento e 1 do atual, considera-se uma “pessoa vivida - experiente”. O início do trabalho no Cemitério lhe despertou muita curiosidade, mas, transcorrido pouco tempo, entendeu que “os vivos contam mais histórias do cemitério do que realmente ele tem”. Revela que o momento mais marcante foi o enterro de um senhor de 90 anos que deixou sua esposa da mesma idade aproximadamente. “Muito triste a despedida, pois ela ficou ali parada por horas chorando silenciosamente e perguntando o porquê ele havia a deixado”, ele menciona. Relata que toda a sua família e amigos sabem da sua profissão, inclusive se referindo a ele como “coveiro” nas festas familiares e brincadeiras. Explica também a qualidade necessária para ser coveiro: “trabalho que requer coragem. Assim como já enterrei muita gente, um dia alguém vai ter que me enterrar”, diz ele.

Nesse sentido, a construção desta dissertação toma como base as narrativas desses sujeitos, demonstrando também como estes se percebem. Inicialmente, nosso diálogo parte de uma perspectiva ligada às funções desempenhadas no dia a dia da profissão, para assim conduzir a pesquisa e entrelaçar com o cotidiano de ações e de convívio no campo. Além

desses entrelaces, os diálogos buscavam uma rede de conexões temáticas com o objeto de estudo.

As narrativas são compreendidas como discursos dos sujeitos pesquisados. Discursos, estes, construídos pelas percepções e subjetividades dos autores que os proferem. Acerca dos discursos, Lopes nos traz a seguinte contribuição:

Numa linha foucaultiana de reflexão, o sujeito do discurso, seja ele qual for, fala e se posiciona a partir de um jogo de enunciados que marcam certa contingência discursiva. Assim, pensar em discurso é, antes de tudo, pensar na construção dos sujeitos que o produzem e proporcionalmente se produzem. Cada sujeito existe dentro de seu próprio discurso e a partir dele. Nessa direção, os construtos discursivos constituem meios pelos quais os sujeitos se posicionam dentro de situações específicas, caracterizando-se com certo substrato subjetivo, em que é possível a cada um, dentro de suas condições objetivas e contingenciais, colocar-se como sujeito das relações sociais estabelecidas. (LOPES, 2014, p. 16)

Portanto, o intuito foi dar visibilidade às experiências vividas, destacando relações sociais e espaciais construídas nesse universo laboral e simbólico. Convém, ainda, destacar que as narrativas eram acompanhadas muitas vezes por momentos de silêncio, o que me permitiu experiências multivariadas de percepção.

Após essa breve descrição dos sujeitos, embora a pesquisa de campo se dê em vários meses de idas e vindas ao campo, para melhor visualização da rotina operacional diária dos coveiros, apresento, neste início, uma sintética exposição da rotina de um dia inteiro de trabalho desses profissionais, evidentemente suprimindo os detalhes e os fatos imprevisíveis que serão tratados nas próximas seções e capítulos.

Era uma sexta-feira de janeiro/2021. O plantão de trabalho dos sepultadores do Cemitério do Gavião inicia às 8 horas. Cheguei aproximadamente uma hora antes da abertura do Cemitério. O vigilante normalmente abre os portões às 7h50 e cheguei às 6h50. Nas minhas inúmeras idas ao campo, antes desse dia aqui descrito, eu sempre chegava após abertura dos portões, mas nesse dia percebi os detalhes das correntes que fechavam os portões, as pessoas indo à padaria logo cedo, assim como os comerciantes iniciando seus afazeres; pude perceber, também, que o horário dos profissionais que trabalham no Cemitério não é extremamente rígido, alguns chegando antes e outros depois do horário. Nesse dia, vi que Antonio chegou às 7h15 pilotando a sua motocicleta e trajando jaqueta preta e calça jeans. Antonio me cumprimentou e perguntou, sorrindo, se “eu havia caído da cama”. Conversamos rapidamente e ele me informou que ainda tomaria café na praça antes de iniciar seus trabalhos. Carlos, que também estava de plantão nesse dia, chegou às 7h52 e foi

imediatamente vestir o uniforme para iniciar suas atividades. Nesse horário, eu já estava sentado no banco abrigado por uma árvore de onde, por muitas vezes, eu observava o cotidiano do lugar. Naquele horário, os servidores do setor administrativo já haviam chegado e estavam no escritório de atendimento, enquanto os servidores do setor de serviços gerais já faziam a limpeza das áreas comuns.

Por volta de 8h30, Antonio e Carlos vão até onde eu estava e começamos a conversar. Perguntei se haveria algum sepultamento naquela manhã. Antonio me informou que, até aquele momento, o administrativo ainda não lhes comunicara a quantidade e horários dos sepultamentos e que esse era o processo normal: “ficamos esperando a movimentação”, destacou. Pouco tempo após o início da conversa, Antonio entrou no escritório e, minutos depois, voltou com a informação de que às 10h haveria um sepultamento e que havia agendamento de outro para às 11h. A essa altura, ele já havia sido informado sobre a localização das sepulturas que deveriam ser preparadas para os sepultamentos.

Carlos, então, diz: “Tem dias que são calmos, tem dia que são muito exaustivos. Já tive dias que fiz mais de 10 sepultamentos. Cheguei em casa acabado!”.

Os sepultadores, então, se deslocam até as sepulturas, fazem o reconhecimento do local, e identificam as ferramentas que serão necessárias: pé de cabra, vassoura, pá, enxada, cimento e areia. Depois, se deslocam até o depósito e pegam as ferramentas. O serviço de preparo da sepultura consiste em abertura das gavetas³ e limpeza.

O tempo de preparo de cada sepultura, pode variar. Nessa manhã, cada sepultura demorou cerca de meia hora para ser aberta e limpa. A demora é maior quando há necessidade de exumação⁴. Acompanhei todo o procedimento de muito perto e, em seguida, ficamos esperando a chegada do carro funerário.

Carlos diz: “normalmente damos conta sozinhos, mas às vezes precisamos de ajuda dos meninos dos serviços gerais. Aqui todo mundo se ajuda!”.

O horário do primeiro sepultamento se aproxima e os sepultadores ficam em estado de alerta. O carro da funerária chega e se desloca até a frente da capela. Em seguida, uma pessoa da família ou amigo – não ficou claro para mim – se identifica na sala de

³ Gavetas: Também chamadas de carneiros; são o espaço reservado para receber o caixão. Normalmente são construídas em alvenarias e costumam ser separadas por placas de concreto. Algumas sepulturas possuem mais de uma gaveta. No Cemitério do gavião é comum encontrarmos sepulturas com duas e três gavetas.

⁴ Exumação: enquanto a inumação é o ato de enterrar/sepultar, a exumação de corpos ou ossos consiste na retirada dos restos mortais de alguém do local onde ele foi sepultado para transferi-lo para outro espaço.

atendimento e o atendente pede que Antonio e Carlos sigam com os presentes para o sepultamento.

Os familiares têm a opção de fazer uso da capela antes do sepultamento. Porém, nos dois sepultamentos dessa manhã, a capela não foi usada. No primeiro caso, a morte foi por infarto. A família não quis velar o morto na capela: chegaram e já se encaminharam ao jazigo. O mesmo comportamento se deu no segundo sepultamento. Porém, nesse caso eles estavam impedidos de usar a capela pela morte ter ocorrido em decorrência de covid-19 e os decretos sanitários disciplinarem os enterros no sentido de serem diretos e rápidos. Em outras idas ao campo, vi por várias vezes a capela ser utilizada, algumas demoravam mais que outras, e em seguida, o cortejo se direcionava para o local do sepultamento.

Sobre o uso da capela, Antonio diz:

Para usar a capela, fica a cargo da família; algumas velam por meia hora, outras demoram mais. Ficamos à espera. Quando se tem dois sepultamentos muito próximo um do outro, ficamos mais preocupados, pois temos que avisar que não pode demorar, o que pode causar certo desconforto com a família. Já tiveram muitas vezes que alguém da família reclamou com a gente. Mas faz parte; sabemos lidar com essa situação. Afinal, é um momento muito difícil. Eu entendo eles. (ANTONIO, 50)

Nesse caso, como não utilizaram a capela, logo que o carro funerário chegou ao Cemitério, o caixão foi retirado pelos sepultadores e foi carregado com a ajuda dos familiares e amigos até o local do sepultamento. Posteriormente, Carlos disse: “às vezes eles ajudam, outras vezes nós carregamos: somente nós coveiros e os meninos dos serviços gerais”.

O local do primeiro sepultamento ficava a cerca de 80 metros da capela. Acompanhei de longe, contudo, percebi um momento de despedida marcado por muita emoção dos presentes. Um enterro caracterizado por tristeza e lamentações. De longe se conseguiam ouvir os lamentos, as orações e as cantorias. Ali se enterrava um senhor de 89 anos.

Ambos os sepultamentos daquela manhã tiveram a presença de poucas pessoas. No primeiro, cerca de 15 pessoas compareceram; no segundo, apenas 8. Os sepultamentos foram bastante rápidos.

Quando acabou o primeiro sepultamento, dirigi-me ao jazigo onde Carlos finalizava com cimento o fechamento da gaveta. Todos os amigos e familiares já haviam se retirado. Carlos, então, me pergunta: “você ficou impressionado? Muito triste né? Você ouviu as músicas?”. E concluiu: “eles sempre cantam essa Segura na mão de Deus e vai...”. Antonio

nos interrompe alertando que faltavam 15 minutos para o segundo sepultamento. Então, rapidamente, voltamos para frente da capela e ficamos aguardando a chegada do segundo cortejo.

Às 11 horas em ponto chega o segundo carro funerário. Momento de muita comoção. Poucas pessoas, porém, com choro muito intenso durante toda a cerimônia de despedida. Fiquei a observar a uma certa distância e percebi que esse sepultamento havia sido ainda mais rápido que o primeiro: cerca de 15 minutos depois do início, os familiares já estavam indo embora.

Logo depois, desloquei-me até os coveiros e passei a observar os arremates finais daquela sepultura. Antonio, espontaneamente, diz: “antes de eu fechar a gaveta, eu informo e pergunto se alguém mais quer se expressar. Hoje eu só ouvia choro. Muito triste!”.

Ao final dos dois sepultamentos, percebi que os coveiros já estavam cansados. Era uma manhã muito quente e ensolarada. Antonio disse que não havia mais sepultamento naquela manhã e que estavam aguardando alguma informação sobre os sepultamentos para o turno da tarde. Chegara, então, a hora do almoço.

Carlos diz: “tem dias que nem almoço, não sinto fome. Prefiro sepultamento à tarde ou mais cedo, porque acabar de enterrar alguém e ir almoçar... nem sempre sinto fome”. Antonio diz que não gosta de enterrar alguém logo após o almoço: “enterrar alguém faz parte do nosso ofício, mas não posso dizer que gosto de enterrar alguém, mas o pior horário é depois do almoço, acabo de almoçar, às vezes nem descansamos direito e já tem um sepultamento, como que faz digestão?”.

As pausas para lanche e almoço acontecem em função dos intervalos entre um enterro e outro. Eles não almoçam no local de trabalho, mas tiram a farda no vestiário e seguem para um restaurante localizado próximo à praça. Têm duas horas de intervalo de almoço. Percebi que os servidores do setor administrativo se revezam no horário de almoço e que, nesse dia, os servidores do setor de serviços gerais foram almoçar junto com os coveiros, “o que é muito comum”, eles relatam. Os coveiros me convidaram para almoçar junto com eles, o que aceitei prontamente. Durante o almoço, buscamos falar sobre diversos assuntos que não remetessem ao trabalho. Vi os servidores muito descontraídos e falamos sobre futebol, política, música e festas. Em alguns momentos eles falavam sobre os números da pandemia, devido a estar passando na TV um telejornal que tratava sobre o assunto.

Ficamos cerca de 1 hora nesse restaurante. Almoço a 12 reais com direito a refrigerante. Voltamos em seguida ao Cemitério. Novamente me sentei em baixo da árvore de costume. Antonio e Carlos foram ao vestiário e voltaram de banhos tomados e, novamente,

vestidos com a farda azul. Fomos informados que não havia nenhum sepultamento agendado para o turno vespertino, mas Antonio diz: “nem sempre precisa estar agendado para ter sepultamento. Às vezes, a família entra em contato e já traz o corpo em seguida, principalmente nesse período de pandemia”.

Ficamos ali por horas, conversando e observando os visitantes. Algumas pessoas chegavam com flores, outras iam apenas para visitar. Vimos também alguns restauradores chegando com azulejos e pedras de mármore. Acompanhei o serviço de um restaurador nessa tarde. Ele fora contratado para revestir uma sepultura com azulejos e me disse que “tem épocas que aparece mais serviço, principalmente perto do dia das mães e de finados, mas nesse momento os serviços estavam escassos”, concluiu ele.



Imagem 11: Restaurador **Fonte:** Acervo pessoal

À tarde, consegui observar melhor a abordagem dos restauradores. Vi que vários deles ficam sentados na entrada do Cemitério. Alguns jogam dama ou dominó, outros ficam só a conversar. Há também um ponto de táxi na entrada do Cemitério, então, o que aumenta o fluxo de pessoas na entrada do Gavião. Antonio diz que “em dias comemorativos como dia das mães, dias dos pais e finados, a entrada do Cemitério fica poluída de vendedores; vendem de tudo”.

O horário das 17 horas se aproximava e confirmamos que nenhum outro sepultamento aconteceria naquela tarde, diferente de outras tardes que fui ao campo, que era comum a ocorrência de sepultamentos no turno vespertino. Os coveiros, então, se deslocaram

para o vestiário. Encerrava-se, naquele momento, mais um plantão. Carlos, então, diz: “normalmente saímos entre 17h e 18h; se dá 17 horas, não tem mais enterro. Hoje foi um dia bem calmo; graças a Deus”.



Imagem 12: Final de expediente **Fonte:** Acervo pessoal

Após a saída dos coveiros, ainda permaneci no local fazendo algumas anotações e refletindo sobre aquele dia, diferente de todos os outros dias que estive em campo. Percebi que o cotidiano daquele lugar e daqueles profissionais é repleto do imprevisível. Cada dia tem suas peculiaridades e cada profissional tem a sua maneira de trabalhar, seus próprios ritos: um é mais eloquente, outro mais calado; um é mais dinâmico, outro mais detalhista; percebi ainda que Antonio faz oração ao iniciar e ao término de cada sepultamento.

Também pude perceber nesse final de tarde que o cemitério tem uma vista para o estuário do rio Bacanga, e, estando o céu claro durante o ocaso, pude observar o por do sol nitidamente.



Imagem 13: Rio Bacanga visto do Cemitério do Gavião **Fonte:** Acervo pessoal

Com o Cemitério fechado, me chamava atenção o antagonismo entre a movimentação externa e a calmaria do lado de dentro. A Praça da Saudade estava bastante movimentada e se viam pessoas fazendo caminhada e crianças brincando no parquinho.

2.1 O Trabalho dos Coveiros

Em conceituação genérica, é uma profissão definida por trabalhar no cemitério, preparar sepulturas, escavar a terra ou abrir gavetas ou retirar a lápide⁵ das covas, para o sepultamento; também é o coveiro que carrega e posiciona o caixão na cova ou na gaveta, além de realizar exumação de cadáveres.

Essa conceituação genérica é bem distante da imagem do coveiro que pretendo apresentar nesta dissertação; como dito na introdução deste estudo, aqui pretendo problematizar o coveiro como profissão estigmatizada, porém ao mesmo tempo apresentar a importância dessa profissão no lugar de memória, dando destaque para as suas experiências subjetivas no dia a dia e suas percepções a partir das suas próprias narrativas.

Neste estudo apresento um paradoxo: profissão considerada indispensável para a vida em sociedade, porém ao mesmo tempo invisível e sem destaque na mesma sociedade.

⁵ Lápide: do latim lapis, lapidis. Pedra, ou pedra funerária.

Ter a morte como companheira de trabalho não é algo comum para muitos, porém é o cotidiano de muitos trabalhadores pelo mundo todo.

Acerca do local de trabalho, Antonio diz o seguinte: “para muitas pessoas, os cemitérios são lugares estranhos e tristes, porém para mim, é o meu local de trabalho diário, um local tranquilo e que garante o meu sustento e dos meus!”.

Buscando na legislação trabalhista o enquadramento desta profissão, encontrei a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) do Ministério do Trabalho (2010); neste documento oficial, os coveiros pertencem ao Grupo 5 (Trabalhadores dos serviços, vendedores do comércio em lojas e mercados), nas famílias 5165 (Trabalhadores de serviços funerários) e 5166 (Trabalhadores auxiliares dos trabalhos funerários). A profissão do coveiro está registrada sob o número 5166-10 (Coveiro, Oficial de obras – sepultador).

Nesse mesmo instrumento do Ministério do Trabalho, encontrei a seguinte definição sobre o trabalho dos coveiros:

Auxiliam nos serviços funerários, constroem, preparam, limpam, abrem e fecham sepulturas. Realizam sepultamento, exumam e cremam cadáveres, trasladam corpos e despojos. Conservam cemitérios, máquinas e ferramentas de trabalho. Zelam pela segurança do cemitério. São assalariados, com carteira assinada, que atuam em cemitérios e crematórios, em horários diurnos. Em geral, trabalham em equipe, com supervisão permanente. Trabalham em local fechado ou a céu aberto. Os operadores de fornos trabalham a distância dos fornos. Frequentemente trabalham em posições desconfortáveis, durante longos períodos, expostos a materiais tóxicos, ruídos, altas temperaturas, intempéries e doenças contagiosas. (MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO, 2010, p. 789)

Ainda pesquisando os documentos oficiais, encontrei que a regulamentação dessa profissão aqui no Brasil se deu em 1965, através da Portaria MTPS n. 491/1965⁶ que definia a profissão de coveiro e estabelecia normas de higiene, sobre seu pagamento e sobre sua segurança. Porém, desde esse primeiro instrumento, o trabalho do coveiro já foi considerado uma atividade insalubre e exercício de atividade precária.

Sendo assim, aqui no Brasil ficaram determinados os seguintes requisitos para exercício da função de coveiro: idade superior a 18 anos, “robustez física” atestada pelas autoridades médicas, quitação para com as obrigações militares (para pessoas do sexo masculino) e ensino fundamental, exceto para o coveiro-operador de forno, que trabalha com

⁶ Portaria do Ministério do Trabalho e Previdência Social, de 16 de setembro de 1965, que revisou e atualizou os quadros das atividades e operações insalubres.

cremação, cujo requisito é o ensino médio completo e curso profissionalizante de até duzentas horas/aula. (MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO, 2010)

Apesar deste avanço significativo para a categoria dos sepultadores, tal normatização legal não foi suficiente para afastar o estigma social que a profissão ainda carrega. Além de ser uma profissão que, naturalmente, expõe os trabalhadores a uma série de riscos durante a execução de suas atividades, quais sejam, ergonômicos, físicos, químicos e psicossociais, ainda pode ocasionar acidentes e principalmente contaminações.

A este respeito, Antonio fala com propriedade sobre os riscos que ele percebe em suas atividades diárias:

Aqui no serviço, às vezes, esquecemos dos riscos e acabamos nos descuidando um pouco, sabe? Mas, os riscos têm aos montes. Trabalhos debaixo de sol e chuva, carregando caixão pesado, quebrando cimento, abrindo gavetas. Eu já vi na internet uns carrinhos que colocam o caixão em cima, mas aqui não temos, carregamos no braço. Mas, abrir gaveta é o que nos traz mais riscos – riscos de bactérias, vírus ou outras doenças. Nós coveiros devíamos ser grupo de risco e devíamos ser prioridade de vacinação contra esse Covid-19, mas quem disse? (ANTONIO, 50)

Ainda acerca dos riscos, Matos (2001) explica que depois de morto, o corpo passa a ser um ecossistema de populações formado por muitos organismos, como bactérias, microorganismos destruidores de matéria orgânica, podendo pôr em risco o meio ambiente e a saúde pública. E sendo o cemitério um repositório de cadáveres e um laboratório de decomposição, apresenta riscos que exigem cuidados técnicos e científicos na sua implantação e operação.

Andrade (2020) nos chama atenção, à luz da legislação vigente, que o ofício do coveiro é realizado em ambientes insalubres podendo levar os profissionais ao risco de contraírem as mais diversas moléstias tanto físicas e emocionais, fazendo jus ao adicional de insalubridade na forma da lei em vigor. Também fica estabelecido que os coveiros devam usar obrigatoriamente roupas adequadas, máscaras, luvas e demais equipamentos de proteção individual (EPI's) oferecidos pelas empresas empregadoras e de forma gratuita (dois por ano).

Seguindo essa linha de raciocínio, ainda sob o ponto de vista trabalhista e suas relações, convém destacar que os sujeitos dessa pesquisa tem o Cemitério do Gavião como primeiro local de trabalho exercendo esta profissão, porém já possuem algum tempo de experiência; têm salário médio de um salário mínimo, mais a insalubridade de 20% (vinte por cento) sobre o valor do vencimento; não possuem benefício como plano de saúde, nem acompanhamento psicológico. A escala de trabalho 2X1 (trabalham dois dias e folgam um); e

possuem alguns equipamentos de proteção individual (EPI's), como luvas, capacetes e óculos de proteção. Sobre EPI's, Carlos diz: “[...] só não gosto de usar os óculos de proteção, pois eles embaçam minha vista, eu já uso óculos normalmente, usar outro por cima complica”.

No início deste capítulo, enfatizei que Antonio havia dito que aprendeu o trabalho apenas na prática, com os coveiros mais experientes que já estavam por lá, pois não houve treinamento. “Aprendi o trabalho na tora, como dizia minha vó. Aprendemos olhando, aprendendo e errando. Hoje nós já ensinamos” (ANTONIO, 50).

Essa fala nos remete ao que Yves Clot (2010), diz sobre o assunto:

Ao iniciar-se numa situação de trabalho sem conhecê-la previamente, um novato utiliza-se da prescrição como o único recurso para conseguir fazer o que deve ser feito. A prescrição situa-se no impessoal da tarefa e se trata de algo precioso para o desenvolvimento da atividade. Mas, ao se deparar com as dificuldades impostas pelo real – sabemos bem que o meio é infiel – um conjunto de atividades pessoais se apresenta, inaugurando um conflito com a prescrição. O novato tenta imitar os mais experientes, utilizando-se de “atalhos profissionais”, mas logo percebe que não funciona. O que ele vê do exterior e tenta imitar, limita-se a automatismos observáveis. As particularidades dessas ações são invisíveis uma vez que se trata de problemas já “resolvidos” pelos experientes. Em meio a esse conflito, o novato busca recursos interpessoais do ofício para tentar resolver seu enigma. Ele investiga seus pares, compara a atividade de uns e de outros, começa a identificar as especificidades de cada um e a descobrir o que lhes é comum e o que lhe serve de referência. Ele se beneficia da troca e do diálogo com os experientes, especialmente quando estes falam entre si, sobre os “previsíveis genéricos da atividade” que lhes permitem livrar-se da situação diante do imprevisível. (CLOT, 2010, p. 23)

Outro dia em conversa com Benedito e Carlos, indaguei sobre a organização deles enquanto categoria profissional, eles disseram que não existe associação, nem sindicato, que já tentaram organizar um sindicato anos atrás, mas que não tiveram o suporte necessário para organização. Fazendo uma pesquisa em outros estados, encontrei que vários deles possuem sindicato dos coveiros ou de servidores ligados ao cemitério, infelizmente no Maranhão não encontrei registros de instituição sindical que ampare esses trabalhadores.

Essas questões foram fundamentais para pensar, inicialmente, sobre os riscos físicos inerentes às atividades dos coveiros, porém me fizeram refletir sobre outras questões ligadas aos sentimentos e ao psicológico desses profissionais: a atividade do coveiro é um trabalho multifacetado e complexo, no sentido de estabelecer relações com o fazer objetivo em meio às subjetividades dos sentimentos em volta do seu ato laboral. O trabalho do coveiro permite reflexões cotidianas da vida, da morte e do lidar com a morte.

Dessa forma, partindo para uma análise do cotidiano laboral do coveiro, podemos refletir que o mesmo trabalho desgastante do dia a dia, permite reflexões e diversas percepções das relações sociais estabelecidas naquele lugar de trabalho e convívio. Essa análise é possível sob vários enfoques: econômicos, ergonômicos, trabalhistas, afetivos, etc. Aqui daremos ênfase às percepções de cada sujeito sobre o seu trabalho e como eles se percebem, descrevendo também o seu modo operacional de trabalho.

Nas palavras de Lucchiari (1993), apoiado nos ideais marxistas, é através do trabalho que o homem materializa suas ideias, inquietações e seus sentimentos, resultando daí os bens materiais necessários a manutenção de sua existência. Ao mesmo tempo é nesta atividade laboral que se estabelece uma ponte entre o mundo subjetivo e o mundo objetivo do trabalhador; atividade pela qual pode proporcionar diferentes maneiras para o seu desenvolvimento.

Analisando a relação de trabalho e satisfação, Antonio diz que está muito satisfeito com seu emprego, pois é um trabalho fixo com salário ao final do mês. “Antes, eu trabalhava como pedreiro autônomo e nem sempre conseguia obra pra trabalhar, agora sou muito satisfeito com meu trabalho e salário ao final do mês” (ANTONIO, 50). Sobre esse aspecto, Benedito fala sobre a insegurança no mercado de trabalho: “Hoje vemos tantos jovens desempregados, sem oportunidade, mesmo pessoas com estudo estão desempregadas, por isso dou muito valor ao meu emprego” (BENEDITO, 42). Outra preocupação que percebi foi a proximidade do fim do contrato da empresa São Marcos, pois a última licitação se deu para administração do Cemitério por 10 anos e finaliza no final de 2021, devendo ocorrer nova licitação. “A gente fica com medo, né? Medo de chegar outra empresa e não querer contratar a gente!” finaliza Benedito.

A atividade do coveiro, assim como várias outras profissões, é desprestigiada pela sociedade, pois são carregadas de estigmas no imaginário popular, levando-as à invisibilidade desses trabalhadores e discriminação. O estigma é uma categorização pejorativa de um trabalho considerado sem prestígio. Uma das explicações sobre os motivos da criação de estigmas nos é fornecida por Ayush Morad Amar (1982, p. 79) no sentido de “diminuir o valor do outro”.

Santos e Oliveira (2012) foram buscar em Goffman, um resgate histórico sobre o estigma, como sendo resultante de um longo processo histórico que por muito tempo pertence a diversos grupos e sociedades. Na Grécia, o estigma surgiu para diferenciar e caracterizar as pessoas que cometiam algo de extraordinário, ou de mau, dentro do grupo ao qual pertenciam. Porém, para diferenciar o estigmatizado das pessoas comuns, eram feitos sinais com cortes no

corpo que caracterizavam aquela pessoa marcada como um escravo, um criminoso, um traidor, uma pessoa que devia ser evitada, especialmente em lugares públicos. Assim, o estigmatizado era visto como um ser incomum na sociedade grega, aquele sujeito que transgredia as normas sociais.

Na atualidade, a ideia de estigma é muito viva e se enquadra em diferentes âmbitos e circunstâncias. Nesta pesquisa, pretendo apresentar o estigma construído e reforçado no imaginário popular sobre a profissão do coveiro. Ainda nas ideias de Goffman (1980) o estigma é usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, porém é um conceito que se refere mais a uma linguagem de relações do que de características, ou seja, um “atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem”.

O estigma é um comportamento adotado por pessoas que seguem determinados padrões sociais tendentes a macular a imagem de indivíduos que não as seguem, seja por diferença profissional, econômica, peso, estatura, física, afetiva, entre outras. E fazem isso constantemente, seja consciente ou inconscientemente, porque são ensinadas que a normalização é que deve ser o modelo correto e tudo aquilo que foge à padronização sofre com o olhar desviante da sociedade. (SEVERO; MAIA; GUIMARÃES, 2002, p. 2004)

Estigmas, estereótipos e preconceitos, são ideias que estão ligadas diretamente com nexos conceituais, em que alguns teóricos concebem estereótipos e stigmas como tendo o mesmo sentido. Sendo assim, Goffman (1980), evidencia que o estereótipo se relaciona com o estigma social nos processos de construção dos significados através da interação. A sociedade institui o(s) padrão(ões) como as pessoas devem ser, e torna esse dever como algo natural e normal. O estranho a esse natural/normal não passa despercebido, pois lhe são rotulados como exóticos, estranhos, diferentes, fora do padrão definido como normal, podendo resultar na marginalização de indivíduos, o que impacta diretamente na subjetividade e constrói os estereótipos no imaginário popular.

Ademais, o estigmatizado pode ter a imagem, de si próprio, deteriorada, visto que almeja algo que talvez não seja nunca possível alcançar e passará a viver em um mundo incompleto, podendo acarretar consequências como isolamento, medo e depressão. (SEVERO; MAIA; GUIMARÃES, 2002)

Ainda inspirado nas ideias de Severo, Maia e Guimarães, depreendo que o estigma ocorre sempre de fora para dentro, e que não há como o indivíduo estigmatizado externar, pois a sociedade estigmatizadora não permite, na medida em que se trata de um

processo de absorção daquilo que a sociedade já escolheu para determinada categorização do pejorativo, por exemplo.

O estigma é um atributo que define as pessoas como socialmente desacreditadas e desqualificadas para aceitação social (Goffman, 1980). Portanto, o estigma caracteriza um tipo de repugnância social; e quando falo de estigma de uma profissão, se trata de uma parcela de trabalhadores que são desprezados, rebaixados a uma categorização inferior a outras profissões consideradas valorosas.

Analisando a linha de pensamento de Goffman, é possível relacionar o estigma da profissão do cozeiro com a teoria do trabalho sujo (*dirty work*) proposta pelo sociólogo norte-americano Everett Hughes; teoria que caracteriza profissões que não tem prestígio social.

O Dirty Work retrata um lado sobre o qual a sociedade silencia, com características extremamente negativas, mas que, mesmo assim, deve ser realizado por pessoas que, para alguns, não merecem destaque e nem precisam ser mostradas. Essas atividades, em muitos casos, são essenciais, mas permanecem escondidas ou não vistas pela maioria. O termo “sujo” pode envolver também aspectos de desgaste físico, psicológico, baixa remuneração, ausência de higiene do local de trabalho e do trabalhador ao executar sua atividade profissional, condições insalubres, degradantes, trabalho pesado, cansativo, com horário de trabalho exaustivo, entre outras características similares. O trabalho sujo como o trabalho que carrega uma mácula física, social e moral; trabalho sujo pode ser simplesmente fisicamente repugnante. Pode ser um símbolo da degradação, algo que fere a dignidade. Finalmente, pode ser um trabalho sujo na medida em que, de alguma forma contraria a mais heroica das nossas concepções morais. (HUGHES, 1958).

Bacci, Godoi-de-Sousa e Miranda (2016, p. 10) dizem que o termo Dirty remete à ideia de estigma, mácula, mancha, que de alguma forma, provoca nojo ou leva à invisibilidade. Assim, remete a uma prática repulsiva, que gera degradação, que rouba a dignidade de um indivíduo, que é física, moral e socialmente manchada.

Não obstante, não pretendo aqui analisar o trabalho sujo a partir de uma definição linguística, mas ampliar essa discussão refletindo sobre a desvalorização e marginalização da profissão do cozeiro. Essa teoria também se aproxima da teoria francesa conhecida como *Salé Boulot*, que trata de profissões degradantes sem prestígio social. Desta forma, são profissões carregadas de estigmas construídos e definidos socialmente e reforçados no dia a dia. Buscamos esse conceito para arcabouço teórico, justamente para apresentar possibilidades de análises desses estigmas encontrados e sustentados no imaginário popular, ao mesmo tempo problematizar a partir da análise do real a partir da percepção desses profissionais.

Segundo Silva et al. (2016), nas investigações sobre o trabalho, há um aspecto que não tem sido suficientemente abordado, a saber, o caráter estigmatizante de determinadas atividades laborais. Os autores citam o estigma em várias profissões: catadores de materiais recicláveis, garis, trabalhadores de cemitérios, funerárias e similares e dos agentes penitenciários. Além de discriminadas por seu conteúdo, essas atividades submetem os trabalhadores a riscos diversos, ligados a condições insalubres e de sobrecarga física e psíquica.

Assim, o Trabalho Sujo é caracterizado como toda atividade suscetível às situações que envolvam pouco prestígio, pouca visibilidade social, algum aspecto que possa denegrir a esfera moral do indivíduo, que esteja atrelada à alguma forma de estigmatização, vergonha, medo, baixa ou nenhuma remuneração, dificuldade de classificação perante a sociedade, que possua dimensões psicossociais, econômicas, morais e que dificulte também, a forma como o próprio sujeito envolvido se classifica e se constitui. (BACCI; GODOI-DE-SOUSA; MIRANDA, 2016, p. 06)

Continuando a análise de relação com a teoria do trabalho sujo, Ashforth e Kreiner (1999, p. 415) falam que essa categorização está ligada à “divisão moral do trabalho”. A partir das atividades consideradas socialmente prestigiosas, em diferentes cenários socioculturais, é possível analisar e classificar as restantes, considerando a ausência ou a presença dos aspectos que constroem socialmente as atividades valorizadas. Nesse aspecto, as atividades estigmatizadas como trabalho sujo são as que carregam as máculas evidenciadas por Hughes, física, social e moral, no sentido de manchas, que provocam nojo, repulsa, aversão e levam a invisibilidade social.

Inspirados em Goffman, Silva et al. (2016), asseveram que:

O estigma é uma diferenciação profundamente depreciativa, indesejada, que reduz ou macula o sujeito e que implica intolerância grupal. O sujeito estigmatizado surge não como uma individualidade empírica, mas como uma representação circunstancial aprisionada sob a fixidez do olhar do outro e ancorada em características diferenciadoras. Isso implica que o processo de estigmatização situa o indivíduo em uma condição de descrédito e de desvalor. (SILVA et al., 2016)

No livro *Pureza e Perigo*, Mary Douglas (2010) evidencia a ideia de sujeira ligada à ideia de impureza e desordem; nesse sentido, a concepção de trabalho sujo diz respeito a uma construção social de descrédito e à desqualificação da profissão, e quem pertence a essa categoria é considerado trabalhador sujo, uma pessoa socialmente impura.

Dizer que alguma coisa ou alguma atitude ‘dá nojo’ tem um significado social no interior das relações humanas: ao evitar o contato com a pessoa ou objeto que provoca a sensação de nojo, o sujeito age a partir de uma definição social, de que tal objeto é nojento ou nauseante. (PIMENTA; OLIVEIRA, 1999, p. 137-138)

Nesse sentido, trago a noção de “impureza” abordada por Zelenovic (2008), quando diz que a impureza do Coveiro está relacionada, principalmente, ao caráter ameaçador e angustiante da morte, pois lidar com o cadáver é lidar com uma referência concreta da morte, pois “os cadáveres não são apenas corpos sem vida, são a materialização da morte, a sua expressão e o seu veículo”. (ZELENOVIC, 2008, p. 27)

Para Douglas (2010), a ordem pode ser representada pela distinção entre padrões subjetivos de limpeza e sujeira, na qual o limpo está simbolicamente associado à pureza, assim como o sujo ao perigo, conferindo, desta feita, carga moral ao par limpo/sujo. Para a autora de Pureza e Perigo, o sujo é uma construção social que se ocupa das categorias morais atinentes ao desviante, cuja vocação é o controle. É algo relativo e está associado à maldade, ao desvio, à ofensa e à ordem, assim como o limpo remete ao bom, à normalidade. É, portanto, como já foi dito acima, critério de diferenciação social, em que os grupos são reconhecidos segundo os valores de limpeza e sujeira. Em grande medida, o conceito de trabalho sujo remete à construção dos contornos da divisão moral do trabalho.

Podemos reconhecer nas nossas próprias noções de sujeira que estamos usando uma série de omnibus compendium que inclui todos os elementos rejeitados de sistemas ordenados. É uma ideia relativa. Sapatos não são em si sujos, mas é sujeira colocá-los na mesa da sala de jantar, comida não é sujeira em si, mas é sujeira deixar utensílios de cozinha no quarto, ou deixar comida salpicada na roupa; do mesmo modo, equipamento do banheiro na sala de visitas; roupa pendurada nas cadeiras; coisas que são para ser deixadas fora da casa dentro da casa; coisas do primeiro andar no térreo; roupa de baixo aparecendo, e assim por diante. Resumindo, nosso comportamento de poluição é a reação que condena qualquer objeto ou ideia capaz de confundir ou contradizer classificações ideais (DOUGLAS, 2010, p. 51).

As reflexões de Mary Douglas nos fazem repensar essa relação entre puro/impuro, sujo/limpo, construídas na sociedade e sustentadas pelos estigmas no imaginário. “Não há sujeira absoluta: ela existe aos olhos de quem a vê” (DOUGLAS, 2010, p. 12). Nesse sentido, é preciso analisar os trabalhos sujos em permanente interlocução com os contextos sociais em que se inserem, dentro das percepções sociais que os constroem como sujos e degradantes. (DOUGLAS, 2010)

Sobre a definição social da sujeira, Silva Mattos (2012) diz o seguinte:

O aporte do trabalho sujo distingue as diferentes ocupações de acordo com os critérios de limpeza e sujeira, de certo e errado. A dificuldade em precisar aquilo que é sujo advém de sua constituição essencialmente moral, ou seja, baseada em juízos valorativos de uma dada sociedade. Assim, determinada atividade pode ser considerada de formas distintas ou mesmo opostas em diferentes comunidades. Em se tratando de trabalho, fala-se comumente em estigmas associados a ocupações em virtude das atividades desempenhadas e/ou das pessoas com quem se lida. De toda forma, a marca que o trabalho sujo impinge, instaura conflitos morais, experimentados como desrespeito social. (SILVA MATTOS, 2012, p. 51-52)

Seguindo essas reflexões acerca do que é caracterizado socialmente como sujeira, Franco (2008) evidencia que a morte eclode como algo impuro e indiscriminado, em que estão presentes restos.

A terra e o pó aparecem como elementos ligados à morte, os quais são presença rotineira no cotidiano dos sepultadores. É importante observar que a metáfora da terra surge, já que a principal atividade do sepultador é enterrar (“pôr debaixo da terra”). Neste sentido, a morte fica misturada com a terra, encoberta, escondida pela mesma. Nosso destino passa a ser aquele espaço pequeno, que se liga a toda terra do mundo, misturando os homens aos elementos do ambiente. A metáfora do pó ilustra a que o homem se reduz diante da morte. (FRANCO, 2008, p. 154)

Bebendo na fonte de Hughes, Silva et al. (2016) dizem que as profissões desse universo considerado trabalho sujo são aquelas que remetem a uma experiência tabu, impura, indesejável. São ofícios físicos, morais ou socialmente considerados degradantes e que sustentam indicadores de desprestígio social. Os autores ressaltam, porém, que o “sujo”, não se refere a escuso, torpe ou ilegal. Ao contrário dessa ideia, o trabalho sujo refere-se a atividades necessárias, utilitárias e necessárias, porém indesejadas e que são mantidas à distância e que, por isso, carregam marcas de uma construção social que lhes imprimiu características repulsivas.

A contribuição acima nos remete à Bendassolli e Falcão (2013) quando dizem que a sociedade delega o trabalho sujo a grupos que atuam como agentes dessa mesma sociedade, mas que, em contrapartida, são por ela estigmatizados. Em outras palavras, a mesma sociedade que cria a demanda e necessidade por trabalhos sujos priva aqueles que os realizam de um status social observado em outras ocupações ou esferas da vida social.

Portanto, a morte é considerada um “tabu social” (RODRIGUES, 2006), dessa forma a profissão do coveiro é julgada como impura porque viola o tabu social ao manipular os corpos cadáveres. Nas palavras de Goffman (1980), é uma profissão “inabilitada para a aceitação social plena”. Sendo assim, a profissão dos coveiros carrega o estigma de profissão repugnante, ao mesmo tempo, necessária. Os coveiros são tratados como estranhos ou, como denominou Howard Becker (2008), como “outsiders”. Neste sentido, um estranho em meio a uma despedida familiar, um momento de dor familiar.

Apoiada nas distinções feitas por Dominique Lhuillier, em seus trabalhos psicossociais, a Doutora em Psicologia Social, Fabiana Oliveira faz as seguintes considerações acerca da zona de fronteira vivida por esses trabalhadores:

As tarefas desses trabalhadores se desenvolvem em zonas de fronteiras sociais que separam o sujo e o limpo, a vida e a morte, o “bom” e o “mau” e se constituem em transgredir separações socialmente estabelecidas como tocar excrementos, manipular e abrir cadáveres, aprisionar e coagir pessoas. Eles atuam na contracorrente da produção social, no sentido inverso do “processo civilizacional”, distanciando-se do que é estabelecido socialmente como “mais nobre”, ou “mais valorizado” e aproximando-se do “mais bruto” e selvagem. (OLIVEIRA, 2016, p. 101)

Conforme Ashforth e Kreiner (1999) o ofício do coveiro carrega o estigma da invisibilidade social. Esse conceito se relaciona aos trabalhadores que, pela indiferença ou preconceito, atingem a condição de estar à margem da sociedade, sem relevância social.

Portanto, são facilmente perceptíveis os estigmas acerca do trabalho desses profissionais associados com a morte e com o cemitério. Uma atividade considerada prioritariamente braçal e que requer força física, de baixa remuneração e que lida com o indesejável e com as impurezas. Porém, o que percebo são pré-noções e estigmas criados e cristalizados no imaginário popular, que distorcem o real significado dessa profissão.

2.2 Filmes/Literatura

Na literatura e nas obras cinematográficas é bem comum encontrarmos a imagem do coveiro remetida ao estigma do estranho e do diferente. O primeiro exemplo que posso citar, e talvez o mais antigo que tive contato, é o da obra *Hamlet*, de Willian Shakespeare. Lembro bem da cena 1, do Ato 5 da obra, na qual dois coveiros dialogam enquanto desenvolvem a atividade de ofício. Após a saída de um dos coveiros, o outro continua

cavando com uma pá, quando inicia um canto nostálgico, momento em que Hamlet inquieto diz: “Esse sujeito não terá o sentimento da profissão, para cantar, quando está abrindo uma sepultura?”. Algo que me chamou atenção nessa fala foi o questionamento de Hamlet sobre uma atitude do coveiro (cantar) como sendo uma ação descabida para aquele momento, pois o coveiro deveria ficar ali quieto, apenas fazendo seu trabalho sem chamar atenção.

De maneira simples e serena, Benedito me diz: “Nós precisamos ter muita sabedoria ao falar algo durante o sepultamento, às vezes é melhor ficar calado e apenas fazer o nosso serviço. Nem sempre eles são receptivos ao que falamos, pode soar mal: um estranho falando numa despedida familiar”.

Outro exemplo da literatura que posso citar é o livro do autor brasileiro Erico Veríssimo, “*Incidente em Antares*”, o qual apresenta em seu enredo uma greve dos coveiros; na verdade, o livro apresenta a história de duas famílias que se odeiam, uma mescla de romance, história real, história fictícia e humor. A obra, relata entre tantos assuntos e críticas, uma greve geral que acontece na cidade fictícia de Antares no Rio Grande do Sul, inclusive os coveiros estavam em greve, assim como as demais categorias profissionais. Ocorre que morrem 07 pessoas durante esse período de greve, porém como os coveiros não estavam trabalhando (aqui destaco a importância e necessidade da profissão), os corpos não puderam ser enterrados, ficando a espera. Sendo assim, os defuntos resolveram vagar pela cidade e denunciar as imoralidades da sociedade de Antares.

Lembro o meu primeiro dia de entrevista com os coveiros, foi um momento de explanação para eles sobre os objetivos da pesquisa, fui muito bem recebido e acolhido, inclusive eles brincaram que sempre me viam por lá, mas eu nunca perguntava para eles – Antonio falou sorridente. Percebi nesta fala de Antonio o quanto esse novo objeto de estudo seria desafiador e estimulante para minha pesquisa, pois novamente ficava claro meu momento de inflexão naquele lugar que há tanto tempo eu me colocava a pesquisar. Continuamos a nossa primeira conversa, naquele primeiro contato, e mesmo sem eu perguntar, a conversa enveredou para uma reflexão sobre a importância da profissão do coveiro e Antonio soltou de início: “se agente não existisse quem iria enterrar os mortos”? Benedito, completa dizendo: “Somos muito discriminados pela nossa profissão, sim! Mas, quero saber quem tem coragem de vir fazer o trabalho no meu lugar. Você já pensou se ninguém mais no mundo quiser ser coveiro?”.

Das obras cinematográficas, poderia citar várias, mas a primeira que me vem na lembrança é o filme brasileiro “*À meia-noite levarei sua alma*”; filme de 1964, em preto e branco, gênero terror, que lançou o emblemático personagem do coveiro Zé do Caixão, que

tanto fez parte da televisão brasileira nas últimas décadas quando o assunto era cemitério. Um personagem assassino e assustador, ao mesmo tempo dono da funerária e coveiro. Outro filme que posso citar é o longa-metragem “*Sinfonia da necrópole*”, dirigido por Juliana Rojas. Neste filme, o personagem do coveiro é de um profissional medroso com seu próprio ambiente de trabalho; filme que mostra o cotidiano do cemitério, que traz a história de um coveiro e uma funcionária do cemitério que têm a missão de remodelar o local para abrigar mais sepulturas. Filme que apresenta o cemitério, em certos momentos, de forma cômica, de forma leve e divertida e, em outros momentos, em caráter assustador.

Em conversa, Benedito, me revela: “Assisto muitos filmes na televisão e na internet sobre cemitério, tanto de comédia quanto terror, mas prefiro mesmo os de comédia. [...] também gosto de ler, leio de tudo, principalmente na internet do meu celular”.

Muitas outras obras reforçam o estigma da imagem do cemitério e, conseqüentemente, dos coveiros; poderia citar, ainda, o filme “Cemitério maldito”, dirigido por Mary Lambert, ou mesmo o filme “Harry Potter e as relíquias da morte”, dirigido por David Yates, ou tantos outros filmes que ostentam essa visão pejorativa dos cemitérios.

Sobre os filmes, fiz um convite aos sujeitos desta pesquisa. Convidei-os a assistir 2 filmes aqui citados e depois faríamos uma roda de conversa sobre os mesmos, a partir da impressão de cada um. Primeiramente fiz o convite a Antonio e Benedito que estavam de plantão. Benedito logo enviou uma mensagem pelas redes sociais para Carlos, comentando a dinâmica. Notei que os 3 ficaram bastante animados e curiosos com a proposta. Então, baixei os 2 filmes, coloquei em pen drive, e dois dias depois retornei pra entregar pra cada um; eles mesmos decidiram que uma semana seria suficiente pra assistir. Escolhi os filmes *Sinfonia da necrópole* e *À meia-noite levarei sua alma*, por serem de épocas diferentes e por fazerem diferentes abordagens acerca do coveiro e do cemitério.

Após esse tempo estipulado, fizemos a nossa roda de conversa. Inclusive coincidiu com um dia que Antonio mesmo sem estar de plantão, teria que ir ao cemitério resolver problemas burocráticos. Fizemos nossa roda de conversa em baixo da árvore, onde habitualmente conversávamos, fizemos isso no final do expediente, por volta de 16:30.

Antonio iniciou falando: “o filme que mais gostei de assistir com meu filho foi do Zé do Caixão. Filme de terror sempre eu gosto, mas nesse caso do filme era de terror, suspense e ao mesmo tempo engraçado”. Benedito interrompe: “eu não gostei desse (filme); acho que por isso somos mal vistos, o coveiro era o homem mais estranho em meio aos outros homens, seu jeito era estranho, seus gostos, até seu andar. Porque se todo coveiro fosse igual Zé do Caixão, tava todo mundo lascado”. Diz, ele sorrindo. Carlos, por sua vez, disse que o

filme que mais gostou foi *Sinfonia da necrópole*: “não conhecia esse filme, nem na internet nunca tinha visto nada sobre ele. Mas, foi um filme que me tocou bastante. Filme com música sempre gosto muito, tipo musical. E esse filme trabalhou muitos temas acerca do cemitério”. Sobre esse filme, Antonio disse: “esse filme apresenta muitas coisas que lembram aqui, o Cemitério do Gavião. Principalmente porque desde que cheguei aqui sempre ouvi que o Cemitério cresceu de forma desordenada e que não houve planejamento e no filme justamente falava disso”. Carlos retoma o que estava dizendo sobre o filme:

Um tom de romance entre os personagens dentro do cemitério foi algo comédia, nunca me imaginei me apaixonando por alguém aqui no Cemitério, Olha que tem enterros que vem muitas mulheres bonitas, mas o momento é de tanta tristeza, que nem pensamos em paquerar. (CARLOS, 43)

Benedito brinca dizendo que Deodato (personagem principal do filme) é Carlos. “Deodato é igualzinho Carlos, pois ele desmaiava assim como ele”, diz Benedito dando gargalhada. Carlos se defende: “desmaiei porque tava doente”, diz ele sorrindo. Por fim, Antonio disse: “gostei muito dessa dinâmica dos filmes, pode nos indicar mais filmes que vou assistir, minha esposa também gostou muito”. Eu agradei a eles por aceitarem a proposta e expliquei a importância de um momento como aquele para o desenrolar desta pesquisa.

Portanto, várias são as obras literárias e cinematográficas que contribuem para essa estigmatização da imagem do coveiro e do próprio cemitério. Porém, essa ideia de estigmatização é muito ligada ao próprio estigma da morte na cultura ocidental.

O fenômeno da morte é marcado pelo que se desconhece e se estranha. Há um limite do que é possível saber sobre tudo que abrange esse fenômeno. O espaço do cemitério é compartilhado pelos mortos, referência onde se reconhece a facticidade da morte, e pelos vivos. É um espaço propício ao encontro das esferas do familiar e do desconhecido refletidos pelo encontro entre vida e morte. Nesse sentido, o cemitério é um lugar de fronteira, entre o conhecido e o estranho, ou seja, é um “campo onde ninguém manda”. Toda fronteira é marcada por certa ambiguidade e pela indefinição de delimitar com exatidão onde começa e termina cada um dos lados que se encontram. (RABELO, 2014, p. 92)

Buscando o tema morte em Foucault (2004, p. 580), ele diz que a morte “não é um acontecimento possível, é um acontecimento necessário”; neste sentido, é possível remeter essa ideia à concepção de finitude, acontecimento que possibilita inúmeras possibilidades de reflexão e possibilita um olhar para as experiências vividas.

Acerca da ideia de finitude, percebi diferentes interpretações nos diálogos com os sujeitos. Enquanto Antonio dizia que a morte era uma passagem, Benedito defendia que a morte significava o fim. Antonio faz ainda a seguinte consideração: “quem tem medo de morrer, deixa de viver! A morte é algo que assusta, mas é algo necessário”. Para, além disso, Carlos, que diz gostar desse tema, faz a seguinte argumentação:

Pensar na morte é pensar na vida. Só conseguimos refletir sobre a nossa morte, porque ainda estamos vivos; por isso temos que valorizar a nossa vida, pois é um presente de Deus. Se não existisse a morte, não teríamos preocupação alguma com o amanhã e tudo poderia perder o sentido. (CARLOS, 43)

“A morte é um caminho necessário, pois ocasiona a reflexão sobre a vida” (OLIVEIRA, 2016, p. 38). Morte e vida, portanto são um processo, ambos interligados e interdependentes, embora o fim desse processo muitas vezes seja repentino. Mas, não podemos negar que eles estejam imbricados em essência.

De repente num dia você está vivo, no outro você já não tá. Por isso que dizem ‘para morrer basta estar vivo’. Com certeza a morte desestabiliza uma família, tem coisas que pra mim não fazem sentido. Fico às vezes pensando o que a minha família vai ficar fazendo depois que eu morrer? Mas, é vida que segue, né?”. (CARLOS, 43)

Tal discurso nos remete à ideia da desordem, tratada na seção anterior. Se remetermos à citação de Carlos à análise de Franco (2008) podemos compreender que:

A morte parece ser abordada de duas formas em nossa sociedade contemporânea: pela via do ridículo ou do sinistro. A primeira abordagem refere-se ao humor macabro, aos filmes de terror, ao universo do gozo mórbido – o ridículo de se morrer. A morte, neste sentido, é vista como uma anomalia, uma vez que debochamos da condição de se morrer, do quão isto é inviável a nós, humanos. Esse deboche percorre várias passagens da história da humanidade, tendo-se em mente manifestações como as danças macabras, que expõem ao homem o “ridículo” da efemeridade da vida e inevitabilidade da morte e evocam uma maneira de escape ao horror da morte. Já o campo do sinistro implica nojo, medo e estranhamento – esta última característica, aliás, é bastante presente quando nos referimos à temática, pelo fato de não absorvermos a morte como parte da vida. Àquela cabe um universo paralelo, um mundo estranho e alheio. (FRANCO, 2008, p. 17)

Portanto, a sujeira que envolve o imaginário sobre o coveiro é proveniente da estigmatização do seu espaço específico de trabalho e sua relação com a morte. Logo,

depreendo que é perceptível que a literatura e obras cinematográficas reforçam o estigma da morte, do cemitério e dos coveiros.

Digo, ainda, que a estigmatização dessa categoria de profissionais levam a invisibilidade pública. COSTA (2008) na sua obra “*Homens invisíveis*” diz que a “invisibilidade pública é uma espécie de desaparecimento psicossocial de um homem no meio de outros homens”.

A invisibilidade pública – construção social e psíquica – tem a força de *ressecar* expressões corporais e simbólicas dos humanos então apagados. Pode abafar a voz e baixar o olhar. Pode endurecer o corpo e seus movimentos. Pode emudecer os sentimentos e fazer fraquejar a memória. Faz esmorecer – em todos estes níveis – o poder de aparição de alguém. (COSTA, 2008, p. 15)

Ainda sobre invisibilidade da profissão, Costa (2008): continua dizendo que a invisibilidade pública é expressão pontiaguda de dois fenômenos psicossociais que assumem caráter crônico nas sociedades capitalistas: a humilhação social – fenômeno histórico em constante construção no cotidiano de indivíduos economicamente pobres – e a reificação – processo modelado pelas determinações mercantis, no qual as pessoas passam a ter valor como se fossem objetos. (COSTA, 2008)

A análise de Costa busca inspiração nos sociólogos Peter Berger (1929-2017) e Thomas Luckmann na obra “*A construção social da realidade*” ou mesmo em Wenger (1998, p. 58) quando nos lembra, o termo reificação significa tornar-se coisa. A este respeito, Costa (2008) diz que:

Seres humanos, andando na rua, não passam por outros como quem passa por um poste: o corpo e o olhar se modificam, os movimentos ficam distintos, a atenção se transforma, é afetada, como que se alarga. A atenção que os humanos dispensam uns aos outros é de natureza diferente daquela dirigida a objetos. (COSTA, 2008, p. 13)

Nessa linha, fui compreendendo ao longo das observações e das conversas no campo, que mesmo não tratando expressamente sobre o tema invisibilidade, os coveiros hora ou outra, narravam experiências que deixavam clara a percepção dessa invisibilidade. Acerca disso, Antonio contou-me: “tem enterro que o pessoal (amigos e familiares) nem olham na nossa cara, às vezes até esbarram na gente, mas não nos percebem, acredito que se o enterro fosse hoje e amanhã eles me encontrassem num supermercado, eles não se lembrariam de mim”.

Desta forma, ouvi muitos discursos acerca do afeto envolto desta profissão. Benedito coloca que “os cemitérios assumem um papel interessante de lugar harmônico de convivência entre vivos e mortos, assim como um lugar de convívio entre pessoas num momento delicado de despedida”.

2.3 Relações de Afeto

Atenção especial foi dada à percepção sobre as relações de afeto percebidas no cemitério e relacionadas à profissão do coveiro. Nessa análise de carga afetiva, pretendo destacar o desgaste, o estresse e as emoções oportunizadas pelo trabalho diário no cemitério.

Antonio, certa vez, me disse: “Aqui é minha segunda casa, às vezes passo mais tempo aqui do que na minha própria casa. Não gosto de falar ou pensar na minha morte ou morte dos meus familiares, sei que vai chegar, mas não gosto de pensar nisso hoje. Acho um drama esse momento da despedida”. Em seguida, Benedito, diz: “O nosso serviço é tão intenso, envolve tanto sentimento alheio que quando chego em casa, procuro não lembrar, procuro me distrair, não falar de morte, gosto de falar de vida, curtir minha família”.

Essa fala de Benedito remete a um texto que eu havia lido recentemente, da autora Clarissa de Franco, quando em 2008 fez uma pesquisa intitulada *A cara da morte*, no estudo ela apontou que coveiros evitam pensar na morte ou sentir as emoções despertadas por esse fenômeno, apresentando grande dificuldade em abordar o tema da morte.

Nesse mesmo estudo, a autora diz que:

O sepultador, que fica com o chamado “serviço sujo”: carregar o peso (literal e metafórico) do morto, usar a pá e a enxada – instrumentos associados ao trabalho braçal –, e finalmente, ser invisível à família, não demonstrando nenhum sentimento que possa vir a interferir na dor dos parentes e amigos do morto. Em suma, uma máquina preparada para “limpar” a impressão que a morte causa, enterrando seus resquícios. (FRANCO, 2008, p. 139)

Durante a pesquisa de campo, nas falas dos sujeitos desta pesquisa, recebo respostas que vão de encontro à colocação de Franco. Em uma das conversas, Benedito contou-me:

Estar presente nesse momento de despedida, em que a família e os amigos estão chorando, é um momento de muita dor. Tem momentos que sinto a dor

deles. Eu acho que é um fardo, uma carga emocional. Não lembro se já chorei em algum sepultamento, mas muitas vezes me vi emocionado e com um nó na garganta. Mesmo algumas pessoas achando que somos frios para trabalhar nessa profissão, não existe isso! Pois, somos humanos, não seria possível não me emocionar num momento como esse. Temos família! (BENEDITO, 42)

Percebi nessa fala de Benedito, que essa carga emocional caracteriza um elo, ainda que momentâneo, entre seres humanos, mesmo que aquele seja o primeiro e, talvez, o único encontro deles. Os sepultadores sentem a dor dos familiares e amigos que estão ali presentes na despedida. O que nos remete à Rousseau em sua obra *Discurso sobre as origens da desigualdade entre os homens* (1754), quando sustenta o discurso que o primeiro movimento de nosso coração, nosso primeiro sentimento, é a piedade/compaixão - trata-se do sentimento que nos faz sentir, com o outro, a dor que o afeta.



Imagem 14: Arte cemiterial que conota afeto **Fonte:** Acervo pessoal

O coveiro, além de estar diante do morto, também está diante dos vivos. Isso torna os coveiros testemunhas e partícipes da última despedida entre o morto e seus familiares e amigos. Estar presente nesse momento de despedida coloca os coveiros diante das emoções despertadas pela morte, de modo que a carga emocional dos familiares, que pode variar desde a apatia até a agressividade. (ZELENOVIC, 2008)

A hora do enterro é um momento de reflexão: ao fechar o caixão na sala de velórios, conduzi-lo até à sepultura e enterrá-lo, os coveiros acompanham a despedida entre os familiares e seu ente. [...] é o momento mais difícil, de mais dor. A dor da família diante da separação física emociona e comove os coveiros, pela pessoa que está sofrendo, pela pessoa que morreu e pelas lembranças que aquela situação provoca neles, porque a morte é também um momento de reflexão. Esse é um momento em que os coveiros olham também para si mesmos, para sua história e lembram-se das pessoas que perderam. (RABELO, 2014, p. 86)

Acerca do momento do sepultamento e das relações estabelecidas, me chamou atenção quando Antonio falou: “não se trata de mais um morto, enterramos pessoas! São famílias e amigos que estão sofrendo uma perda”. Essa argumentação de Antonio me fez perceber uma dimensão que aproxima o familiar do estranho. Uma relação de empatia se constrói em cada sepultamento.

Nesse sentido, a estrutura da vivência empática consiste em captar o que o outro experiencia. Sentir com a família a dor da morte de seu ente é expressão de humanidade para os coveiros. Nesse momento de dor, com sensibilidade e suavidade, por meio de suas presenças silenciosas e respeitadas. (RABELO, 2014, p. 120)

A contribuição acima se assemelha à narrativa de Antonio quando nos coloca: “precisamos estar atentos ao momento e aos sinais, às vezes nós (coveiros) conversamos somente no olhar, ou num gesto discreto. Até pra saber a hora de fechar o caixão ou empurrar o caixão na gaveta precisamos de sensibilidade, pois até nesse momento buscamos o tempo adequado. Várias vezes a família impede ou tenta impedir o enterro”, conclui ele.

Benedito relatou que, normalmente, fica calado durante todo o sepultamento, respeita a relação do tempo e as emoções dos amigos e familiares do morto, mas relatou que já passou por muitas situações constrangedoras, já sofreu agressões verbais e físicas. “Às vezes uma palavra ou olhar estraga o dia da gente. Às vezes eles nem olham na nossa cara”, conclui ele.

Nas interações com os familiares e amigos do morto, os sepultadores se colocam numa posição de invisibilidade, numa tentativa de ignorar as demonstrações de desprezo. Essa ideia nos remete aos ensinamentos de Batista e Codó (2018, p. 78) quando dizem que os sepultadores priorizam a dimensão afetiva do trabalho, pois lidam diariamente com o fenômeno da morte e com a subjetividade das emoções; a habilidade para lidar com o luto das pessoas é considerada o aspecto mais importante da profissão. Os trabalhadores precisam ser cuidadosos com o manuseio do caixão. A movimentação durante sua colocação na terra, os

solavancos e ruídos despertam sempre a ira dos familiares, que desejam proteger a pessoa morta. Os trabalhadores percebem que precisam lidar com essas manifestações de forma adequada às diferentes circunstâncias no dia a dia.

Há sepultamentos que o número de presentes é grande, enquanto outros acontecem com a presença de poucas pessoas. Há sepultamentos que são mais discretos outros são mais pomposos. Sobre isso, Carlos nos coloca: “Tem sepultamento de gente que fica rindo, que não chora, acho estranho, mas deve ser normal, vem muita gente rica por aqui, ricos são assim mesmo”, fala ele sorrindo. Conclui dizendo: “tem sepultamento que é lotado, lembro do sepultamento de Joãozinho Trinta⁷, o cemitério ficou sem espaço, era gente pra todo lado”.

Quando indaguei o Antonio sobre a percepção dele sobre alguns enterros terem tanta gente e em outros tão poucas pessoas. Ele ressaltou que desde o início da pandemia tem sido comum sepultamento com poucas pessoas devido às imposições do estado. Conforme as portarias estaduais da Secretaria de Estado de Saúde do Maranhão, os velórios devem ocorrer em 10 minutos, sempre em ambiente aberto à circulação de ar, e ficaram limitados a participação de, no máximo, 10 pessoas. Sendo que para o sepultamento, a recomendação é o limite máximo de participação de 5 pessoas (MARANHÃO, Portaria/SES/MA n. 202, de 30 de março de 2020).

Esse tema merece destaque nas discussões em tempos atuais: o cotidiano dos coveiros em tempos de pandemia do covid-19. Desde o início da pandemia, houve um aumento significativo do número de sepultamentos, com quantidade pequena de familiares acompanhando o ritual devido às medidas sanitárias, porém o profissional coveiro sempre está lá presente, com a urgência de um trabalho célere que limite a expansão da contaminação, ao mesmo tempo em que fica exposto.

Sobre esse período de pandemia, Antonio relata que “muitos familiares alegam que não podem viver o luto como queriam. Pois, segundo a portaria, logo após a confirmação da morte por corona, o corpo deve ser colocado no caixão e lacrado imediatamente, além de ser desinfetado e enterrado rapidamente”.

Ainda sobre o período de pandemia, Carlos fez os seguintes apontamentos:

Neste período de pandemia me sinto cansado como nunca havia me sentido antes; além do cansaço físico vem a preocupação de levar algo pra casa; trabalho diariamente com sepultamento, mas o que vem acontecendo nesse

⁷ João Clemente Jorge Trinta, conhecido nacionalmente como Joãozinho Trinta. Artista plástico e carnavalesco; Faleceu em dezembro de 2011 e foi enterrado no Cemitério do Gavião.

período não é algo normal, nunca imaginei viver um momento como este! [...] Tenho descansado pouco. Estressado mentalmente. Ficar doente de corona vírus é uma preocupação constante. Quando chego em casa, tiro a roupa no terraço e já vou tomar banho no quintal mesmo. O pior é que nossas fardas somos nós que lavamos. (CARLOS, 43)

Segundo a diretoria do Cemitério do Gavião, antes da pandemia o cemitério tinha uma média de cinco sepultamentos/dia, porém desde março 2020 esse número vem crescendo. Antonio disse que no meio do ano passado teve dia em que realizou 14 sepultamentos num único dia. “Com certeza o dia mais difícil já trabalhado aqui, acabava um enterro, começava outro, uma tristeza sem fim. Cheguei em casa muito cansado e abalado!”, relatou ele. A esse respeito, Benedito conclui: “Tenho muito medo de contaminação e o receio de levar o vírus “maldito” para minha família”.

Sobre esse tema, muitas reflexões são possíveis, principalmente quando pensamos na invisibilidade social mencionada na seção anterior. Em tempos de pandemia coveiros continuam sendo ignorados pela sociedade que demanda os seus serviços com ainda mais frequência. Os próprios aparelhos midiáticos, em seus boletins diários, apresentam os números crescentes da pandemia e dos sepultamentos em decorrência, porém os coveiros responsáveis pelos sepultamentos continuam invisíveis.

Antes de finalizar o assunto da pandemia, Antonio ressaltou que mesmo antes da pandemia já aconteciam alguns enterros com poucas pessoas, mas ele acredita que seja porque as pessoas familiares e amigos pudessem morar distantes, ou porque tivesse poucos amigos mesmo. Sobre esse assunto o Carlos disse que as pessoas vão ao enterro para que o morto não se sinta “abandonado”.

As colocações acima me fizeram refletir sobre questões de abandono e esquecimento. Com isso, lembro uma ponderação da autora Renata Nogueira em seu artigo Elos da memória: passado e presente, cemitério e sociedade:

Neste contexto, esses espaços cemiteriais podem ser compreendidos como o espaço onde se recusa esquecer, sendo este um desejo do homem vivo: o homem não quer ser esquecido depois de morto, e por isso, “constrói” espaços determinados à sua perpetuação. Esta construção exige o diálogo com as diferentes formas de controle simbólico do tempo e da individualização nas sociedades humanas na busca de traduzir uma experiência e as relações com a cultura na qual se insere a vida post-mortem, onde vivos e mortos dialogam a partir da carência de uns e da herança de outros. (NOGUEIRA, 2012, p. 82)

Portanto, o universo vivido pelos sujeitos pesquisados desperta vários questionamentos. Carlos, certa vez, me fez a seguinte reflexão: “Às vezes me pergunto: o que meus filhos e amigos vão pensar quando eu morrer?”. Sua resposta me remeteu a um texto de Paul Landsberg quando abordava experiência da morte: a morte de alguém com quem se criou um laço afetivo, a quem se dirige o amor pessoal é decisiva para a compreensão do essencial da morte humana e para a experiência da morte no interior da própria existência. A morte de alguém que seja próximo desperta muitos questionamentos e reflexões, desperta variadas formas de se lidar com a morte. (LANDSBERG, 2009)

Ainda sobre os laços afetivos, Rabelo corrobora:

A morte de um próximo com quem se criou um laço afetivo provoca desestruturações e crises que abalam a estabilidade de um mundo que encontrava sustentação na existência dessa vida que morrera. Esse rompimento desencadeia ambiguidades, o ‘querer e não querer sofrer’, perda de sentido e fragmentação de um mundo que até então se mostrava estável. A dor vivida pelo desaparecimento do outro pode chegar a ser ‘demasiadamente desumana’, mas é ao mesmo tempo a confirmação do laço com o outro, agora ausente. (RABELO, 2014, p. 31)

Logo, sobre relações de afeto perceptíveis no ofício do coveiro, vi muitas relações possíveis: relações subjetivas, relações com os enlutados, relação com os colegas de trabalho, relações com o lugar e com a própria profissão. Benedito reconhece que seu trabalho envolve um misto de reflexão e emoção.

Sobre as relações com os colegas de trabalho percebi um grau de admiração entre os coveiros, embora alguns relatos de animosidade ao longo das narrativas. Benedito disse: “logo que cheguei aqui achei Antonio muito grosso e ignorante ao ensinar as tarefas, mas depois entendi que era o jeito dele. Logo, nos tornamos grandes amigos”. Sobre o lugar, Antonio diz: “penso em me aposentar aqui. Sei que sentirei saudades quando me aposentar. [...] e quero ser enterrado aqui”. Neste momento, Antonio me revela que adquiriu recentemente um terreno no Cemitério do Gavião e que logo pretende construir uma sepultura. “Comprei, mas não quero usar tão cedo!”, diz ele, sorrindo. Nessa relação com o lugar percebi que os coveiros se entristecem com a situação atual do Cemitério do Gavião. Sobre isso, Benedito lamenta: “fico triste como o Gavião sofre com abandono; muitas sepulturas estão se acabando, a família nunca vem e ninguém faz nada pra conservar”.



Imagem 15: Sepultura deteriorada **Fonte:** Acervo pessoal

Além dessa situação de abandono de algumas sepulturas, Benedito relata que muitas sepulturas já tiveram furtos de seus ornamentos e que o Cemitério sofre com a insegurança. “As famílias reclamam que roubaram as letras de bronzes ou as pequenas esculturas. Tem gente que entra pra usar drogas também. O Cemitério é muito grande”. Lembro que a vigilância do Cemitério só trabalha a noite e durante o dia a Polícia Militar e a Guarda Municipal fazem rondas sazonalmente; desta forma, o Gavião é vítima de constantes depredações provocadas por vândalos. Benedito conta que: “já vi assaltantes em fuga correrem e se escondem aqui no Cemitério. Já vi vários pulando o muro e a polícia veio buscar aqui dentro”. Ainda sobre a insegurança, Antonio contou que: “realizei um sepultamento há uns 2 anos atrás e o rapaz que morreu era de uma facção criminosa, na hora do enterro veio um pessoal de outra facção criminosa e cercou. Foi uma confusão, tijoladas, pedradas. Tinha gente armado. Eu e Carlos nos escondemos; ainda bem que a polícia chegou!”.



Imagem 16: Má conservação do Gavião **Fonte:** Acervo pessoal

Portanto, falar de afeto atrelado ao trabalho do coveiro me fez refletir sobre várias questões. Percebi que essa profissão possibilita momentos de dor (viver a dor do outro), sofrimento, angústias e preocupações. Ao mesmo tempo, os profissionais sustentam a satisfação pessoal do trabalho e enfatizam o controle emocional sobre o momento de sepultamento, mesmo sentindo diferentes emoções. O respeito ao outro é fundamental para o exercício da profissão. E mesmo, tendo consciência dos preconceitos e invisibilidade da sua profissão, o coveiro se percebe como profissional necessário e como partícipe de um momento de despedida, onde o ausente se faz presente. “Somos companheiros da morte e trabalhamos na fronteira entre a vida e a morte”. (ANTONIO, 50)

2.4 Meios para Ludibriar o Estigma

No decorrer das conversas, percebi que os profissionais têm a consciência dos estigmas envoltos da sua profissão e do lugar onde trabalham. Antonio diz que não se importa com essa má classificação que as pessoas julgam a sua profissão, pois sabe que pra estar ali precisa ter coragem. “Algumas pessoas consideram uma atividade nojenta, mas eu considero

como uma profissão que me desafia todos os dias. Não é qualquer pessoa que gostaria de estar aqui” (ANTONIO, 50). Nesta mesma conversa, Benedito disse que certa vez foi ofendido numa discussão que seu serviço não era digno, ele disse que até hoje aquilo lhe inquieta, pois “falta de dignidade seria roubar ou algo parecido, como ele não seria digno se estaria trabalhando?”, disse ele, sorrindo. Porém, ressaltou que é muito tranquilo ao lidar com as pessoas que não entendem o seu trabalho, disse que o importante é que ele tem um trabalho fixo e que se sente útil para a sociedade e para as famílias que ali enterram seus parentes. Antonio conclui dizendo que “não é todo mundo que aguenta esse trabalho duro não, pois é um trabalho que tem muito desgaste físico e psicológico, muitos não sabem lidar com a morte. Eu gosto do sossego daqui!”.

Em outra oportunidade, perguntei ao Antonio, que já trabalhou como pedreiro autônomo, se ele via alguma relação entre as profissões, ele disse que ambas sofrem a discriminação de “profissão de pobre e de quem não teve chances na vida”. Nesta mesma conversa, Carlos disse: “nunca recebi um elogio do meu trabalho, porém estou aqui é pra trabalhar”. Por fim, ele disse: “todas as profissões tem o mesmo valor”.

Benedito resalta que sua profissão é muito digna, lidar com o sentimento das pessoas num momento triste como é o enterro não é fácil.

Precisamos ser cuidadosos com o caixão, precisamos ficar calados no momento do enterro em forma de respeito com quem está ali chorando. Às vezes mesmo fazendo nosso serviço com zelo, somos xingados e ofendidos pelos familiares, mas nós sabemos entender o momento. (BENEDITO, 42)

Mattos (2012) corrobora com a seguinte reflexão: a estigmatização, enquanto construção moral que antecipa formas de tratamento e consideração dos indivíduos, serve à negação de reconhecimento social. E como tal configura relações de desrespeito social; de outra forma, é experimentada pelos indivíduos estigmatizados como um atentado à compreensão positiva que eles têm de si mesmos.

Ao longo dos dias, em meios às narrativas, percebi que ao mesmo tempo em que o imaginário sustenta o estigma, os coveiros não negam a existência do(s) estigma(s), no entanto criam estratégias de cauterizar essas consequências, criando laços de pertencimento ao grupo de trabalhadores desta profissão. Aqui chamo de meios para ludibriar os estigmas ou formas de burlar as pré-concepções de sujeira impostas socialmente.

Voltando a ideia de Mary Douglas sobre perigo, lembro-me das palavras de Ashforth e Kreiner (1999) quando dizem que essa desordem está na mentalidade do outro, e

não para o trabalhador. Porém, esse estigma é percebido pelos trabalhadores, e estes buscam meios para eliminar essa desordem ou mostrar o quão natural é sua profissão, assim como as outras, apenas com suas peculiaridades.

Sendo assim, esses meios para ludibriar os estigmas podem ser vistos como uma moderação da percepção externa de desordem e de sujeira. O estigma pode ser visto como uma ameaça de permanecer, mas ao mesmo tempo, serve como uma fonte de luta para os profissionais estigmatizados apresentarem as nuances e peculiaridades das suas profissões, evidenciando a relevância de cada profissão, daí a importância da experiência subjetiva de cada profissional a partir de suas próprias percepções e narrativas. Então, a partir dessa ideia de ameaça x oportunidade, surgem essas ferramentas para ludibriar os efeitos/consequências do estigma criado no imaginário popular.

Os que interrogam radicalmente a servidão humana concordam que se trata de um fenômeno essencialmente político, na sua origem e em seus desdobramentos. Só os homens elevam os homens à dignidade humana; só os homens excluem os homens da dignidade humana. Efeito da desigualdade política, a humilhação social é um fato psicossocial que reconduz sempre o homem ao outro homem. Seus determinantes mais variados, sua generalizada cristalização nos fatos de reificação, não deviam elidir-nos sua indeterminação de base: a desigualdade não pode nunca dispensar os homens para que se mantenha. Não poderá igualmente dispensá-los para que seja neutralizada e cancelada. A desigualdade só vive de seus mecanismos e de sua inércia enquanto a visão do homem pelo homem mantiver-se embotada. O problema da desigualdade é problema humano dos mais enigmáticos e, talvez, o mais urgente entre eles, aquele cuja solução precede a de todos os outros. (GONÇALVES FILHO, 1998, p. 22-23).

Neste diapasão, Ashforth e Kreiner (1999, p.421) elencam três técnicas que os trabalhadores se utilizam para ludibriar os estigmas e para transformar os significados: Resignificar, recalibrar e reorientar.

a) Resignificar – significa transformar o sentido da tarefa estigmatizada dando a ela valor positivo através da descrição do propósito para a qual foi criada, visa neutralizar a ambiguidade da tarefa (amenizar o valor negativo do estigma e gerar aceitação social) - pela sua associação a valores morais; A resignificação implica a transformação do significado social da profissão. O grupo infunde valor positivo à identidade da profissão ou rejeita o valor negativo do trabalho. A resignificação pode atingir a finalidade do trabalho e os meios utilizados nas atividades. A resignificação neutraliza o valor negativo do estigma profissional.⁶ Duas outras formas de resignificação, negação do dano e negação da vitimização, se apresentam quando as profissões envolvem a exploração de outras pessoas ou de clientes. A percepção do desprestígio e da abjeção das atividades em torno da morte

influencia positivamente na coesão dos grupos nos locais de trabalho, tornando densas as interações entre os colegas e desenvolvendo um forte vínculo que produz as ressignificações das atividades maculadas no enfrentamento do preconceito e da discriminação sociais.

b) Recalibrar – significa ajustar os padrões ocupacionais que estão implícitos como amenizar o que é ruim e ampliar o que é bom na tarefa;

c) Refocar/reorientar – significa não atentar para o que é problemático na tarefa. Essas técnicas auxiliam a justificar as tarefas tornando-as mais atraentes aos seus executores e minimizando os aspectos negativos frente à população em geral. (ASHFORTH; KREINER, 1999, p. 415)

Os autores ao elencarem essas ferramentas evidenciam que são estratégias para modificar o sentido do estigma; uma modificação de dentro pra fora, já que o estigma é construído de fora pra dentro. Eles dizem que são “mecanismos de defesa”.

Outra forma utilizada pelos trabalhadores para a construção de uma autopercepção positiva é a ponderação social, igualmente subdivida em três técnicas, estão relacionadas com esferas fora do ambiente de trabalho. As primeiras, apoiar os que os apoiam e condenar os que condenam deslegitimam a autoridade de pessoas de fora que têm percepções depreciativas sobre eles e ao mesmo tempo conferem credibilidade aos que os vêem positivamente. A última técnica refere-se às comparações sociais seletivas com outras profissões estigmatizadas, evidenciando aspectos positivos da sua profissão em comparação com a de outros trabalhadores. (ALBUQUERQUE, 2019, p. 59)

Depreendo que entre essas estratégias estão o significado que os coveiros dão a sua profissão. Neste sentido, entendo que os sepultadores têm claramente percepção do estigma do trabalho sujo, definido na seção 2.1, e para eles essas classificações pejorativas não passam de preconceitos e formas de exclusão e inferiorização do outro. Mais do que isso, “representa pré-noções que servem à confirmação de relações de diferenciação social” (GOFFMAN, 2004, p. 4). Esse conceito se relaciona aos trabalhadores que, pela indiferença ou preconceito, atingem a condição de estar à margem da sociedade, sem relevância social.

A representação de sua atividade laboral para o trabalhador afeta diretamente se processo de subjetivação, seja a nível individual (a identificação de seu trabalho no resultado da tarefa), a nível coletivo (o sentimento de pertença a uma classe unida pela execução de um mesmo trabalho), ou a nível social (o sentimento de executar um trabalho que contribua para a sociedade). (TOLFO; PICCININI, 2007).

Porém, confrontando teorias de estigmas, esses profissionais a partir das narrativas do seu cotidiano desvelam táticas de burlar essas pré-noções e pré-concepções acerca do seu trabalho.

Para rompermos com os desafios conceituais do Trabalho Sujo é preciso que aconteça também um rompimento da relação desse tipo de trabalho com a saúde e a moral. É preciso considerá-lo também, como promotor de desenvolvimento de quem o realiza na tentativa de distanciamento do sentimento de insignificância dos sujeitos envolvidos. Assim, é possível que o lugar do trabalho execute o papel de responsável pela formação da construção, da percepção e da experiência vivida de trabalho. Além do que, cabe o rompimento com a percepção que envolve a negação ou a neutralização dos aspectos que configuram seu trabalho. (BACCI; GODOI-DE-SOUSA; MIRANDA, 2016, p. 16)

Outro ponto que percebi, ao longo do trabalho de campo, é que os sepultadores naturalmente falavam coletivamente, “a gente”, “nós”, e muitas vezes destacam um sentimento de heroísmo no exercício profissão. Certa vez, Antonio destacou: “não tenho vergonha do meu trabalho; muito pelo contrário, ser coveiro é um tipo de herói. Herói porque ganhamos a vida com salário digno e sustentamos a nossa família, cada um aqui é um herói”. Nessa fala percebi um tom romântico de heroísmo e valorização profissional. Acerca disso, Franco (2008) destaca outra forma de ludibriar o estigma, em mais uma estratégia defensiva para dar conta de um trabalho que envolve preconceitos, julgamentos, desgastes físicos e psíquicos, que foi um sentimento de heroísmo, de ser especial, expresso acima no tom metafórico de que coveiro não pode morrer.

Reconhecer-se no trabalho implica reconhecer-se no objeto que nele se produz, considerar a sua eficácia, mas também a possibilidade de imprimir a sua marca ou o seu estilo pessoal naquilo que se faz. Reconhecer-se no trabalho requer também reconhecer-se no ofício, compartilhar regras, princípios e valores comuns sobre como fazer, como trabalhar junto, como contribuir com a construção de uma história coletiva, com a transmissão e a transformação do ofício. Implica, ainda, reconhecer-se na sua própria atividade, quer dizer, no uso que se faz de si mesmo. (SCHWARTZ, 2000)

Por fim, percebi que os profissionais não negam que haja estigmas e preconceitos acerca da profissão do coveiro. E, que esses estigmas estão diretamente ligados à percepção da sociedade sobre a morte, sobre o morrer, sobre o morto e sobre o próprio cemitério. As atitudes e reações diante da morte e dos mortos revelam diferentes maneiras de lidar e formas de percepção, a partir das quais cada contexto sociocultural se estrutura e se organiza para lidar com a morte, os mortos e os cemitérios e com quem trabalha com eles. A percepção que recai sobre a morte e os mortos recai sobre o cemitério e, por conseguinte, sobre os coveiros. Eles reconhecem que a sua profissão é de baixa desejabilidade social ou representação social depreciativa e reforçada no imaginário popular como trabalho sujo; ao mesmo, tempo em que

têm a consciência que essa percepção é distorcida do seu real significado, qual seja, uma profissão pesada, que por lidar com a morte e enterro, que são momentos de muita tensão e que envolvem muitos sentimentos, ao mesmo tempo é um momento de reflexão. Uma profissão digna, assim como as outras, necessária e valorosa. E, que são profissionais humanos e com sentimentos, que se emocionam. Antonio finaliza dizendo: “somos observadores privilegiados da despedida”.

3 O CEMITÉRIO DO GAVIÃO E SUAS PECULIARIDADES

Como já mencionado na introdução deste estudo, o primeiro contato com o campo se deu em 2006, quando iniciei trabalhos de pesquisas na área da história da arte durante o curso de graduação em Educação Artística na Universidade Federal do Maranhão; a paixão pelo cemitério veio nos primeiros contatos com o “Gavião” e com a literatura acerca da relação dos vivos com o “espaço dos mortos”. Aproximei as pesquisas da história da arte às pesquisas cemiteriais e logo pude descobrir o potencial artístico e cultural desses lugares. Porém, neste capítulo me proponho a apresentar o Cemitério de São Pantaleão e suas peculiaridades a partir da percepção dos profissionais que ali trabalham, destacando suas vivências, seu cotidiano, seu histórico e suas particularidades, em suas próprias narrativas.

Antes de adentrar às percepções relatadas e observadas durante a pesquisa de campo, convém introduzir fazendo uma breve apresentação do Cemitério do Gavião. Foi inaugurado em 1855, com o nome de Cemitério de São José da Misericórdia, isso por que era administrado pela Irmandade da Misericórdia. Porém, com o passar dos anos, quebra o vínculo com a irmandade, passando a se chamar Cemitério de São Pantaleão. Mas, na realidade é mais conhecido como Cemitério do Gavião, em homenagem ao bairro que está localizado: Quinta do Gavião. “O terreno era de uma bonita chácara chamada Quinta do Gavião e foi comprado por Januário Martins Pereira por 6.400 contos de réis, que deixou de legado para a Misericórdia, através de financiamento governamental”. (LIMA, 2007, p. 54).

“Cemitério do Gavião”, em razão de uma antiga propriedade rural com esse nome onde foi instalado, teve sua inauguração no ano de 1855, e chegou aos dias atuais como o maior e mais representativo desses sítios de importância para a memória urbana.

Conforme a Lei Municipal n.º 3253/1992, que dispõe sobre o zoneamento e parcelamento, uso e ocupação do solo urbano, o “Cemitério do Gavião” se encontra em área tombada pelo patrimônio público estadual ZPH – Zona de Preservação Histórica. (REZENDE, 2012)

Historiadores remetem ao caráter de urgência e emergência da inauguração do Cemitério do Gavião, pois devido ao surto de varíola que assolou a capital maranhense em meados do século XIX, os demais cemitérios encontravam-se superlotados.

O Cemitério situa-se no final da Rua do Passeio e defronte à Praça da Saudade no Largo do Gavião. Destacando as características físicas do Gavião, são mais de 50 mil m² de área construída e mais de 16 mil sepulturas espalhadas pelas 16 seções que compõem a extensão do cemitério, distribuídas em ruas e quadras. Logo no corredor de entrada do

Cemitério se encontra a capela de São José, que possui ossuários laterais e que tem em sua fachada, no frontão triangular, três esculturas que representam a caridade, a fé e a esperança, que segundo a pesquisadora Maria Elizia Borges, em seu site “*Arte Funerária no Brasil*”, essas três figuras simbolizam a misericórdia. Além do seu frontão, a capela chama a atenção desde a entrada com a presença enigmática das esculturas de duas carpideiras⁸ em tamanho real, ambas cobertas por uma túnica.



Imagem 17: O Gavião visto de cima **Fonte:** Ruy Barros

Entretanto, não quero aqui me prender nesta descrição literária, pois o objetivo é apresentar como os coveiros veem e percebem este lugar de trabalho e de diferentes significados para eles mesmos e como eles percebem que o cemitério é visto pelos outros. As percepções aqui descritas não se baseiam em perguntas diretas, mas de anotações do dia a dia. Não busquei direcionar perguntas ou respostas, nem mesmo estabelecer questionário a ser seguido, pois a ideia era anotar a partir das conversas espontâneas, de como eles viam o lugar,

⁸ Carpideira é uma profissional feminina cuja função consiste em chorar para um defunto alheio. É feito um acordo monetário entre a carpideira e os familiares do defunto, a carpideira chorava e mostrava seus prantos sem nenhum sentimento, grau de parentesco ou amizade. Estima-se que a profissão existe há mais de dois mil anos.

para tanto relato aqui o difícil exercício de transcrição ao longo de meses de pesquisa de campo.

Em meio às minhas transcrições iniciais, encontrei um questionamento de Antonio quando, numa conversa durante o intervalo de almoço, me perguntou: sabe o que mais me chama atenção neste lugar? Ele mesmo respondeu: “o Gavião chamou minha atenção desde aquela frase no portão da entrada: *‘Nós, os ossos que aqui estamos, pelos vossos esperamos. Nós fomos o que tu és, tu serás o que nós somos’*. Essa frase me chama muita atenção, porque realmente me fez pensar que todos nós vamos morrer” (ANTONIO, 50).



Imagem 18: Frase no muro de entrada do Cemitério do Gavião **Fonte:** Acervo pessoal.

Nessa mesma conversa, Benedito me disse que era apaixonado pela capela do Cemitério, sendo um lugar que lhe traz paz:

A capela é o lugar mais bonito e que eu gosto mais de ficar. Lá eu rezo pela minha família, lá eu descanso, lá eu sinto muita paz. Não sou católico, mas cresci indo pra igreja católica, fiz catecismo. Gosto de falar com Deus e é na capela que sinto essa paz para falar com Ele. (BENEDITO, 42)



Imagem 19: Capela do Cemitério do Gavião **Fonte:** Acervo pessoal.

Nesse mesmo dia, Antonio disse, ainda, que sente um carinho muito especial pelo Cemitério de São Pantaleão, mas que lamenta o fato de historicamente o Cemitério não ter sido bem cuidado.

É desse jeito que você vê! Túmulo em cima de túmulo, o cemitério ficou entupido, tem parte que é muito feia, tem sepultamento que é quase impossível de fazermos, temos que pisar em cima de outra sepultura para fazermos o sepultamento, um absurdo. O Gavião há muito tempo não possui mais condições físicas de criação de novos espaços para novos túmulos. No entanto, a procura ainda é grande, principalmente com a última pandemia, essa procura aumentou bastante. (ANTONIO, 50)

É perceptível que o terreno do Cemitério foi sendo ocupado de forma irregular e desordenado da sua estrutura arquitetônica de ruas e quadras, com visíveis assimetrias, sem uma sequência lógica de disposição das sepulturas e com nítidos contrastes entre o bem cuidado e sepulturas abandonadas e depredadas.



Imagem 20: Túmulos arquitetonicamente desordenados **Fonte:** Acervo pessoal.

Benedito complementa dizendo que um cemitério como o Gavião não poderia ser tão mal cuidado. “Dizem que aqui estão os ‘grandes nomes’ da história de São Luís, ou melhor, do Maranhão, até Bandeira Tribuzi está enterrado aqui”. (BENEDITO, 42)

Ao longo dessa mesma conversa, Antônio então propôs um desafio para Benedito, para saber quem lembrava mais “pessoas importantes” que ali estavam enterradas. Em tom de brincadeira, cada um foi lembrando vários nomes, citaram: Aluísio de Azevedo, Coxinho, Nauro Machado, Benedito Leite, Padre João Mohana, Nascimento Moraes, Bandeira Tribuzi e sua família, Epitácio Cafeteira, Maria Aragão, Sousândrade, Tião, a matriarca da Família Sarney, o jornalista Neiva Moreira e o sambista carnavalesco e compositor João Clemente Jorge Trinta, conhecido como “Joãozinho Trinta”. Por fim, Antonio disse que ele “venceu”, pois ele lembrou mais personalidades (falou sorrindo).



Imagem 21: Túmulo de Benedito Leite **Fonte:** Acervo pessoal.

Após esse “desafio”, Benedito fez uma reflexão interessante acerca das pessoas que ali estão enterradas:

Acabamos de brincar sobre quem é importante que está enterrado aqui, mas na verdade aqui é todo mundo igual. Talvez um tenha uma sepultura mais bonita, outro ninguém venha visitar, mas o certo é que ninguém é melhor do que ninguém. Aqui o rico e o pobre estão enterrados no mesmo cemitério. Dona Maria que trabalhava na feira, outro dia foi enterrada quase ao lado da mãe do ex-presidente Sarney. Antigamente isso era muito forte, relatam as pessoas mais velhas. Tipo quem era enterrada na igreja ou perto dela, é porque era mais rica ou mais importante, enquanto os mais pobres ficavam lá pra baixo. Os túmulos dentro da igreja é como se fossem mais abençoados, assim como os que estavam perto da igreja, por isso eram vendidos bem mais caros. Mas, hoje rico e pobre ficam no mesmo lugar. Eu mesmo quero ser enterrado bem aqui perto da igreja. (BENEDITO, 42).

Com essa fala de Benedito me fez lembrar uma citação de Rosa Cupper (2009), quando dizia que “O cemitério pode ser inquirido em seu caráter revelador ou de ocultamento das diferenças sociais, de crenças, de usos e práticas. Ao ser inserido na educação como

paisagem de aprendizagem diz mais do passado e do presente do que se imagina” (CUPPER, 2009, p. 28). Nesse mesmo estudo Cupper falava do cemitério como espaço democrático:

Não há competitividade. O espaço é democrático. Aceita a todos do mesmo modo, porém, cada um que aqui se instala tem duas condições: como vivo e/ou como morto. Os mortos dependem da família para continuarem “vivos” na memória da mesma e, os vivos que aqui trabalham depende mais de si mesmos e em menor grau do círculo de pessoas que como eles aqui convivem entre os vivos e os mortos. (CUPPER, 2009, p. 95)

Sobre o que cada um mais gostava no Cemitério do Gavião, lembrei uma conversa que tive com Carlos nos dias anteriores, quando me disse que ele era um apreciador das “belas obras de arte” daquele lugar. Que ficava lisonjeado por poder contemplar aquelas obras. Inclusive falou que quando morrer quer uma obra de arte em seu túmulo. “É como se as obras de arte conversassem entre elas” (Carlos, 43). Enquanto, Antonio disse que achava os túmulos belíssimos, mas que não desejava isso para o seu túmulo. Benedito, por sua vez, disse que achava perda de dinheiro e que não vê beleza nos túmulos, “tem que deixar bela é a casa que mora enquanto se está vivo”. (BENEDITO, 42)

3.1 Arte Cemiterial

Um ponto que vale destacar em relação às obras de arte do Cemitério do Gavião, é que consultando o arquivo da administração do Cemitério, descobri que muitas obras são de autores desconhecidos e não há registros da data de entrada das obras. Caminhando pelo Gavião, até consegui identificar algumas esculturas assinadas por marmorarias de Portugal, porém sem registros pela administração do Cemitério e outros nem possuem assinatura de autoria, o que dificulta qualquer tipo de identificação. No entanto, gostaria de deixar registrado neste estudo, uma escultura apontada por Antonio como sendo a sua obra preferida, uma obra do escultor maranhense Flory Gama, natural do Município de Vargem Grande. Antonio inclusive relatou que essa escultura já foi objeto de alguns estudos de monografia em anos anteriores. Fazendo uma pesquisa nos arquivos da Universidade Federal do Maranhão, identifiquei uma monografia do ano de 2011, que versava justamente sobre o artista e sua obra, cujo título “O herói caído: uma análise da obra do escultor Flory Gama” da pesquisadora Maria Ribamar Aguiar Costa.



Imagem 22: O herói caído, obra de Flory Gama **Fonte:** Acervo pessoal.

Analisando do ponto de vista da história da arte, as obras mesclam entre o estilo neoclássico, o neo-medieval romântico, o classicismo romântico e o art nouveau. De fato, o Cemitério do Gavião é dotado de uma diversidade de estilos, não podendo ser rotulado exclusivamente de um estilo único, mas sim um cemitério eclético.

Nesse diapasão, Santo (2000) faz uma colocação interessante em relação às obras:

Devido ao atraso estilístico apresentado historicamente pela arte brasileira e acentuado quando examinamos a arte maranhense, as esculturas existentes no Cemitério do Gavião refletem de forma heterogênea as correntes do classicismo romântico europeu, sofrendo influência da corrente positivista da Proclamação da República, e finalmente e em grande profusão, o ideário do academicismo tardio, principalmente dos cânones da Academia Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro. (SANTO, 2000, p. 39)

A arte cemiterial, necroarte, arte tumular ou arte fúnebre como também é rotulada, se trata das obras de arte colocadas junto aos túmulos, nas fachadas e nos arredores dos

cemitérios; essas obras são alusivas aos conceitos religiosos, informações sobre a pessoa falecida, nível social, origem familiar, gostos, cultura etc.



Imagem 23: Arte Cemiterial (Túmulo de Almir Parga Nina) **Fonte:** Acervo pessoal.

Segundo Clarissa Grassi (2006) a arte fúnebre “tem o papel de sintetizar os sentimentos de dor, pesar, saudades e, muitas vezes, de figurar pessoas que se foram. A escolha da escultura será a figuração perene de um sentimento”.

Acerca da arte cemiterial, Franco salienta o seguinte:

É importante lembrar que os túmulos, com sua exuberância estética, extravasam a necessidade de eternização do âmbito familiar e privado, referindo-se a algo maior, um patrimônio histórico e social, que nos apresenta os costumes, crenças, conceitos éticos e estéticos de uma época. A morte torna-se um espetáculo que carrega simbologias de amor, saudades, dor, reflexão, memória, respeito, aprendizado, identidade, carinho. Enfim, os cemitérios são reservatórios de sentimentos ambíguos, que marcam profundamente a história pessoal e social das cidades. (FRANCO, 2008, p. 94)

A arte cemiterial pode ser uma rica fonte de pesquisa sociológica, antropológica e cultural. São obras de valor cultural, histórico e artístico. Cheia de peculiaridades que

despertam a atenção, vai da representação contida, tímida e serena até uma representação cheia de expressividade, com teor dramático.

No mundo e não diferente no Brasil é muito difícil se estabelecer uma linha cronológica evolutiva da arte cemiterial, pois poucos artistas dedicaram-se a arte tumular, devido aos fortes entraves, como degradação das obras por falta de manutenção, desvalorização, falta de conscientização, preconceito e frequentes roubos aos cemitérios.

Embora essa dificuldade cronológica, segundo Borges (1991), a arte cemiterial tem seu auge ou seu período áureo entre meados do século XIX e meados do século XX, pois foi a partir da proibição dos enterros dentro das igrejas e com a construção dos chamados campos santos, que o cidadão, especialmente o burguês, passou a ter gosto pela ornamentação tumular, o cemitério passou então a ser um espaço de ostentação de diferenças, bem como convívio social, porém a partir de meados do século XX, o avanço dos crematórios e dos cemitérios jardins sentenciou a diminuição dos enterros em jazigos de gavetas verticais, refletindo na escassez da arte cemiterial.



Imagem 24: Arte Cemiterial (Túmulo de Jorge Almir Feres) **Fonte:** Acervo pessoal.

Lebon (2005, p. 28) dá a seguinte explicação a respeito do significado da arte cemiterial:

Não são os fatos em si que ferem a imaginação coletiva, mas sim o modo pelo qual se lhes apresentam. Os monumentos e as comemorações são, sem dúvida, os meios mais proveitosos, práticos e seguros, para gravar no espírito do povo as proezas de um herói, a grandeza de um nome ou a importância e o significado de um acontecimento.

Segundo Borges (1997), os túmulos, repletos da arte cemiterial, harmonizam-se, acentuam uma atmosfera nostálgica, confortadora e afetuosa à cidade dos mortos. Detêm uma iconografia folclorizante e ao mesmo tempo erudita, revelando representações estereotipadas, dotadas de funcionalidade, de valor artístico, simbólico e religioso.

Destaco a Maria Elizia Borges, pois em seus estudos cemiteriais, principalmente sobre a necroarte, ela estabeleceu uma metodologia catalográfica, chamando os cemitérios de sítios arqueológicos, os jazigos de artefatos, sendo que estes poderiam conter atributos com signos verbais e/ou não verbais. Os signos verbais são as epígrafias e os não-verbais englobam a fotografia, as pinturas, as esculturas, etc.

Seguindo essa linha da Maria Elizia Borges, o acervo do sítio arqueológico do Gavião é bem rico e variado em tipos de artefatos (jazigos variados), contendo os mais diversos atributos verbais e não-verbais. Há esculturas de tamanhos, técnicas, temas e estilos distintos, que despontam entre a nostalgia e a inexpressividade, entre o simples e o luxuoso. Num breve passeio pelas ruas do Gavião, facilmente encontram-se esculturas em redondo, alto e baixo relevo de tamanho variado e com diferentes símbolos na composição da obra.

Antonio fez uma reflexão muito interessante acerca dos símbolos contidos nas sepulturas:

Às vezes a família não comenta muito sobre o que tem por trás das obras de arte, às vezes ficamos aqui discutindo porque cada um colocou uma imagem diferente, podemos até saber um pouco da intenção, mas com certeza tem muita mais que não sabemos e nunca vamos saber. Tem escultura que foi escolhida pela própria pessoa que está enterrada. (ANTONIO, 50)

Eu perguntei se ele poderia falar mais sobre aquilo, ele disse: “pois é, nem sei falar tanto sobre isso, mas já ouvi muita gente dizendo que foi a pessoa que estava enterrada que escolheu antes mesmo de morrer ou que era a obra que ele mais gostava” (ANTONIO, 50). Carlos entrou na conversa para relatar seu gosto pelos símbolos. “O principal símbolo pra mim é a caveira, desde criança associei a caveira com a morte. E aqui tem muita caveira, desde o portão de entrada. Aquela caveira é sinistra! Ela fica te olhando, retrata bem o mistério contido no cemitério. Quem tem medo nem entra”. (CARLOS, 43)



Imagem 25: Caveira na entrada do Cemitério do Gavião **Fonte:** Acervo pessoal.

Antonio, por sua vez, disse que o símbolo que mais chamava sua atenção era a coluna quebrada. “Eu gosto dessa coluna quebrada, desde quando ouvi o pesquisador Antonio Noberto e a esposa dele, durante um passeio⁹ que eles organizavam aqui. Eles disseram que a coluna quebrada representa a interrupção da vida, algo que foi quebrado, bem interessante. Nunca esqueci!” (ANTONIO, 50).

⁹ Cemitour, projeto cultural organizado pelo historiador Antonio Noberto e sua esposa Aline Vasconcelos, Turismóloga. Durante o cemitour realizava-se um cortejo pelas ruas do Cemitério do Gavião, acompanhado por músicos, com encenações teatrais e contação de histórias e estórias das pessoas que ali estão enterradas.



Imagem 26: Coluna Quebrada **Fonte:** Acervo pessoal.

Carlos retoma dizendo que o Cemitério do Gavião possui muitos símbolos. “Às vezes em que fui a outros cemitérios não vi nem metade da quantidade de símbolos que tem aqui. Aqui você encontra principalmente cruz, colunas, espada, serpente, anjos, Jesus Cristo, Maria. Estátua de flores também tem muitas”. Como Benedito estava de folga no dia em que estávamos conversando sobre esse assunto, Antonio resolveu enviar uma mensagem de celular perguntando qual o símbolo que mais chamava atenção dele. Rapidamente a resposta foi enviada por Benedito que disse: “A arte que mais gosto saí no Cemitério é aquela das mãos unidas, tipo rezando”. Após a resposta de Benedito, Antonio me disse: “Só você não falou. Agora que todo mundo falou, qual é a que tu mais gosta?” (perguntou, sorrindo). Então, convidei-os para visitarmos a minha escultura preferida: a pietá. Tenho uma relação de carinho com essa escultura, pois no final da minha graduação em Educação Artística, o meu trabalho monográfico de conclusão de curso foi uma análise técnica, plástica e temática acerca daquela Pietá que está sob o túmulo do Coronel Mariano Lisboa. Chegando defronte à escultura, falei um pouco, para Antonio e Carlos, sobre o meu trabalho daquela época e mostrei o meu encantamento pela obra. Antonio, sorrindo disse: “é bonita mesmo, é a imagem de Jesus e Maria”. (ANTONIO, 50)



Imagem 27: Pietá **Fonte:** Acervo pessoal.

Ainda sobre signos, Catroga (2011) nos traz a relação de signo e significado:

Todo o signo funerário, explícita ou implicitamente, remete para o túmulo através de uma sobreposição de significantes. E, neste jogo de negação da morte e da corrupção provocada pelo tempo, os signos são dados em troca do nada segundo uma lei de compensação ilusória pela qual, quanto mais signos temos mais existe o ser e menos o nada. (...) Por isso, o túmulo e o cemitério devem ser lidos como totalidades significantes que articulam dois níveis bem diferenciados: um invisível e outro visível. E as camadas semióticas que compõem este último têm o papel de dissimular a degradação (o tempo) e, em simultâneo, de simular a não morte, transmitindo aos vindouros uma semântica capaz de individuar e de ajudar à re-presentação, ou melhor, à re-presentificação do ontologicamente ausente. (CATROGA, 2011, p. 39)

Em cada visita ao campo tive mais certeza que ele possui elementos significativos para uma investigação interdisciplinar, pois constitui um espaço de referência capaz de perpetuar, recuperar e preservar um acervo representativo da memória e da história de uma sociedade.

Carlos que se considera apreciador nato das obras de arte, também falou que gosta bastante das “frases colocadas em algumas sepulturas”, as epígrafias chamadas de artefatos signos não-verbais por Maria Elizia Borges. Epitáfios também são uma forma de arte, uma forma de se expressar em poucas palavras, expressar sentimentos. Epitáfios são frases ou poemas que ficam escritos nas lápides sepulcrais, pretensamente desejosa de registrar algo que provoque certos tipos de emoção e que imprima a impressão marcante sobre a pessoa que ali jaz.

Sobre os epitáfios (funções e características) trago para este estudo o pensamento de Steyer (2004) quando coloca que o túmulo é “paraíso da comunicação” e semiótica que se pretende algum tipo de comunicação:

Os epitáfios também são instrumentos através dos quais se pretende algum tipo de comunicação. É comum encontrarmos epitáfios em que a família se dirige ao morto, despedindo-se ou desejando que sua vida eterna seja repleta de paz. Um exemplo seria algo do tipo: “Você, fulano, que vive na eternidade, nosso ente querido, desejamos que seja feliz e encontre a paz eterna”. Temos também os epitáfios em que a família coloca palavras na boca do morto: “Eu, fulano, que aqui estou na eternidade, vivo feliz. Portanto, não precisam se preocupar comigo porque estou bem”. Outro exemplo são os epitáfios dirigidos especialmente às pessoas que estão circulando pelo cemitério: “Você, passageiro, que aqui está neste momento, não deixe de rezar pela alma de fulano de tal”. É claro que estes exemplos são fictícios (embora os casos reais sejam bastante comuns nos cemitérios do RS), mas o que nos interessa é mostrar que eles têm como objetivo auxiliar a família na dura convivência com a morte do familiar, e, de certa forma, são atos de comunicação (pensado de forma associada ao folclore e à antropologia, atos de folkcomunicação) que servem aos propósitos dos três níveis comunicacionais (**da família com a própria família**, para aliviar o convívio com a morte; **da família com o morto**, visto ainda como ser único e singular, ou seja, com uma biografia aqui na Terra, mesmo que isso tenha sido perdido a partir do momento da morte; e **da família com qualquer pessoa que estiver no cemitério** e observar estes epitáfios e outras manifestações no túmulo do falecido). Importante ressaltar que há uma interpenetração destes níveis de comunicação, que, no culto à memória do morto e nas atitudes humanas diante da morte, parece-nos que não estão separados, mas interligados, ou seja, são indissociáveis. (STEYER, 2004, p. 03 – grifo do autor)

E, segundo Thomas Hall, pesquisador norte americano, que percorreu diversos cemitérios fazendo levantamento de curiosidades e particularidades, os epitáfios surgiram pela preocupação em sair do anonimato e em conservar sua identidade após a morte.

Já Santana (2009) diz que os primeiros epitáfios conhecidos foram os egípcios, gravados nos sarcófagos, fazendo referências às divindades. Os epitáfios são uma interessante forma de comunicação que gera certa curiosidade pela simplicidade e pela originalidade.

Geralmente se referem à saudade, ao amor, à esperança, ao consolo, à revolta ou à tristeza. Tradicionalmente escrito em verso ou em prosa, “encerra um lamento pela morte de outrem”. (SANTANA, 2009)

Hall diz que os epitáfios também são instrumentos através dos quais se pretende algum tipo de comunicação. É comum encontrarmos epitáfios em que a família se dirige ao morto, despedindo-se ou desejando que sua vida eterna seja repleta de paz. Hall percorreu quase mil cemitérios no mundo inteiro fazendo seleção de epitáfios que depois reuniu em um livro chamado “Grave Humour” (Humor na tumba). O livro comporta epitáfios de diferentes tipos, reflexivos, cômicos, sátiras, de pessoas famosas, de anônimos etc. Dentre os epitáfios: “No início eu não era, depois passei a ser, agora novamente não sou” (Na lápide de Arthur Homan, em um cemitério de Cleveland, Ohio), “Como acabei muito cedo, me pergunto por que comecei?” (Na lápide de um jovem em um cemitério de Plymouth, Massachussets), “Que os mortais se regozijem por ter existido tamanho ornamento da raça humana” (escrito em latim, no túmulo de Isaac Newton, na Abadia de Westminster).

Alguns epitáfios são consagrados no Brasil, como o da sepultura de Cazuza, “O Tempo não Pára!”, o da sepultura de Villa Lobos, “Considero minhas obras como cartas que escrevi à posteridade sem esperar resposta”, ambos no cemitério São João Batista no Rio de Janeiro. Acerca dos epitáfios contidos nas sepulturas do gavião, Antonio disse o seguinte: “aqui no Cemitério, nem todos os túmulos tem frase não, somente alguns. A maioria são passagens da bíblia, mas às vezes tem alguma referência à família de quem está enterrado lá”. (ANTONIO, 50)

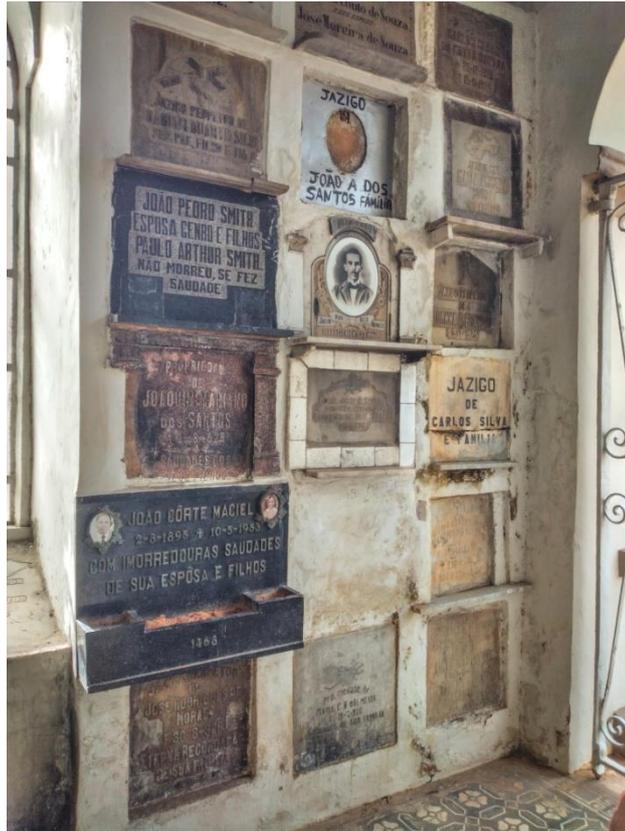


Imagem 28: Epitáfios no Gavião **Fonte:** Acervo pessoal.

Por fim, ficou perceptível nas falas dos coveiros que eles entendem os epitáfios e esculturas tumulares como forma de expressão e evidências de uma relação não findada. Um arranjo que denota saudade e ao mesmo tempo resguarda aquele laço afetivo e um enfrentamento poético/artístico da crise da perda.

3.2 Lendas no Cemitério do Gavião

Lendas e estórias foram temas que surgiram ao longo das nossas conversas, principalmente quando estávamos refletindo sobre os filmes que reforçam os estigmas acerca da morte e do próprio cemitério. “Ao se configurar em um espaço de encontro entre as esferas da morte e da vida, o desconhecido e o conhecido, o cemitério se torna um lugar propício a manifestações indefinidas e ambíguas que ganham diversos contornos e versões na forma de lendas e histórias”. (RABELO, 2014, p. 102)

Carlos relatou que a maior lenda gira em torno de uma sepultura de uma jovem moça, cujo nome é Antonina. “Ah, moço. Essa lenda é antiga. Muita gente já se apaixonou por Antonina. Teve um tempo atrás que, um rapaz, chegou a se mudar pra cá. Não lembro é o

nome do dito cujo, mas sei que a mulher dele veio buscar ele com cabo de vassoura”, falou sorrindo.

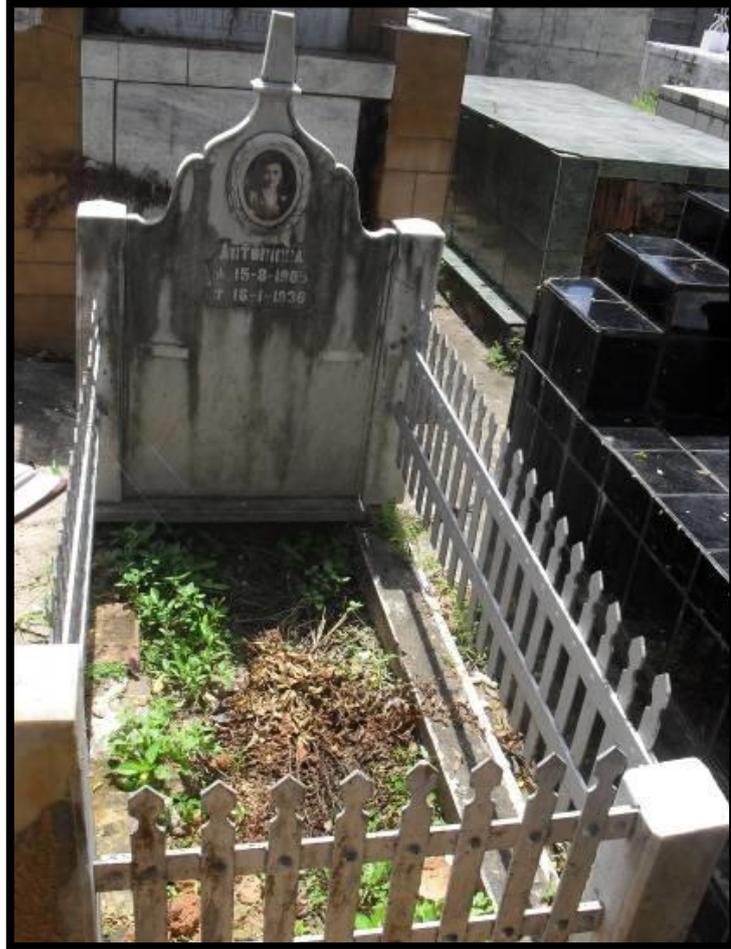


Imagem 29: Lenda (Túmulo de Antonina) **Fonte:** Acervo pessoal.

Antonio revela que a lenda que todo mundo conta sobre o Gavião é da carruagem de Ana Jansen¹⁰. Sorrindo ele conta:

Desde que cheguei aqui, o pessoal fala. Cuidado com Ana Jansen. Tem gente que dia que sexta-feira ela sai numa carruagem daqui do cemitério e percorre as ruas do Centro. Tem gente que diz que tem até mula sem cabeça puxando a carruagem. Mas, eu não tenho medo não. Eu até conto essa estória para os

¹⁰ A lenda de Ana Jansen (Donana) conta que ela teria sido condenada a pagar seus pecados vagando eternamente pelas ruas da cidade ludovicense numa carruagem encantada. O coche maldito parte do cemitério do gavião, em noites de quinta pra sexta-feira, e ai de quem encontrá-lo pelo caminho. Ao incauto, Ana Jansen oferece uma vela acesa que na manhã do dia seguinte estará transformada em osso de defunto. Um escravo sem cabeça conduz a carruagem, puxado por cavalos decapitados (MARQUES, 2008).

meus filhos desde que eles eram bem pequenos, eles se amarram. Até me perguntam se eu já olhei ela por aqui. (ANTONIO, 50)

Acerca desse tema, Benedito disse: “eu não acredito nessas histórias! São apenas contos e lendas que rodeiam os cemitérios, só servem para aumentar ainda mais a fantasia, o medo e curiosidade”.

Em meio às minhas reflexões acerca de todos esses temas narrados pelos coveiros, percebi o quanto de vida há nesses lugares. Não se trata de um lugar de despedida, porém um lugar de permanência, pois não se trata de um final, mas do estabelecimento de uma interface entre vida e morte ou entre vivos e mortos, portanto um “novo lugar” para outro (s) de tipo (s) de relação (ões) a ser (em) estabelecida (s). Algo que reforça esta minha conclusão, foi quando Benedito me disse o seguinte: “muitos dizem que o cemitério remete a dor da ausência, mas eu acho que remete a felicidade da lembrança. Já imaginou se eu nem soubesse onde algum parente meu querido estivesse enterrado para que eu pudesse visitar, aí sim seria a dor da ausência”. (BENEDITO, 50).

4 A PERCEPÇÃO DOS RITUAIS E A RELAÇÃO COM A MEMÓRIA NO CEMITÉRIO DO GAVIÃO

Numa visão poética, Ariès (1977) diz que enquanto os mortos dormem e aguardam dos vivos as lágrimas. Seguindo esse pensamento, destaco Nogueira quando considera o cemitério como lugar de relação permanente entre os que foram e os que ficaram.

Os cemitérios, neste contexto, podem ser compreendidos como o espaço onde se recusa esquecer, sendo este um desejo do homem vivo: o homem não quer ser esquecido depois de morto e, por isso, “constrói” espaços determinados à sua perpetuação. A construção desses espaços exige diálogo com as diferentes formas de controle simbólico do tempo e da individualização nas sociedades humanas na busca de traduzir uma experiência e as relações com a cultura na qual se insere a vida post-mortem, onde vivos e mortos dialogam a partir da carência dos primeiros e da herança dos últimos. O indivíduo, apesar de sua existência temporária, pode após a morte, ser reverenciado e cultuado na memória ou na recordação de grupos específicos ou da sociedade como um todo. (NOGUEIRA, 2012, p.82)

Portanto, neste capítulo apresentaremos o cemitério como um lugar de memória e de práticas ritualização. Porém, falar de memória e rituais se apresenta como uma abordagem muito ampla e polissêmica, no entanto busco refletir a partir de duas abordagens: na primeira abordagem apresento o cemitério como um espaço de culto e ritualização, onde é possível reforçar laços familiares e afetivos, garantindo um sentido de pertencimento e identidade. Em segunda abordagem, tópico seguinte, abordaremos o conceito de memória individual e coletiva, bem como lugar de memória em diálogo com vários autores e apresentaremos o cemitério como um lugar de memória e história.

O culto aos mortos, como todo ato característico de memória, é um diálogo imaginário do “indivíduo” consigo próprio, feito com o espírito e com o coração, buscando materializar o ausente. Consequentemente, se, da perspectiva ritualística, sua percepção, como todo ritual, indica algo da esfera das intenções, sua aceção é, porém, irreduzível à pura racionalidade. Como não há a preocupação em se constituir uma memória-saber, evocar será lembrar e celebrar, e o cemitério será um espaço público e de confraria, microcosmo da cidade em que está inserido, e local de demonstrações de afetividades, com produções e reproduções de memória, de ficções e de civilidades. (NOGUEIRA, 2012, p. 86)

Nesse sentido, a memória permanece conferindo sentido e importância nessa relação entre o vivo e o morto, em especial com familiares e amigos da pessoa enterrada. Para muitos, o cemitério é considerado um lugar sagrado que envolve memórias sentimentais, um

espaço que une o presente e o ausente. O cemitério tem o poder de nos fazer lembrar, sendo um espaço de recordação.

O cemitério como “cidade dos mortos” é um espaço de memória social, de comunicação entre vivos e mortos, e mais, um espaço de esperança, que faz acreditar que a morte não é mais que um divisor de mundos. O cemitério, portanto, espelha a continuidade da vida, a possibilidade de morar e possuir identidade, mesmo depois da morte. Os túmulos, por sua vez, tornam pulsante e real essa morada, eternizando um lugar social para o morto. (FRANCO, 2008, p. 91)

Desta forma, é interessante pensar sobre como as experiências do local, experiências do vivido e experiências do/no cotidiano, ajudam a compreender e refletir sobre como a sociedade lida com a morte naquele espaço, naquela cultura, naquele contexto, naquele tempo. A relação entre os vivos, a memória dos que já morreram e o próprio espaço do cemitério é complexa, pois se dá a partir de vários fatores e se diversifica a partir de contextos e costumes.

Interessante destacar uma colocação de Morin (1970) quando alerta para o aspecto do medo contido nessa relação. Ele diz que em relação ao temor sobre os mortos, é como se os mortos pudessem sentir raiva dos vivos. Assim se faz necessário o cuidado com o corpo, com o túmulo, para que aquele que morreu sinta-se satisfeito onde estiver. Acredita-se que se é preciso manifestar carinho e cuidado com o local onde ficou sepultado e manter regularmente as visitas; caso contrário, o morto poderá sentir-se rejeitado.

Nesse sentido, Maria Manuel Oliveira (2007) nos diz o seguinte:

[...] contrariando a tendência de denegação da morte verificada ao longo do último século, o território da morte nas suas mais variadas expressões poderá, acredita-se, vir a ser recuperado como significante na sociedade e na cidade, e ver valorizado o seu caráter de local de culto, de memória e de sacralidade laica ou religiosa - assegurando, nomeadamente, a expressão da alteridade às intensas diásporas contemporâneas (OLIVEIRA, 2007, p. 6).

Nesse diapasão, cito Bayard (1996), quando afirma que o cemitério é o lugar da celebração dos mortos, com suas representações simbólicas que demonstram a relação com a morte e esta com seus rituais, que foram se modificando ao longo do tempo, num processo de aceleração no qual tudo precisa ser rápido. No entanto, recomenda que é preciso se convencer da fragilidade de todas as coisas humanas diante dos túmulos dos mortos: “os sepulcros são escolas de sabedoria.” (BAYARD, 1996, p. 523)

O ritual é forma de linguagem utilizada para transmitir saberes, uma vez que não só incorpora, mas também expressa valores sociais, religiosos, políticos, econômicos importantes para a sociedade que o pratica. Assim, a função do ritual seria delimitar fronteiras entre o divino e o profano, pois apresentariam as normas de como o indivíduo deve se comportar frente ao sagrado. Certas etapas do ciclo de vida do ser humano, como nascimento, casamento e morte são solenizadas em todas as sociedades por meio de rituais. Chamam-se ritos de passagem as cerimônias que assinalam a passagem de um indivíduo ou grupo de uma fase do ciclo da vida para outra. (BARBOZA, 2013, p. 127)

As práticas de ritualização em momentos fúnebres precisam ser investigadas, variando de cultura pra cultura, com diversas possibilidades de significados, a partir da ideia que essas práticas podem estar ligadas diretamente ao sentido da perda, em dar significado àquela relação. Aqui nesta pesquisa optamos pela utilização da expressão “práticas de ritualização” ou, simplesmente, “ritualização”, termos este muito utilizado pela pesquisadora Catherine Bell, que escreveu o livro “Ritual theory, ritual practice”. Optamos por este termo, por entendermos que este supera as dicotomias e categorização de ritos e rituais, as quais vários autores se debruçam em diferenciar ou aproximar um ao outro. Aqui entendemos que as práticas de ritualização englobam todos esses conceitos de ritos, rituais, celebrações, práticas consuetudinárias, etc.

Falar de práticas de ritualização, nos lembra de imediato a teoria de Van Gennep quando categoriza os ritos de separação, margem e agregação.

Essas três categorias não são igualmente desenvolvidas em uma mesma população nem em um mesmo conjunto cerimonial. Os ritos de separação são mais desenvolvidos nas cerimônias dos funerais; os ritos de agregação, nas do casamento. Quanto aos ritos de margem, podem construir uma secção importante, por exemplo, na gravidez, no noivado, na iniciação, ou se reduzirem ao mínimo na adoção, no segundo parto, no novo casamento, na passagem da segunda para terceira classe de idade, etc. (VAN GENNEP, 2011, p. 30)

Além dessa tríade de categorias, Van Gennep defende a ideia dos mortos passem por dois processos, que seria a separação dos vivos e a incorporação ao destino espiritual.

Nessa mesma linha de pensamento de Van Gennep, Victor Turner nos sintetiza:

A primeira fase (de separação) abrange o comportamento simbólico que significa o afastamento do indivíduo ou de um grupo, quer de um ponto fixo anterior na estrutura social, quer de um conjunto de condições culturais (um “estado”), ou ainda de ambos. Durante o período “limiar” intermédio, as características do sujeito ritual (o “transitante”) são ambíguas; passa através de um domínio cultural que tem poucos, ou quase nenhum, dos atributos

do passado ou do estado do futuro. Na terceira fase (reagregação ou reincorporação), consoma-se a passagem. O sujeito ritual, seja ele individual ou coletivo, permanece num estado relativamente estável mais uma vez. (TURNER, 1974, p. 116)

Já Bauman (1992), nos traz as expressões rituais comemorativos:

Os rituais comemorativos ensaiam a não finalidade da morte. Eles também representam a existência continuada da comunidade como o compromisso de superar, pelo menos por um tempo, a transitoriedade individual. Eles separam o momento da morte corporal do da morte social, tornando a segunda independente da outra e dotando apenas a segunda com o status de finalidade. (BAUMAN, 1992, p. 52)

Enquanto Alfaya (2019) nos apresenta sua tese nomeando etapas como o tempo da partida, o percurso e o regresso:

Estudos antropológicos identificam uma sequência de três fases a compor um rito de passagem: separação, margem e agregação. Em um primeiro momento, o sujeito da ação ritual é separado (ou separa-se) do curso habitual da vida e/ou do grupo social do qual participa. Em seguida, passa a viver uma experiência à margem da estrutura social cotidiana, quando é comum distanciar-se dos seus referenciais identitários mais básicos. Por fim, para efeito da conclusão do rito, o sujeito, em uma nova condição, se reintegra à normalidade do convívio com a sua comunidade, em um esforço de reagregação. Ao aproximarmo-nos dos rituais de passagem adotamos a divisão do tempo do doutoramento distinguindo três etapas: o tempo da partida (ritos preliminares), o percurso ou o desenvolvimento da pesquisa (ritos liminares) e o tempo de regresso (ritos pós-liminares). (ALFAYA, 2019, p. 11)

Aqui nesta pesquisa, porém, não utilizamos esses termos categóricos supramencionados, pois usaremos termos próprios abstraídos das narrativas dos coveiros, pois estas nos direcionaram para uma análise e identificação de diferentes tipos de ritualização, aqui chamados de ritualização de preparo para despedida, ritualização do momento da despedida, ritualização pós-enterro, ritualização avulsa.

A **ritualização do preparo da despedida** ficou perceptível em diversas narrativas dos coveiros, principalmente em conversas triviais sobre a morte e o morrer. Com o falecimento da pessoa, surgem muitas questões práticas, entre elas a definição de sepultamento ou cremação (quando possível), o local do enterro e do velório, o transporte para o sepultamento, contratação do serviço funerário, entre outras. Antonio relatou que quando uma pessoa morre, normalmente os familiares e amigos não sabem bem o que fazer. “Até a roupa que o falecido vai ser enterrado causa dúvida para os familiares. Eu gostaria de

ser enterrado com a camisa do meu time de futebol - Palmeiras. Não entendo porque a maioria das pessoas são enterradas vestidas de roupa social, elas deveriam ser enterradas com a camisa que mais gostavam”. (ANTONIO, 50)

Rabelo (2014) no exercício de pensar a compreensão sobre o evento da morte traz a tona elementos importantes de reflexão:

A morte, enquanto um evento imposto à existência humana, leva cada contexto sociocultural a buscar meios de assimilar e compreender tal evento. Os problemas que a morte traz para a vida diária, os de ordem prática, os de reorganização das redes sócio-afetivas do morto, as reflexões e questões de sentido da transitoriedade da existência, abrem diversos campos de perguntas que ensaiam descansar nas respostas encontradas nos diversos âmbitos da realidade. [...] A desorganização trazida pela morte marca presença em várias dimensões, atravessando as nuances que ligam uma subjetividade ao mundo concreto. A morte provoca abalos não somente em estruturas de ordem emocional, mas desencadeia também movimentações de ordem prática. (RABELO, 2014, pp. 19-83)

Carlos, então, diz que para ele o ritual mais doloroso que pode existir é o luto. “A pessoa pensa que nunca vai acontecer com alguém seu, mas de repente alguém morre. Ninguém sabe lidar com esse momento de perda. Não sei explicar muito bem, mas o luto é algo muito ruim, é um vazio perder alguém, saber que essa pessoa nunca mais estará entre nós fisicamente”. (CARLOS, 43)

Como ressaltam Charmaz e Milligan (2007),

O luto é a emoção sentida diante de uma perda irreparável. No Ocidente, é uma emoção negativa, não apenas porque conota sofrimento e tristeza, mas também porque está associado à morte. O sofrimento pode variar de fraco a intenso. Quando o sofrimento é fraco, uma pessoa pode experimentar sentimentos mistos de tristeza, arrependimento e ansiedade. [...] O sofrimento intenso, no entanto, provoca consideráveis dificuldades mentais e físicas. É uma perturbação abrasadora que não só inunda as emoções da pessoa enlutada, mas também desestabiliza sua vida e o seu eu. (CHARMAZ; MILLIGAN, 2007, p. 518)

Com relação à **ritualização do momento da despedida**, são os rituais praticados no momento do sepultamento, como o velório, o cortejo, as orações e as peculiaridades da despedida. Sobre o momento da despedida, Antonio diz que o velório e o enterro são momentos de muitos sentimentos: “momento de sinceridade, saudade e falsidade. É, falsidade também! Tem gente que falou mal da pessoa a vida toda e quando a pessoa morre, a mesma pessoa que falava mal, diz que ele era a melhor pessoa do mundo” – concluiu sorrindo.

Carlos interrompe e diz que já viu enterro com apenas um parente presente. “Foi triste viu! Eu até chamei o pessoal da limpeza pra nos acompanhar, pra fazer mais número”. Mas, também, relatou que já viu cortejos com centenas de pessoas. “Já vi este cemitério ficar pequeno pra quantidade de pessoas, já vi cortejo vindo a pé de muito longe, mas já teve cortejo até com cavalos e com bumba-boi, o povo é criativo!” (CARLOS, 43)

Certo dia, Benedito revelou que percebe o velório na capela como um momento de muita emoção, pois “lá fazem oração, acendem velas, choram bastante e fecham o caixão pela última vez. Mas, tem gente que prefere fazer esse momento de velório todo em casa, quando chega aqui vai logo enterrando, acho que tem gente que quer ficar o menos possível dentro do cemitério”. (BENEDITO, 42)

Antonio disse que ser testemunha da despedida proporcionava muitas emoções para eles mesmos: “mesmo sem conhecermos quem está sendo enterrado, mas tem sepultamentos que nos emocionam muito. Algumas pessoas cantam, outras ficam em silêncio. É um momento de reverência, né? De respeito com o corpo que está ali sendo enterrado”. (ANTONIO, 50)

Outro aspecto que pude depreender nas conversas transcritas, foi a prática do ritual de meditação e conversação diante do morto e do túmulo. Antonio destaca que o cemitério é muito bom para os rituais de despedida e também para visitação, pois é uma forma de tentativa de se comunicar com o falecido. Pois, é possível buscar as mais distantes lembranças. “O lugar aqui é muito calmo, possibilita isso. Algumas pessoas tem medo de assalto, mas sempre estamos rodando por aqui, e eles se sentem mais seguros, porém seria interessante que aqui tivesse mais segurança”. (ANTONIO, 50)

Essas práticas rituais supramencionadas são bastante perceptíveis nos dias de hoje, tanto que concomitante as falas dos coveiros, era muito comum observarmos as práticas estarem acontecendo naquele momento de fala.

Antes de finalizar sobre as práticas de ritualização do momento da despedida, quero registrar aqui uma conversa na porta da capela entre Antonio e Carlos quando falavam sobre as carpideiras. “Antigamente uma prática muito comum nos rituais de velórios eram as contratações de carpideiras, mulheres contratadas para chorar durante o velório e enterro. Essas aqui são as irmãs carpideiras”. (ANTONIO, 50 – falou apontando para as esculturas na entrada da capela).



Imagem 30: Carpideira na entrada da Capela do Gavião (Túmulo de Antonina) **Fonte:** Acervo pessoal.

Sobre as carpideiras, Carvalho (2009) esclarece que as mulheres pagas para chorar eram ouvidas antes mesmo do préstito ser avistado; elas anunciavam o morto e convocavam os transeuntes e habitantes a fazerem parte do cortejo. Sua origem remonta à antiguidade e mostra-se extremamente antiga, persistindo mesmo após o fim do sepultamento ad sanctus no interior das igrejas, sendo contratadas durante os cortejos que findavam nos cemitérios públicos, permanecendo durante o início do século XX e “solidificando-se” na forma de estatuárias pranteando o morto em seu sepulcro de pedra.

Portanto, as carpideiras eram consideradas um tipo de alegoria do cortejo e do velório. Representavam a dor e o lamento. Hoje é incomum essa prática no Brasil e não encontrei referências sobre a prática no Maranhão neste século.

Já **ritualização pós-enterro** são as práticas que se dão em momentos posteriores ao sepultamento: visitação, dia de finados, acender vela, presentear com flores, decorar o túmulo etc. A própria visitação, seja em dias simbólicos ou visitas contumazes fazem parte de um ritual de despedida. O ritual de visitação ao cemitério pelas pessoas que perderam alguém próximo   tido como parte dos ritos fúnebres. (BAYARD, 1996)



Imagem 31: Acendendo Velas **Fonte:** Acervo pessoal.

Sobre a prática de visitação, Antonio relatou que “todos os dias alguém visita o cemitério, porém a época mais frequentada é o dia de finados e os dias de véspera”.

O cemitério é um espaço que possibilita ao enlutado sentir a perda, conectando-se de alguma maneira com o falecido de maneira solitária e, também coletiva, como vemos principalmente nas datas comemorativas ao longo dos anos após a perda. Mesmo com o passar do tempo, há uma validação social às homenagens prestadas aos mortos nas visitas ao cemitério no dia de finados. (MOTOYAMA, 2017, p. 27)

Acerca do dia de finados, data celebrada anualmente em 02 de novembro, Catroga (2002) faz referência à comemoração do dia de finados é um rito eficaz para a memória dos mortos e para o destino dos vivos.

Ainda sobre o dia de finados, Bayard (1996) aponta que:

A homenagem aos mortos é comemorada em todos os povos, sendo este dia correspondente ao ciclo da natureza ou vegetação. Descreve sua origem no povo celta, quando, “em 998, o abade Odilon, beneditino de Cluny, ordenou que no dia 02 de novembro fosse celebrada missa solene por todos os mortos em Cristo” (BAYARD, 1996, p. 287).

Sobre o dia de finados, Antonio, a partir de sua experiência, tece algumas considerações acerca desta data no Cemitério do Gavião:

Nesses mais de 10 anos de trabalho aqui, infelizmente percebo que a maioria dos túmulos só recebem manutenção próximo às datas comemorativas, no dia das mães, natal e principalmente no dia de finados, que é o dia da ‘lembrança’. Durante a semana do dia 02 de novembro ou na semana do segundo domingo de maio, muitos familiares visitam o cemitério para fazer a manutenção, alguns contratam a mão de obra, outros fazem eles mesmos. Alguns túmulos são lavados, pintados e recebem nova decoração, outros, porém não recebem sequer visitação. É a triste realidade. (ANTONIO, 50)

Benedito relata que “no dia de finados e na semana antes aqui fica uma loucura de cheio. No dia mesmo não conseguimos nem andar direito e se tiver algum sepultamento é complicado de fazer. Não sei ao certo quantas pessoas vem, mas a diretora Helena disse que vem mais de 30 mil pessoas”.



Imagem 32: Dia de Finados no Gavião **Fonte:** Ruy Barros

Outro ponto citado por Carlos é que ele percebe os rituais repetidos. “Eu vejo as pessoas vindo aqui acender velas, por exemplo, trazem crianças. As crianças acendem velas, mesmo sem entender o porquê daquilo.   como se as pessoas fossem ali repetir rituais que já são praticados por outras pessoas, acho que é cultural mesmo”. (CARLOS, 43)

Enquanto **ritualização avulsa** são práticas que os coveiros relataram não estarem diretamente ligadas à família ou amigos da pessoa que está ali enterrada. São, portanto, práticas de visitantes que utilizam o cemitério como lugar de ritualização independente.

Carlos destaca que “tem pessoas que vem quase todo dia aqui, uma vez perguntei pra um senhor se ele vinha todo dia visitar alguém, ele disse que não, que só gostava de andar pelas ruas olhando as idades das pessoas que morreram e disse que era vizinho aqui do Cemitério”. Benedito disse que “tem casais que vem aqui apenas pra namorar, tem os papudinhos também que vem beber cachaça aqui na sombra do cemitério, tem um pessoal que vive aí na praça, mas que hora ou outra vejo eles dormindo ou descansando aqui dentro”.

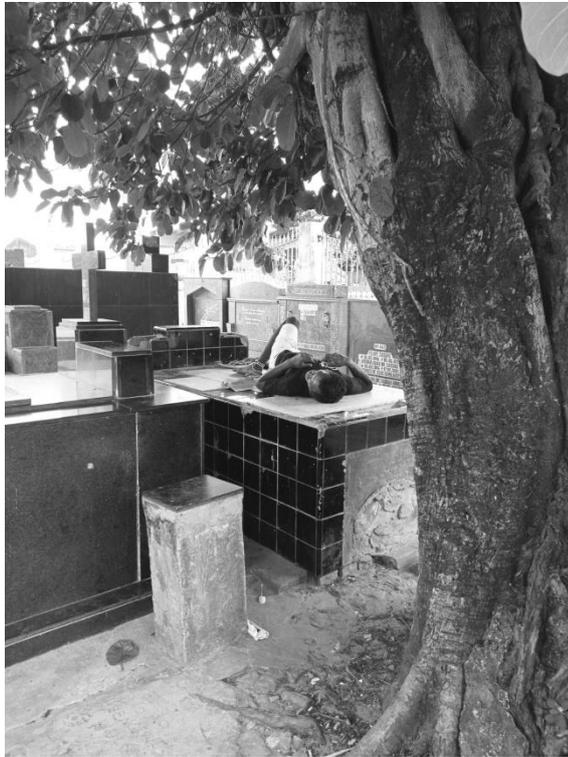


Imagem 33: Cochilo sobre a sepultura **Fonte:** Acervo pessoal.

Ainda sobre as práticas avulsas, Antonio relata que “durante o carnaval ou qualquer outra festa aí pela praça, o pessoal não respeita o Cemitério, entram pra fazer xixi em qualquer lugar, entram pra namorar, até mesmo pra transar. É um absurdo, mas já vimos de tudo por aqui!”. Carlos, solta de imediato: “E vendedores? Aqui o pessoal entra pra vender de tudo, de sorvete à maconha!”.



Imagem 34: Vendedores ambulantes **Fonte:** Acervo pessoal.

Outro ritual avulso identificado foi o soltar pipas dentro do cemitério. Sobre isso, Benedito disse que “os vizinhos aqui do cemitério tem tempo aí que vem toda empinar papagaio aqui, eles trazem mais de 10 pipas e papagaios”. Antonio complementa dizendo que “não são somente crianças não, tem marmanjo, gente grande, soltando pipas dentro do cemitério. Pode ter velório na hora e eles estão correndo aqui por dentro”.

Em outro dia, Carlos disse que tem alguns rituais que ele não entende:

É certo que aqui é lugar de rituais. São várias as formas de rituais sejam religiosos ou pagãos, como minha vó bem dizia. Tem alguns rituais que não entendo bem, acho que nem tem haver com quem tá enterrado aqui. Tipo, não é de nenhum familiar ou amigo, acho que é só porque a pessoa acredita mesmo. O que mais vejo são coisas do católico, aqui não vejo nenhum evangélico praticando culto, acho que eles só vêm no dia do enterro mesmo, mas já vi umas pessoas da umbanda. É bem comum encontrarmos despachos aqui pelo cemitério, vejo vela preta, vela vermelha, até galinha assada com farofa já encontrei. E não são colocados nos túmulos não, eles colocam nas ruas, nas encruzilhadas, no pé do muro. No começo eu ficava impressionado, mas hoje já acostumei. (CARLOS, 43)

Fazendo uma busca rasa acerca dos rituais umbandistas no cemitério, encontrei um artigo interessante da autora Barbara Thompson:

A Umbanda desenvolve um culto aos antepassados, ou seja, as entidades e realizam o contato com pessoas que tiveram uma vida terrena e agora estão fisicamente mortas, porém continuam vivos no mundo espiritual. Estas entidades dialogam com o mundo da matéria por meio das oferendas que podem ser entregues no cemitério que é concebido pelos umbandistas como um ponto de força. Para a Umbanda o cemitério é um lugar sagrado, pois é a morada de orixás e entidades. Na umbanda há inúmeros locais que são entendidos como ponto de força, locais onde o divino atua mais densamente, há por exemplo, a praia que é o ponto de força de iemanjá. O cemitério é chamado de calunga pequena pelos umbandistas e por outro lado o mar é a calunga grande, ou seja, cemitério grande. (THOMPSON, 2019, p. 05)

Em linhas gerais, os rituais fúnebres são múltiplos e, independente de religião, parecem conferir sentido a uma relação digamos que intangível, posso dizer que é um tipo de manifestação cultural e/ou religiosa.

Por fim, como já citado no início deste estudo, não poderia finalizar este capítulo sem destacar à percepção de Antonio sobre os rituais em tempos de pandemia.

Desde março/2020 quando foi decretada essa pandemia, ficamos apreensivos com tudo que víamos. O nosso trabalho aumentou consideravelmente, mas não foi só o nosso trabalho que mudou. O dia a dia do cemitério mudou. Ninguém mais vinha visitar o cemitério, os sepultamentos eram bem rápidos e com poucas pessoas. O caixão já chegava lavrado, ninguém usava a capela. Além da tristeza era possível perceber um medo, uma angústia. Agora neste final de 2021 que o pessoal já tá voltando a visitar, acho que neste ano finados já vai ter mais gente, porque ano passado foi vazio. (ANTONIO, 50)

Pela fala de Antonio, pude perceber um fenômeno de furto aos rituais em tempos de pandemia, com os familiares e amigos não podendo viver o luto como faziam anteriormente, não praticando os rituais de despedidas tão comuns no dia a dia do Gavião, portanto um esvaziamento dos rituais de despedida.

4.1 Lugar de Memória: uma referência na história

Considerando a outra abordagem acerca do cemitério como lugar de memória individual e/ou coletiva, destaco-o como lugar de referência histórica. Um espaço relacional, que preserva a historicidade de um determinado lugar, onde está localizado, a partir da sua própria história, do seu significado, da sua simbologia e das pessoas que ali estão enterradas. Antes de fundamentarmos e explicarmos a escolha desse termo, faz-se necessário um aporte teórico acerca da memória em diferentes autores.

Fazendo um estudo sobre memória ou simplesmente sobre lugar de memória, encontraremos diversos autores que abordam diferentes teorias acerca dos temas. Inicialmente, destaco Maurice Halbwachs quando nos apresenta a ideia de memória coletiva, garantindo que as lembranças e vivências do passado sempre estão ligadas à sociedade, jamais apartadas.

(...) outras pessoas tiveram essas lembranças em comum comigo. Mais do que isso, elas me ajudam a recordá-las e, para melhor me recordar, eu me volto para elas, por um instante adotando seu ponto de vista, entro em seu grupo, do qual continuo a fazer parte, pois experimento ainda sua influência e encontro em mim muitas ideias e maneiras de pensar a que não me teria elevado sozinho, pelas quais permaneço em contato com elas". (HALBWACHS, 2006, p. 31)

Pollack nos traz reflexões acerca do processo de hermenêutica dos acontecimentos passados.

A memória, operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, [...] em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações, etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irredutíveis. Manter a coesão interna e defender as fronteiras daquilo que um grupo tem em comum [...] eis as duas funções essenciais da memória comum. (POLLAK, 1989, p. 9)

Já Ecléa Bosi, nos diz o seguinte acerca das características da memória:

[...] a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo 'atual' das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, 'desloca' estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista. (BOSI, 1994, pp. 09-17)

Enquanto Milton Santos (em entrevista ao professor da Universidade de São Paulo, Luís Antonio Jorge) nos assevera que é pela memória que podemos aprender o valor das coisas, através do que é ensinado pelos nossos antepassados:

(...) eles nos ensinam o mundo, eles nos ensinam a valorizar o que existe, a dar um valor ao que existe. Esse valor, não é só o valor que a coisa tem em si, é o valor que lhe é atribuído e que nós aceitamos como valor. Isso é uma herança que nós temos e com isso nós nos situamos no mundo, que é o papel da cultura, exatamente. E nós temos tendência, daí por diante, a ver o mundo, ou um pedaço do mundo, como a paisagem é, através desse aparelho, que é um filtro. Então, a memória tem esse papel muito grande, não só o de nos trazer para o presente o que foi vivido, no passado, por nós e o que foi vivido pelos outros através da literatura e da escola. A escola e a literatura nos trazem a vivência dos outros, que são memórias, porque nós vivemos com as nossas memórias e com as memórias dos outros, também. Nós trabalhamos com esse conjunto de memórias coletivas e memórias individuais de cada um de nós. (SANTOS, 1999)

Voltando ao pensamento de Maurice Halbwachs, a autora Zimmermman sintetizou bem a distinção que o autor estabelece entre memória e história:

A memória coletiva se distingue da história, pelo menos, sob dois aspectos: O primeiro é que a memória consiste numa corrente de pensamento contínuo que retém do passado somente aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência de um grupo social. Ela não ultrapassa os limites deste grupo enquanto que a história se coloca fora dos grupos e introduz na corrente dos fatos divisões que determinam lugares fixos para cada evento ocorrido, obedecendo a uma esquematização didática. (...) no desenvolvimento contínuo da memória coletiva há limites irregulares e incertos ao passo que no processo da história não há linhas de separação nitidamente traçadas. Dessa maneira, na memória, o presente não se opõe ao passado, enquanto que na história, sim, esses dois períodos são bem determinados. A segunda característica pela qual a memória se distingue da história, é que há muitas memórias coletivas enquanto a história é uma só. A história se compõe de muitas lembranças que, entretanto, não ressoam como memória na atualidade. Enquanto a história pode se apresentar como a memória universal do gênero humano, que concentra todos os fatos importantes e marcos do passado da humanidade, a memória coletiva tem por suporte um grupo limitado no espaço e no tempo. (ZIMMERMMAN, 2006, p. 20)

Alguns autores desferem críticas a esse posicionamento demarcado e categorizado de Halbwachs. Posso citar Bloch, quando apresentou a ideia da comunicação e transmissão dos mais velhos para os mais jovens. Para este autor tanto a história quanto a memória estão diretamente ligadas à influência do presente.

Neste estudo, porém, não pretendo me debruçar nesta diferenciação teórica acerca de memória e história, porém pretendo dar ênfase ao diálogo memória-história ou história-

memória, aquele que considera a história como referência e se mantém viva no contexto social e no presente de uma sociedade que se vê pertencente àquela história vivida por seus antecessores. Uma memória que relaciona os aspectos históricos, tendo possibilidade de relacionar a história das pessoas que estão enterradas no Cemitério do Gavião e a história do lugar em que se encontra, aliado ao imaginário social. A análise do cemitério tem aspectos que podemos relacionar com os acontecimentos históricos e encadeados do lugar, assim como relações sociais do dia a dia e da comunidade. O cemitério nos remete a história do passado, embora possibilite uma reflexão sobre o presente e sobre o futuro, num diálogo envolto de sentimentos e simbologia.

Nesta segunda abordagem sobre memória, apresento o cemitério como um lugar de memória. “Lugares de memória como os cemitérios configuram-se essencialmente ao serem espaços onde a ritualização de uma memória-histórica pode ressuscitar lembranças, sendo um tradicional meio de acesso a elas” (NOGUEIRA, 2012, p. 83). Um espaço que denota relação social e que a própria memória confere valores a esses lugares.

Nessa linha de pensamento, destaco Pierre Nora (1993) quando diz que a busca por locais que sejam representativos da história, e que possam ser referências para a identidade, cria o que ele chama como lugares de memória - na busca contemporânea de manter laços com a história. O autor nos apresenta uma definição sobre os lugares de memória:

Lugares topográficos como os arquivos, as bibliotecas, os museus; lugares monumentais como os cemitérios ou as arquiteturas, lugares simbólicos como as comemorações, as peregrinações, os aniversários ou os emblemas; lugares funcionais como os manuais, as autobiografias ou as associações: estes memoriais têm sua história. (NORA, 1993, p. 12).

Nesse diapasão, é preciso entender que as pessoas fazem a história de um lugar e quando morrem deixam um legado. Alguns são notoriamente reconhecidos, outros não saem do anonimato, porém todos são importantes para uma construção histórica de uma determinada localidade.

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque estas operações não são naturais. É por isso que a defesa pelas minorias de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levantar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória. (NORA, 1993, p. 7).

A história não pode se perder, embora hajam registros bibliográficos em livros, jornais, revistas e documentos legislativos, não posso deixar de reconhecer o cemitério como um local repleto de significados que resguarda essa memória histórica de uma forma diferente; a história permanece viva num lugar onde se enterram pessoas mortas. Pode até soar paradigmático, porém numa análise reflexiva é um espaço que se relaciona com o tempo e com a sociedade, onde é possível identificar várias características que identificam laços históricos com o local inserido e com o contexto.

Os lugares de memória são primeiramente, lugares em uma tríplice acepção: são lugares materiais onde a memória social se ancora e pode se apreendida pelos sentidos; são funcionais porque têm ou adquiram a função de alicerçar memórias coletivas e são lugares simbólicos onde essa memória coletiva, vale dizer, essa identidade se expressa e se revela. São, portanto, lugares carregados de uma vontade de memória. Longe de ser um produto espontâneo e natural, os lugares de memória são uma construção histórica e o interesse que despertam vem, exatamente, de seu valor como documentos e monumentos reveladores dos processos sociais, dos conflitos, das paixões e dos interesses que, conscientemente ou não, os revestem de uma função icônica. (NORA. 1993, p. 21)

Portanto, são lugares que dão conta do passado, lugar de ritualização, como já foi dito no capítulo anterior, repleto de símbolos, simbologias e significados, desta forma possibilitando o estabelecimento, construção e reconstrução de laços sociais, a partir de uma relação história-memória. Um lugar representativo de valores e considerado como referência histórica, sendo um espaço vivido, dotado de significados culturais e relações históricas. Neste sentido, estendo a ideia para destacar o cemitério como bem patrimonial, ou mesmo como patrimônio cultural.

Fazendo uma análise da Constituição Federal brasileira vigente (1988) encontramos uma definição positivada acerca do que vem ser patrimônio cultural:

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I – as formas de expressão;

II – os modos de criar, fazer e viver;

III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

A partir desse amparo constitucional, é comum encontrarmos na literatura uma divisão categórica de cultura material e imaterial, porém este estudo não se prende a esse tipo de categorização dos bens patrimoniais, apenas apresenta a “legislação maior” nacional para mostrar que os cemitérios são considerados integrantes do patrimônio cultural, considerando o potencial artístico, histórico e simbólico, tomando como base a leitura dos incisos IV e V da CF.

Se adentrássemos para análise positivista sobre o patrimônio instituído legalmente, à luz dos instrumentos normativos do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) encontraríamos características de bens materiais e imateriais contidos na própria essência do cemitério. Sendo um espaço construído, repleto de símbolos, signos e significados, repleto de memória e imaginário popular. Porém, não busco aqui entrar nessa discussão positivista e dicotômica entre material e imaterial, pretendo tratar apenas como bem cultural socialmente reconhecido, a partir da ideia de patrimônio cultural definido pela coletividade, pela relação da sociedade com o próprio bem cultural, pelo significado e valor social.

Então, sobre o patrimônio é importante ressaltar a importância da consciência de preservação a partir de uma educação patrimonial. Conscientizar a amplitude do que vem ser o patrimônio em suas mais diversas formas, valorizar a memória, mostrar o quão ela é importante para a compreensão de costumes e valores. Essa segunda abordagem sobre a memória está ligada à consciência coletiva, concebendo cemitério como um lugar onde se constroem memórias, conservar uma memória que é viva.

Neste sentido, destaco a educação patrimonial como fator primordial para a preservação desses espaços e conseqüentemente para salvaguardar a memória contida neles. A educação em torno do patrimônio foca no contexto, na realidade em que o bem patrimonial está inserido, no ímpeto de preservar a sua própria história. A educação patrimonial pauta-se numa relação entre a sociedade e o que é seu, num sentimento explícito de pertencimento e identidade. Manter viva sua referência. A educação patrimonial está ligada diretamente a ideia de lugar de memória, em salvaguardar a memória. Eu me atrevo em caracterizar como sustentabilidade da memória, preservar a memória para as futuras gerações.

No cemitério é possível perceber a aproximação de diversas áreas do conhecimento, como arte, religião, turismo, história, cultura, entre outras, podendo assim transformar-se em um ambiente de aprendizagem que possibilita diversas análises. O que fatalmente vem a ser fundamental para o processo de aprendizagem, pois há muito se discute essa necessidade de processo que permite o estabelecimento de relações entre áreas do

conhecimento a partir de um mesmo objeto de pesquisa, indo além, entendendo os processos dessas relações. Acerca disso, Osman e Ribeiro (2007) reforçam essa ideia e fazem a seguinte consideração:

Vencendo temores, tabus e preconceitos, podemos descobrir que além dos muros dos chamados campos-santos há um mundo de descobertas a serem feitas. Um local para admirar obras de arte, conhecer a história, descobrir curiosidades e, por que não, contemplar a beleza de jardins, ruas, alamedas e os mais diferentes jazigos por puro lazer. Os cemitérios podem ser uma agradável alternativa para visitação, já que reúnem no espaço intramuros ilustres personalidades, preciosidades arquitet nicas, obras de arte, história e histórias, curiosidades, revelando que não são só partes das cidades nas quais se inserem como podem ser lidos como seu microcosmo: uma cidade dentro da cidade. (OSMAN; RIBEIRO, 2007, p. 98)

Moraes (2005) destaca a importância dessa fun o educativa patrimonial, pois afirma que a educa o patrimonial desperta nas pessoas a conscientiza o de se preservar e de não degradar o patrimônio, valorizando assim a herança cultural. A educa o patrimonial torna os indivíduos mais ativos e conscientes, ficando mais atentos ao que acontece ao seu redor, verificando a importância de se conhecer o passado e de se projetar o futuro. Porém percebe-se que a mesma está, cada vez mais, distante e ausente das escolas e da sociedade.

Portanto, a partir desta abordagem o cemitério pode e deve ser concebido como um lugar de memória histórica, onde é possível resgatar a historicidade do lugar em que está inserido, a partir das histórias das pessoas ali enterradas, do espaço em que ele se encontra localizado, do contexto da sua própria história. Desta forma,   possível relacionar a educa o patrimonial à ideia de memória e aos rituais perceptíveis no Cemitério. Necessário ainda destacar o papel do coveiro como elemento que nos faz compreender esse patrimônio, pois é um profissional que compõe a experiência do lugar, consciente das rela es estabelecidas e com potencial de nos apresentar o dentro, a partir do olhar de quem está dentro.



Imagem 35: O dentro visto de fora

Fonte: Acervo pessoal.



Imagem 36: O fora visto de dentro

Fonte: Acervo pessoal.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como ponto de partida apresentar as narrativas dos coveiros, analisando as relações no/do cotidiano desses trabalhadores que atuam no Cemitério de São Pantaleão de modo a problematizar o estigma dessa profissão, a partir das narrativas dos próprios profissionais.

O Cemitério de São Pantaleão que possui 03 (três) coveiros em atividade, aqui identificados como Antonio de Souza (ANTONIO, 50), Benedito Santos (BENEDITO, 42) e Carlos José (CARLOS, 43). Registro aqui a essencialidade dos mesmos para construção deste trabalho, o convívio, as trocas, as narrativas, cada detalhe possibilitou a construção desta dissertação, a partir de uma metodologia que passou por diversos momentos de observação in loco e, principalmente, a história oral. As fotografias se constituíram importante aporte metodológico para esta pesquisa, pois se tornaram elementos de análises, representando ao mesmo tempo o cenário no qual as atividades diárias são vivenciadas e o local onde as relações nasciam e eram construídas, pois “capturavam” momentos singulares de vivências e detalhes do lugar.

Como dito inicialmente, a construção do objeto deste estudo se deu a partir de um movimento de inflexão, pois é curioso que ao longo de 15 anos de pesquisa no Cemitério do Gavião, em nenhum momento havia me inquietado um tipo de pesquisa a partir das narrativas do coveiro. Porém, como dito, após definição do objeto de estudo, passei a vivenciar o cotidiano do Cemitério com um novo olhar, um olhar atento ao passo a passo dos coveiros em sua labuta diária, às práticas costumeiras e aos detalhes daquele lugar que a cada dia me possibilitava uma reflexão diferente. As observações das falas, dos gestos, dos símbolos e das triviais subjetividades no dia a dia laboral me faziam perceber o cotidiano em sua relação lugar/tempo. Proceder a essas reflexões, imersos na dinâmica do cotidiano daqueles profissionais, fortaleceram as percepções e observações, porém não me livraram de enfrentar as dificuldades para pesquisa.

Ressalto também o caráter social que ganhou a pesquisa, quando abordamos a ideia da invisibilidade social de um grupo de trabalhadores que é demandado diariamente, que fazem parte de um momento singular de carga emocional, mas que ao mesmo tempo são ignorados e silenciados por essa mesma sociedade que demanda os seus serviços.

Aqui pudemos dar voz a esses profissionais, apresentar um pouco da característica do trabalho diário, o lidar com o trabalho estigmatizado e estar em meio a dor do outro, o lidar

com esse momento de despedida e os mecanismos utilizados para ludibriar os estigmas e adjetivações imbricadas de fora pra dentro, historicamente, aos profissionais coveiros.

Durante a pesquisa pudemos perceber que o imaginário que cerca a morte e o morrer está diretamente ligado à ideia de estigma do cemitério e dos profissionais que ali trabalham, principalmente os coveiros. Para esta análise, desdobramos o objeto em quatro pontos de análise: O Trabalho dos Coveiros, Filmes/literatura, Relações de Afeto e Meios de Ludibriar o Estigma.

Sobre o trabalho do coveiro, apresentamos ao longo do segundo capítulo, considerações teóricas acerca da profissão de sepultador, as definições legais, o salário médio, a escala de trabalho, os ofícios, os instrumentos de laboro, a regulamentação da profissão, porém a ênfase foi dada às narrativas dos sujeitos, estes que demonstraram a compreensão da profissão como indispensável para a sociedade e ao mesmo tempo estigmatizada pela mesma sociedade. Estigma de trabalho sujo, estigma de impureza, estigma de “profissão de pobre e de quem não teve chances na vida” (ANTONIO, 50). Ainda como parte da metodologia para este trabalho, propomos uma dinâmica para os sujeitos: assistir filmes que tratassem de cemitério; escolhemos dois filmes: *Sinfonia da necrópole* e *À meia-noite levarei sua alma*; metodologia que se mostrou bastante instigante na medida em que os próprios sujeitos puderam analisar a imagem do coveiro e do cemitério disseminadas pela cultura cinematográfica, o que não é diferente na literatura, pois é bem comum encontrarmos livros que apresentem a imagem do coveiro e do cemitério como algo estranho e assustador.

Em meio a essas discussões iniciais, surgiram outros desdobramentos sobre objeto; atenção especial foi dada às relações de afeto estabelecidas nesse lugar. Nas falas dos sujeitos da pesquisa, foi possível identificar a ideia de pertencimento, as emoções intrínsecas ao trabalho, de viver o momento da dor do outro, de serem testemunhas dessa última despedida. “Somos companheiros da morte e trabalhamos na fronteira entre a vida e a morte” (ANTONIO, 50). Foi possível entender, ainda, como esses profissionais, que não possuem acompanhamento psicológico profissional, lidam diariamente com essa carga de emoções e como se percebem em meio a essas situações diárias. “Estar presente nesse momento de despedida, em que a família e os amigos estão chorando, é um momento de muita dor. Tem momentos que sinto a dor deles” (BENEDITO, 42).

Foi possível perceber, também, que os coveiros entendem e reconhecem os estigmas envoltos a sua profissão, mas ao mesmo tempo tem a nítida percepção que essa é a visão do outro; outro, este, que desconhece as especificidades de um trabalho tão essencial. Os coveiros atribuem vários adjetivos a sua profissão (corajosos, úteis, essenciais, heróis,

profissão desafiadora, profissão digna, entre outros adjetivos), e comumente reforçam a ideia que “todas as profissões tem o mesmo valor” (CARLOS, 43). Percebi essas constantes adjetivações nas narrativas, o que me levaram a associar a ideia de mecanismos de defesa como meios para ludibriar os estigmas.

Aproveito este momento para relatar aqui da experiência de campo, os momentos que os sujeitos relatavam que esse exercício de me contar histórias, de falar sobre a profissão e experiências, falar das situações vividas e lembranças ao longo das conversas proporcionavam reflexões para eles próprios: “essas conversas tem me feito lembrar tanta coisa, relembrar momentos desde que cheguei aqui”. (ANTONIO, 50)

Superando esses desdobramentos iniciais, adentramos nas narrativas acerca da percepção do lugar cemitério, as características peculiares e os significados distintos que cada sujeito da pesquisa atribui ao lugar. No capítulo 03 desta dissertação, foi possível apresentar o Cemitério do Gavião, não com uma descrição literária, porém com o olhar desses profissionais que ali estão todos os dias. Pelas narrativas, pudemos perceber uma riqueza de detalhes descritivos, acerca das histórias, das estórias e lendas, bem como da arte cemiterial, dos gostos de cada um, da arquitetura do lugar, dos problemas estruturais. Ao mesmo tempo em que foi possível perceber o carinho de cada profissional com o seu local de trabalho e de convivência diária.

Portanto, o intuito foi dar voz e visibilidade às experiências vividas, destacando relações sociais, afetivas e espaciais construídas nesse universo de trabalho e simbólico. Como já mencionado, muitas dessas narrativas eram acompanhadas por momentos de silêncio, o que permitia diferentes momentos de percepção e observação. As conversas se davam em todos os lugares do Gavião, muitas vezes aconteciam em meio aos afazeres diários, às vezes entre os túmulos, outras vezes nos bancos da capela e, principalmente, em baixo de da árvore defronte à capela.



Imagem 37: Árvore defronte à capela **Fonte:** Acervo pessoal.

Aos poucos fui percebendo que cada profissional tinha uma forma de ver aquele lugar, de se relacionar com aquele lugar e de interagir com ele. Alguns falavam sozinhos, caminhando pelos corredores, em meio aos ofícios do dia, outros faziam momentos de preces antes e depois de cada sepultamento; cada sujeito dava um significado diferente às coisas e aos detalhes daquele lugar, o que me fez perceber a ideia do familiar e do pertencimento.

O lugar evoca o pertencimento. Fazer parte da paisagem daquele lugar como lugar de vida estabelecendo uma identidade com eles. (paisagem-lugar). Neste sentido, a relação com o lugar é estabelecida baseada em vínculos mais afetivos (subjetividade) do que racionais (objetivo). O modo como esses vínculos são estabelecidos perpassa sistemas de valores e a maneira de percepção individual. O lugar é uma construção pessoal. (CUPPER, 2009, p. 48)

No último capítulo, abordamos o cemitério como lugar de memória e de práticas de ritualização. As narrativas nos fizeram visualizar as práticas de ritualização observadas diariamente por esses profissionais, bem como foi possível fazer reflexões sobre o atual momento de pandemia, ocorrendo o que chamamos aqui de furto aos rituais. Nesse mesmo capítulo abordamos o caráter de patrimônio do cemitério, destacando a educação patrimonial como forma de preservar os nossos lugares de memória.

O cemitério não é só um bem cultural revestido de memória, é um bem integrante da consciência de uma sociedade, sendo reconhecido como patrimônio social por seu sentido e significado. Portanto, esse tipo de abordagem traz grande relevância social, na medida em que a reflexão sobre esses aspectos desses espaços, os valorizam socialmente e vem contribuir para um despertar da consciência de valorização desse espaço como preservação da memória e da identidade.

Por fim, ressaltamos que por meio deste estudo foi possível perceber comportamentos, valores, simbologias e rituais praticados no Cemitério do Gavião. O Cemitério é, portanto, um lugar de diferentes interpretações, um espaço que conta história e para contar histórias e estórias. Concluir esta dissertação me fez perceber as especificidades do Cemitério, as quais ainda não tinha me atentado. A experiência de trabalhar com a morte nos traz uma diversidade de narrativas que possibilitam a compreensão de uma profissão que embora seja considerada invisível para muitos, é na verdade uma guardiã da memória e observadora atenta das relações simbólicas daquele lugar. Finalizo esta dissertação com parte do título deste estudo, pois foi algo marcante dito por Antonio e que faz muita referência a tudo aqui descrito e às observações que em mim ficaram entranhadas: “somos observadores privilegiados da despedida” (ANTONIO, 50).

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: FGV, 1990.
- ALBUQUERQUE, Jéssica Fernanda. **Entre socioeducação e punição: trabalho sujo, identidades e práticas dos agentes socioeducativos da UISS**. Universidade de Brasília (Dissertação), Brasília, 2019.
- ALFAYA, Luiz Mauricio Barretto. **Fora do Mundo**. A liminaridade como agente poético na prática artística. Universidade do Porto Faculdade de Belas Artes (Tese), Porto – Portugal, 2019.
- ALGRAVE, B. **Porque o defunto deixou a igreja: Origem dos cemitérios no século XVII**. beatrix, 2008. Disponível em: < <http://www.beatrix.pro.br/>>. Acesso em: 05 abr. 2021.
- ANJOS, Augusto dos. **O Coveiro**. In: _____. Eu: poesias. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.
- ARIÈS, Philippe. **História da Morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- AMAR, Ayush Morad. **Temas de criminologia**. São Paulo: Resenha Universitária, 1982. V. II. p. 79.
- ANDRADE, Isaac Bastos de. **A morte como instrumento de trabalho: a experiência subjetiva dos coveiros**. Fundação Edson Queiroz Universidade de Fortaleza – UNIFOR. (Tese doutorado), Fortaleza, 2020.
- ANDRADE, Rosane de. **Fotografia e Antropologia: olhares fora-dentro**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- ASHFORTH, B. E.; KREINER, G. E. **Como você pode fazer isso?** Trabalho sujo e o desafio de construir uma identidade positiva. *Academy of management review*, New York, v. 24, n. 3, p. 413- 434, 1999. (Tradução nossa). Disponível em: < <https://dx.doi.org/10.2307/259134>>. Acesso em: 15 jan. 2021. Título original: How can you do it?: Dirty work and the challenge of constructing a positive identify.
- BACCI, Cynara Marques; GODOI-DE-SOUSA, Edileusa; MIRANDA, Rodrigo. **Dirty Work: estimulando conversações sobre o Trabalho Sujo no campo da administração**. IV Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais - Porto Alegre, RS, Brasil, 19 a 21 de Outubro de 2016.
- BARBOZA, V. M. **Sociedade dos Vivos X Cidades dos Mortos: a Visão da Morte Na Sociedade Erechinense. Perspectiva**. v.37, n.140, p. 125-137, dezembro/2013.
- BARTHES, Roland. **A Câmara Clara: Nota sobre a Fotografia**. Lisboa: Edições 70. 1977. (Tradução nossa).

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BATISTA, A. S.; CODO, W. **Trabalho sujo e estigma**: Cuidadores da morte nos cemitérios. *Revista de Estudos Sociales*, (2018). p. 72 - 83. Disponível em: < <https://journals.openedition.org/revestudsoc/1270>>. Acesso em: 02 nov. 2020.

BAUMAN, Zygmunt. **Mortality, Immortality and other life strategies**. (Tradução nossa). Cambridge, Polity Press, 1992.

BAYARD, J. P. (1996). **Sentido oculto dos ritos mortuários**: morrer é morrer? São Paulo: Paulus, 1996.

BRASIL. Constituição Federal (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: 1988.

_____. RESOLUÇÃO CONAMA nº 335, de 3 de abril de 2003. Dispõe sobre o licenciamento ambiental de cemitérios., Brasília, DF, 03 Abril 2003.

BECKER, Howard S. **Outsiders**: Estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/S0104-93132009000200011> >. Acesso em: 15 dez. 2020.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: Um Estudo dos Agentes e dos Meios Populares de Informação de Fatos e Expressão de Idéias. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BENDASSOLLI, P. F.; FALCÃO, J. T R. **Psicologia social do trabalho sujo**: revendo conceitos e pensando em possibilidades teóricas para a agenda da psicologia nos contextos de trabalho. *Universitas Psychologica*, Bogotá, v.12, n. 4, out./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/rups/v12n4/v12n4a14.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2020.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

BERGER, I; MOHR, J. **Another Way of Telling**. New York: Pantheon Books, 1982. (Tradução nossa).

BITTENCOURT, Luciana. **A Fotografia como Instrumento Etnográfico**. Universidade de São Paulo (Anuário Antropológico), Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

BORGES, Maria Elizia. **Arte Tumular**: a produção dos marmoristas de Ribeirão Preto no período da Primeira República. (Tese). Universidade de São Paulo. São Paulo, 1991.

_____. **Arte Funerária**: Representação do vestuário da criança. *Locus: Revista de História*. Juiz de Fora, v. 5, n.2, p. 145-159, 1999.

_____. **Arte Funerária**: apropriação da pietà pelos marmoristas e escultores contemporâneos. **Estudos Ibero-Americanos**, n. 23, p. 15-28, 1997.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo, Cia. das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. Compreender. In: BOURDIEU, Pierre (coord.). **A miséria do mundo**. 7ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1989. P. 693–732.

CARVALHO, Luiza Fabiana Neitzke de. **A antiguidade clássica na representação do feminino: pranteadoras do Cemitério Evangélico de Porto Alegre (1890-1930)**. Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Dissertação de mestrado em História, Teoria e Crítica de Arte), Porto Alegre, 2009.

CATROGA, Fernando. Recordar e Comemorar. A raiz tanatológica dos ritos comemorativos. **Mimezis**, v.23, n.2, p.13-47, 2002.

_____. **Os passos do homem como restolho do tempo**. Memória e fim do fim da História. Coimbra: Edições Almedina, 2011.

CHARMAZ, Kathy; MILLIGAN, Melinda J. Grief. **New York: Springer**. In: TURNER, Jonathan H. e STETS, Jan E. Handbook of the sociology of Emotions. New York: Springer, p. 516-538, 2007. (Tradução nossa)

CLEMENTINO DE SOUZA, Elizeu. **Territórios das escritas do eu: pensar a profissão – narrar a vida**. Educação, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 213-220, maio/ago. 2011.

CLOT, Yves. **Trabalho e poder de agir**. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

COE, Agostinho Junior Holanda. **Nós, os ossos que aqui estamos pelos vossos esperamos**. Fortaleza: Outros Tempos. 2008. p. 97-111. Disponível em: <<http://www.outrostempos.uema.br/volume02/vol02art08.pdf>>. Acesso em: 05 jun. 2020.

COSTA, Fernando Braga. **Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social**. São Paulo: Globo, 2008.

_____. **Moisés e Nilce: retratos biográficos de dois garis - Um estudo de psicologia social a partir de observação participante e entrevistas**. Universidade de São Paulo Instituto de Psicologia. São Paulo, 2008.

CUPPER, Maria Terezinha da Rosa. **Educação e Cultura: Leitura do Cemitério de São João Batista – Manaus/AM**. Universidade Federal do Amazonas (Dissertação Mestrado em Educação), Manaus, 2009.

DE CERTEAU, Michel. **A Cultura no Plural**. Campinas: Papiurus, 1995.

_____. **A Invenção do Cotidiano**. Artes de Fazer. 4ª ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

FRANCO, Clarissa. **A cara da morte: imaginário fúnebre no relato de sepultadores de São Paulo**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP. São Paulo, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

GENNEP, Arnold Van. **Os ritos de passagem**. Petrópolis, Vozes, 2011.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

GONÇALVES FILHO, José Moura. **Humilhação Social**: um problema político em psicologia. **Psicologia USP**. v. 9 n. 2. São Paulo, 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65641998000200002&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 02 maio 2021.

GRASSI, Clarissa. **Um olhar... A arte no silêncio**. Curitiba: Curitiba, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. (Tradução: Beatriz Sidou). São Paulo: Centauro, 2006. p. 100-101.

HALL, Thomas. **Epitáfios**. Disponível em: <<http://4sanimeclub.forumativo.com/cantinho-4s-f6/epitafios-t1081.htm>> Acesso em: 16 dez. de 2020.

HUGHES, E. C. **Man and their work**. Glencoe: Free Press, 1958. (Tradução nossa). Disponível em: <<https://ia600207.us.archive.org/21/items/mentheirwork00hugh/men-theirwork00hugh.pdf>>. Acesso em: 4 jan. 2021.

LANDSBERG, Paul Ludwig. **Ensaio sobre a experiência da morte e outros ensaios** (E. S. Abreu; E. Aguiar; C. Benjamin, Trans.). Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

LEBON, Gustave. **Psicologia das massas**. Lisboa: Esquilo, 2005.

LE GOFF, Jacques. **Memória e história**. São Paulo: Unicamp, 1990.

LHUILIER, Dominique. **Negatif Psychosocial et subjectivation contribution a la Clinique du Travail**. Escola de Doutorado, conhecimento e cultura. (Dissertação) Paris, 2002. (Tradução nossa). Disponível em: <www.theses.fr>. Acesso em: 14 dez. 2020.

LIMA, Carlos de. **Caminhos de São Luís**. São Luís: Livraria Vozes, 2007.

LOPES, Claudia Simone Carneiro. **A identidade profissional pela tessitura do discurso de funcionários/as da escola pública estadual no Programa Profucionário**. Universidade Federal do Maranhão, Programa de Pós-Graduação Mestrado Interdisciplinar Cultura e Sociedade. (Dissertação Mestrado), São Luís, 2014.

LUCCHIARI, Dulce Helena Penna Soares. **Pensando e vivendo a orientação profissional**. São Paulo: Summus Editorial, 1993.

MANSK, Erli. **A ritualização das passagens da vida**: desafios para a prática litúrgica da Igreja. São Leopoldo: EST/PPG, 2009. p. 18-23, 82-85.

MARQUES, Wilson. **Quem tem medo de Ana Jansen?** São Luís: 2006.

- MATOS, B. A. **Avaliação da Ocorrência e do Transporte de Microrganismos no Aquífero Freático do Cemitério de Vila Nova Cachoeirinha, Município de São Paulo.** (Tese Doutorado). Instituto de Geociências, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- MARANHÃO. PORTARIA/SES/MA Nº 202, DE 30 DE MARÇO DE 2020. Disciplina o procedimento preventivo no manuseio de cadáveres cujo óbito foi decorrente de suspeita ou confirmação do novo Coronavírus (COVID-19) no âmbito do Estado do Maranhão.
- MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **Classificação Brasileira de Ocupações** (2010). Disponível em: <<https://www.ocupacoes.com.br/cbo-mte/516610-sepultador>>. Acesso em: 02 nov. 2020.
- MOTOYAMA, Erikca. P. **Construção de Significado familiar diante da violação de túmulo.** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Dissertação Mestrado em Psicologia Clínica), São Paulo, 2017.
- MORAES, Allana Pessanha. **Educação Patrimonial: Uma proposta curricular.** Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (Monografia Bacharelado em Ciência da Educação). Campos dos Goytacazes, RJ, 2005.
- MORIN, Edgar. **O Homem e a Morte.** Rio de Janeiro: Imago, 1970.
- NOGUEIRA, Renata. **Elos de memória: passado e presente, cemitério e sociedade. Vivência: Revista de Antropologia.** v. 1 n. 39. p. 81-89. 2012.
- _____. **Quando um cemitério é patrimônio cultural.** Programa de pós-graduação em Memória Social - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. (Dissertação de mestrado). Rio de Janeiro, 2013.
- NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares.** São Paulo: PUC/SP, n.10, 1993.
- NUNES, J. H. **Dilemas identitários no mundo dos serviços: da invisibilidade à interação.** **Sociologias.** Porto Alegre, ano 16, n. 35, p. 238-273, jan./abr. 2014.
- NOBERTO, Antonio; VASCONCELOS, Aline. **Turismo nos Cemitérios do Brasil: um resgate da memória nacional.** São Luís: s.ed., 2010.
- OLIVEIRA, Maria Manuel. **In memoriam, na cidade.** Universidade do Minho (Tese de Doutorado), 2007.
- OLIVEIRA, F.G. **Do “trabalho sujo” à bela obra: O que é triar materiais recicláveis? Um estudo em Psicossociologia do Trabalho.** Programa de Pós-Graduação em Psicologia – UFMG (Tese de Doutorado), Belo Horizonte, 2016.
- OLIVEIRA, Magnólia Ramos de. **Morte e Mortificação Social: Uma Análise das Transformações do Luto em uma Comunidade Popular Católica.** Universidade Federal de Campina Grande (Dissertação), Campina Grande, 2016.
- OSMAN, Samira Adel; RIBEIRO, Olivia Cristina Ferreira. **Arte, história, turismo e lazer nos cemitérios.** Belo Horizonte: Licere, 2007.

PACHECO, A. **Cemitério e o meio ambiente tema de livre docência**. Universidade de São Paulo - Instituto de Geociências, São Paulo, 2000.

PIMENTA, Melissa de Mattos; OLIVEIRA, Régia Cristina. **Os constrangimentos do corpo na interação social: o nojo**. In: MARTINS, José de Souza et alli. Vergonha e decoro na vida cotidiana da metrópole. São Paulo: Hucitec, 1999.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, 1992.

_____. **Memória, esquecimento, silêncio**. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, 1989.

RABELO, Elizabeth Avelino. **Morte e mundo-da-vida: análise fenomenológica de experiências de coveiros no Cemitério do Bonfim**. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (Dissertação mestrado). Belo Horizonte, 2014.

REZENDE, João Dias. **Cemitério: um museu a céu aberto (I Parte)**, 2012. Disponível em: <<http://joaopecegueirodias.blogspot.com/2012/03/cemiterio-um-museu-ceu-aberto-iparte.html>>. Acesso em 10 dez. 2020.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da Morte**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

RODRIGUES, C. **Lugares dos Mortos nas Cidades dos Vivos**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultural, Coleção Biblioteca Carioca, 1997.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Tradução de Lourdes Santos Machado. Introdução e notas de Paul Arbousse-Bastide e Lourival Gomes Machado. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Coleção Os pensadores). Publicação original: 1754.

SANTANA, Fabíola de Jesus Soares. **A tradição discursiva epitáfio em lápides tumulares**. Recife: UFPE, 2009.

SANTO, José Marcelo de Espírito. **A Última Arte**. São Luís: DAC UFMA, 2000.

SANTOS, M. **O Espaço e o Cidadão**. São Paulo: Nobel, 1999.

SANTOS, G. T.; OLIVEIRA, M. S. **Estigmas e representações sociais: desafios para a interação entre professores e alunos com Síndrome de Down**. **Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**. Macapá, n. 5, p. 55-69, dez. 2012.

SCARTEZINI, Natalia. **Introdução ao método de Pierre Bourdieu**. Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais. São Paulo: Universidade Estadual Paulista - UNESP, n. 14 e 15, pp. 25-37, 2011.

SCHWARTZ, Yves. Trabalho e uso de si. **Pró-Posições**. vol. 1. n. 05. jul 2000.

SEVERO, Ana Luiza Felix; MAIA, Fernando Joaquim Ferreira; GUIMARÃES, Patrícia Borba Vilar. **O estigma da atividade de catador de material reciclável no ambiente**

urbano: uma análise na ótica de Erving Goffman sobre o “lixo extraordinário. **Revista de Direito da Cidade**, vol. 09, nº 4. 2002. p. 2002-2022.

SILVA, Juremir Machado da. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

SILVA, Frankleudo Luan de Lima; SOUZA, Paulo Cesar Zambroni de; ARAÚJO, Anísio José da Silva; PINTO, Francinaldo do Monte. **Estigmatização e Riscos no Trabalho dos Necrotomistas**. *Psic.: Teor. e Pesq.* vol.32 no.1 Brasília jan./mar. 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-37722016012302133141>>. Acesso em: 25 out. 2020.

SILVA MATTOS, Márcio Júlio da. **Reconhecimento, Identidade e Trabalho Sujo na PMDF**. Programa de pós-graduação em Sociologia. Universidade de Brasília (Dissertação). Brasília, 2012.

STECANELA, Nilda. **O cotidiano como fonte de pesquisa nas ciências sociais**. *Conjectura*, v. 14, n. 1, jan./maio 2009.

THOMPSON, Barbara. **Nos portões, lápides e cruzeiros das almas:** Rituais de Umbanda e multiplicidade cultural no cemitério público Santo Antônio, em Vitória- ES. IV Seminário de Ciências Sociais - PGCS UFES. 05 a 08 de novembro de 2019, UFES, Vitória-ES.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

TOLFO, S.R; PICCININI, V. **Sentidos e significados do trabalho:** explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. **Psicologia e Sociedade**. Edição especial. p. 38-46, 2007.

TURNER, Victor. **O Processo Ritual:** Estrutura e antiestrutura. Petrópolis: Vozes, 1974.

VASCONCELOS, Aline. **Cemitério do Gavião:** um museu a céu aberto como alternativa de visitação em São Luís. São Luís: CEUMA, 2004.

VALLADARES, Clarival do Prado. **Arte e sociedade nos cemitérios brasileiros**. Brasília: MEC-RJ, 2004.

WENGER, Etienne. **Comunidades de prática:** aprendizagem, significado e identidade. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. (Tradução nossa). Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/225256730_Wenger_E_1998_Communities_of_practice_Learning_meaning_and_identity>. Acesso em: 15 jan. 2021. Título original: Communities of practice: learning, meaning and identities.

ZELENOVIC, Cláudia Cristina Modesto. **Representações e emoções de coveiros portugueses face à morte**. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Fernando Pessoa (Dissertação de Mestrado). Porto, 2008.

ZIMMERMANN, Cintia Alen. **Memória e identidade - Da Praça Pádua Salles em Amparo**. Faculdade de São Paulo, 2006.